

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CAMPUS SANT'ANA DO LIVRAMENTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

**MAITÊ GUIMARÃES PINTO**

**AINDA SOU EU, MAS AGORA MÃE! RECONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS NO  
RETORNO AO TRABALHO PÓS-MATERNIDADE**

**Sant'Ana do Livramento, RS  
2026**

**MAITÊ GUIMARÃES PINTO**

**AINDA SOU EU, MAS AGORA MÃE! RECONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS NO  
RETORNO AO TRABALHO PÓS-MATERNIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Administração.

Orientadora: Profa. Dra. Carolina Freddo Fleck

Coorientadora: Profa. Dra. Katiuscia Schiemer Vargas

**Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .**

P659a Pinto, Maitê Guimarães  
AINDA SOU EU, MAS AGORA MÃE! RECONFIGURAÇÕES  
IDENTITÁRIAS NO RETORNO AO TRABALHO PÓS-MATERNIDADE /  
Maitê Guimarães Pinto.  
132 p.  
  
Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do  
Pampa, MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO, 2026.  
"Orientação: Carolina Freddo Fleck".  
  
1. maternidade. 2. trabalho. 3. retorno ao  
trabalho. 4. teoria fundamentada em dados. 5. análise  
sociológica do discurso. I. Título.

**MAITÊ GUIMARÃES PINTO**

**Ainda sou eu, mas agora mãe! Reconfigurações identitárias  
no retorno ao trabalho pós-maternidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Administração.

Dissertação defendida e aprovada em: 23, fevereiro de 2026.

Banca examinadora:

---

**Profa. Dra. Carolina Freddo Fleck**

Orientadora  
(UFSM)

---

**Profa. Dra. Kathiane Benedetti Corso**

(Unipampa)

---

**Profa. Dra. Vania de Fátima Barros Estivaleta**

(UFSM)



Assinado eletronicamente por **CAROLINA FREDDO FLECK** **Usuário Externo**, em 10/03/2026, às 22:24, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.

---

[https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador.php?acao=procedimento\\_trabalhar&acao\\_origem=procedimento\\_controlador&acao\\_retorno=procedime...](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador.php?acao=procedimento_trabalhar&acao_origem=procedimento_controlador&acao_retorno=procedime...) 1/2 11/03/2026, 09:03  
SEI/UNIPAMPA - 1986755 - SISBI/Folha de Aprovação



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1986755** e o código CRC **C27578F5**.

---

## DEDICATÓRIA

*Às mulheres que são ou serão mães. Que a força da maternidade encontre apoio, respeito e um mundo que não exija de vocês a renúncia de si.*

## AGRADECIMENTOS

Quantas mãos, quantas mães, são necessárias para uma pesquisa?

A minha foi construída com muitas. Algumas, que o tempo sequer permitiu que eu entrevistasse. Outras, que eu ouvi por longos minutos, com atenção, respeito e emoção compartilhada. Também houve aquelas que, de algum modo, permaneceram comigo enquanto eu escrevia cada parágrafo desta dissertação. A minha mãe biológica, que não pôde viver mais do que 24 anos nesta vida, mas que segue comigo de alguma forma. A minha mãevó, que abdicou de tanto em prol dos filhos e viveu uma das dores mais profundas que uma mãe pode enfrentar, a perda. As mães que eu vejo por aí, diariamente, enfrentando medos e vencendo desafios, muitas vezes em silêncio. São tantas. No âmbito pessoal, preciso registrar o quanto me senti conduzida pela Mãe Divina, Nossa Senhora, na certeza de proteção e amparo nos meus caminhos. Mas, acima de tudo, meu agradecimento precisa ir para cada mulher que cedeu um pouco do seu tempo, da sua história e do seu percurso para esta pesquisa. Minhas “estrelas”, protagonistas deste estudo, cada uma com seu olhar, seu contexto e sua lição. O quanto é possível aprender com vocês, eu não sei. Sei, porém, que pude desaprender. Desaprendi regras prontas, desaprendi diálogos vazios e, principalmente, desaprendi a necessidade constante de ser aprovada socialmente. O que me ensinaram, eu ainda espero conseguir colocar em palavras. Hoje, eu agradeço, com sinceridade, por cada narrativa compartilhada, por cada silêncio respeitado, por cada lembrança confiada, e por terem permitido que esta dissertação existisse.

Ao meu "paivô", meu símbolo de paternidade, o meu obrigada, pelas abdições e pelas privações em prol da minha educação. À minha "mãevó", o meu obrigada, por ser minha “plateia de mil lugares” e nunca me permitir bambear na minha trajetória. Tudo por e para vocês, sempre. Meu amor ultrapassa fronteiras, desafia o tempo e sobrevive a qualquer embate. Em qualquer lugar em que estivermos, que a força do quanto eu amo vocês sempre resplandeça e lhes lembre a minha gratidão.

Ao meu companheiro de vida, obrigada. O que dizer de uma pessoa que divide sonhos, medos e planos comigo sem hesitar, mesmo diante das mudanças, das reflexões e dos novos caminhos?! Minha gratidão por ter te encontrado é impossível de explicar. O que estamos construindo vai além do que poderíamos dizer em qualquer parágrafo. Te amo, Dan!

Carol e Kati, "minhas" doutoras, como eu poderia agradecer sem parecer pouco? Quanta ajuda, generosidade, paciência e, acima de tudo, confiança. Vocês confiaram em mim quando eu mesma desacreditei. Me conduziram sem nunca retirar minha liberdade de pesquisa. Quando

olho para trás, sinto que ninguém poderia ter tido mais sorte do que eu. Obrigada, mil vezes. O “norte” que me deram vai além de uma orientação.

Rogério, o que eu posso te dizer além de obrigada? Madrugadas de estudo, revisões, conversas sobre teorias. Tiveste que "aprender" sobre um tema que sequer é do teu interesse para poder dialogar comigo, e fizeste isso sem reclamar. Uma amizade que sobrevive às mudanças de fase, estivemos juntos das festas às formaturas e vamos estar unidos também nos próximos passos. Gracias, sempre!

Aos amigos que me auxiliaram, apoiaram e me deram força nesse percurso, o meu agradecimento. Que a ausência de citação não seja entendida como esquecimento.

À CAPES, o agradecimento pelo financiamento de dois anos. Que a ciência brasileira seja sempre valorizada e siga rumo à ascensão.

Ao PPGA, obrigada por oferecer essa possibilidade de titulação, por me permitir o (re)encontro com a Administração e ter me colocado de volta ao meu caminho "certo".

Por último, mas jamais menos importante, e sim porque hesitei até o fim em escrever esse parágrafo: Senhor meu Deus, obrigada pela força, pela coragem, pela resiliência! Aos meus Santos de devoção, quanta coragem me deram! São Josemaria, São Carlo Acutis, Nossa Senhora Aparecida, que minha vida seja reflexo do meu testemunho. Quanto amor pode vir dos Céus? Eu conheci esse amor e fui salva por Ele.

Esta pesquisa não foi feita sozinha. Existem muitos por trás de uma mestranda. E esse título será de vocês, muito mais do que meu.

*Pôr um filho no mundo é um compromisso de longo prazo que implica dar prioridade a ele. É a decisão mais perturbadora que um ser humano é levado a tomar na vida. A sabedoria exigiria, pois, que ele pensasse duas vezes e se interrogasse seriamente sobre sua capacidade altruística e sobre o prazer que ele pode obter disso. É sempre assim?*

(Elisabeth Badinter)

## RESUMO

O retorno ao trabalho após a maternidade não se configura apenas como uma transição individual, mas como um processo socialmente situado, atravessado por condições materiais, expectativas simbólicas e arranjos cotidianos de cuidado. Nesse contexto, a maternidade reorganiza temporalidades, responsabilidades e sentidos atribuídos ao trabalho, produzindo tensões e reinterpretções identitárias nas narrativas das mulheres. Assim, o presente estudo teve como objetivo compreender como mulheres-mães significaram o retorno ao trabalho no período pós-maternidade, considerando os atravessamentos simbólicos, materiais e subjetivos que estruturam essa experiência. Para tanto, definiram-se como objetivos específicos: a) analisar como o cansaço, a sobrecarga e a gestão do tempo foram narrados no retorno ao trabalho; b) identificar o papel das redes de apoio materiais e simbólicas na sustentação do cotidiano pós-maternidade; e c) compreender os processos de resignificação mobilizados pelas participantes, incluindo a religiosidade e a espiritualidade. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório-interpretativo, desenvolvida a partir de entrevistas em profundidade realizadas com mulheres-mães inseridas no mercado de trabalho, cujos relatos compuseram o corpus analítico da investigação. O percurso metodológico foi orientado pela Teoria Fundamentada em Dados, enquanto a análise do material empírico foi conduzida por meio da Análise Sociológica do Discurso (ASD), vinculada à Tradição Espanhola de Pesquisa Social Qualitativa. Quanto aos resultados, o retorno ao trabalho no pós-maternidade foi narrado como um processo marcado por cansaço persistente e sobrecarga, associados à sobreposição de demandas de cuidado, trabalho remunerado e gestão da rotina doméstica. O cansaço emergiu como marcador transversal das narrativas, sendo interpretado não como atributo individual, mas como efeito situado de arranjos de cuidado, condições materiais e exigências simbólicas. As redes de apoio mostraram-se decisivas para a sustentação do cotidiano, operando em dimensões materiais e simbólicas, cuja articulação modulou a intensidade da sobrecarga. A religiosidade e a espiritualidade também emergiram, em parte das narrativas, como suportes simbólicos mobilizados pelas participantes para resignificar as rupturas identitárias associadas à maternidade. A partir da articulação das categorias analíticas, propôs-se um modelo interpretativo que evidenciou que o alinhamento entre suporte material e simbólico favorece a reorganização do cotidiano, enquanto seu desalinhamento intensifica tensões e vivências ambivalentes no retorno ao trabalho.

**Palavras-chave:** maternidade; trabalho; retorno ao trabalho; teoria fundamentada em dados; análise sociológica do discurso.

## ABSTRACT

The return to work after maternity does not constitute merely an individual transition, but rather a socially situated process shaped by material conditions, symbolic expectations, and everyday arrangements of care. In this context, motherhood reorganizes temporalities, responsibilities, and the meanings attributed to work, producing tensions and identity reinterpretations in women's narratives. Thus, the present study aimed to understand how working mothers made sense of their return to work in the post-maternity period, considering the symbolic, material, and subjective dimensions that structure this experience. To this end, the following specific objectives were defined: (a) to analyze how fatigue, overload, and time management were narrated in the return to work; (b) to identify the role of material and symbolic support networks in sustaining everyday life after maternity; and (c) to understand the processes of re-signification mobilized by the participants, including religiosity and spirituality. The study is characterized as a qualitative research of an exploratory-interpretive nature, developed through in-depth interviews with working mothers inserted in the labor market, whose accounts composed the analytical corpus of the investigation. The methodological approach was guided by Grounded Theory, while the analysis of the empirical material was conducted through Sociological Discourse Analysis (SDA), linked to the Spanish Tradition of Qualitative Social Research. Regarding the results, the return to work in the post-maternity period was narrated as a process marked by persistent fatigue and overload, associated with the overlapping demands of caregiving, paid work, and the management of domestic routines. Fatigue emerged as a transversal marker across the narratives and was interpreted not as an individual attribute, but as a situated effect of care arrangements, material conditions, and symbolic expectations. Support networks proved to be decisive in sustaining everyday life, operating in both material and symbolic dimensions, whose articulation modulated the intensity of overload. Religiosity and spirituality also emerged, in part of the narratives, as symbolic supports mobilized by participants to reinterpret identity ruptures associated with motherhood. From the articulation of the analytical categories, an interpretive model was proposed showing that the alignment between material and symbolic support favors the reorganization of everyday life, while their misalignment intensifies tensions and ambivalent experiences in the return to work.

**Keywords:** motherhood; work; return to work; grounded theory; sociological discourse analysis.

## RESUMÉN

El retorno al trabajo después de la maternidad no se configura únicamente como una transición individual, sino como un proceso socialmente situado, atravesado por condiciones materiales, expectativas simbólicas y arreglos cotidianos de cuidado. En este contexto, la maternidad reorganiza temporalidades, responsabilidades y los sentidos atribuidos al trabajo, produciendo tensiones y reinterpretaciones identitarias en las narrativas de las mujeres. Así, el presente estudio tuvo como objetivo comprender cómo mujeres-madres significaron el retorno al trabajo en el período posmaternidad, considerando los atravesamientos simbólicos, materiales y subjetivos que estructuran esta experiencia. Para ello, se definieron como objetivos específicos: a) analizar cómo el cansancio, la sobrecarga y la gestión del tiempo fueron narrados en el retorno al trabajo; b) identificar el papel de las redes de apoyo materiales y simbólicas en la sustentación de la vida cotidiana posmaternidad; y c) comprender los procesos de resignificación movilizados por las participantes, incluyendo la religiosidad y la espiritualidad. El estudio se caracteriza como una investigación cualitativa, de carácter exploratorio-interpretativo, desarrollada a partir de entrevistas en profundidad realizadas con mujeres-madres insertas en el mercado laboral, cuyos relatos conformaron el corpus analítico de la investigación. El recorrido metodológico fue orientado por la Teoría Fundamentada en Datos, mientras que el análisis del material empírico fue realizado mediante el Análisis Sociológico del Discurso (ASD), vinculado a la Tradición Española de Investigación Social Cualitativa. En cuanto a los resultados, el retorno al trabajo en el período posmaternidad fue narrado como un proceso marcado por cansancio persistente y sobrecarga, asociados a la superposición de demandas de cuidado, trabajo remunerado y gestión de la rutina doméstica. El cansancio emergió como un marcador transversal en las narrativas, siendo interpretado no como un atributo individual, sino como un efecto situado de los arreglos de cuidado, las condiciones materiales y las exigencias simbólicas. Las redes de apoyo se mostraron decisivas para la sustentación de la vida cotidiana, operando en dimensiones materiales y simbólicas, cuya articulación moduló la intensidad de la sobrecarga. La religiosidad y la espiritualidad también emergieron, en parte de las narrativas, como soportes simbólicos movilizados por las participantes para resignificar las rupturas identitarias asociadas a la maternidad. A partir de la articulación de las categorías analíticas, se propuso un modelo interpretativo que evidenció que el alineamiento entre el soporte material y simbólico favorece la reorganización de la vida cotidiana, mientras que su desalineamiento intensifica tensiones y vivencias ambivalentes en el retorno al trabajo.

**Palabras clave:** maternidad; trabajo; retorno al trabajo; teoría fundamentada; análisis sociológico del discurso.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Estrutura geral da pesquisa
- Figura 2 – Estrutura geral da pesquisa nos três domínios de desenvolvimento
- Figura 3 – Processo de entrevistas de acordo com a TFD *charmaziana*
- Figura 4 – Processo analítico para construção das conjecturas
- Figura 5 - Plano prático de ASD
- Figura 6 – Temáticas iniciais que orientam a consolidação das conjecturas analíticas
- Figura 7 – Posicionamentos discursivos - configuração familiar das mulheres-mãe
- Figura 8 – Posicionamentos discursivos em torno do planejamento e da culpa na maternidade
- Figura 9 - A base da maternidade no trabalho
- Figura 10 - O papel da espiritualidade e religiosidade no contexto da maternidade
- Figura 11 - Posicionamentos discursivos em torno da sobrecarga, cansaço e gestão do tempo no retorno ao trabalho
- Figura 12 - Redes de sustentação no pós-maternidade (eixo material e eixo simbólico)

## **LISTA DE QUADROS**

- Quadro 1 - Comparação das vertentes da Teoria Fundamentada em Dados (TFD)
- Quadro 2 - Caracterização das mulheres participantes
- Quadro 3 - Convenções simbólicas utilizadas nas transcrições
- Quadro 4 - Trabalhos práticos iniciais
- Quadro 5 – Estilos discursivos da moralização de planejamento e responsabilização da maternidade
- Quadro 6 – Estilos discursivos das redes de apoio como condição de sustentação
- Quadro 7 – Estilos discursivos da religiosidade e espiritualidade enquanto rede simbólica
- Quadro 8 – Estilos discursivos do cansaço materno

## **LISTA DE APÊNDICES**

APÊNDICE A – GUIA DE ROTEIRO DA ENTREVISTA – PRIMEIRO CICLO

APÊNDICE B – GUIA DE ROTEIRO DA ENTREVISTA – SEGUNDO CICLO

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

APÊNDICE D – EXEMPLO DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM CONVENÇÕES SIMBÓLICAS

APÊNDICE E – EXEMPLO DE CADERNO DE CAMPO (ON-LINE E FÍSICO)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1 PROBLEMÁTICA .....	16
1.2 OBJETIVOS NORTEADORES DA PESQUISA.....	17
1.3 JUSTIFICATIVA .....	18
<b>2 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>24</b>
2.1 MÉTODO E POSTURA EPISTEMOLÓGICA.....	26
2.2 SUJEITOS DA PESQUISA: RECRUTAMENTO, CARACTERIZAÇÃO E CRITÉRIOS DE INCLUSÃO.....	33
2.3 ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO DISCURSO: CAMINHOS PRÁTICOS ADOTADOS NA ANÁLISE DOS DADOS .....	37
<b>3 CONCEITOS SENSIBILIZADORES.....</b>	<b>44</b>
3.1 GÊNERO.....	45
3.2 MATERNIDADE.....	47
3.3 TRABALHO .....	49
<b>4 ATRAVESSAMENTOS DA MATERNIDADE NO TRABALHO .....</b>	<b>51</b>
4.1 MATERNIDADE, PLANEJAMENTO E RESPONSABILIZAÇÃO .....	60
4.2 REDES DE APOIO COMO CONDIÇÃO DE SUSTENTAÇÃO DO RETORNO AO TRABALHO .....	69
4.3 RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE COMO SUPORTE SIMBÓLICO .....	75
4.4 SOBRECARGA, CANSAÇO E GESTÃO DO TEMPO NO RETORNO AO TRABALHO	81
<b>5 ARTICULAÇÃO ANALÍTICA E MODELO INTERPRETATIVO.....</b>	<b>89</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>93</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>97</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao observar a história social da maternidade, percebe-se que o lugar atribuído às mulheres e às mães nunca foi neutro, tampouco fixo, já que se constituiu em meio a arranjos culturais, morais e econômicos que regulam expectativas sobre cuidado, família e trabalho (Engels, 1884; Bruschini, 2007; Hirata; Kergoat, 2007; Biroli; Miguel, 2014; Moreira, 2019). Em distintos períodos, a maternidade foi associada a deveres, virtudes e papéis sociais que reforçavam a centralidade da mulher como responsável pelo cuidado e pela vida doméstica, ao mesmo tempo em que limitações materiais e simbólicas demarcavam o que seria considerado uma “boa mãe”, uma “boa mulher” e uma família “adequada” (Badinter, 2011).

Com o avanço de transformações no contexto mundial, se tornou cada vez mais evidente e marcante a presença de mulheres em ocupações laborais formais e informais, inclusive em trajetórias de carreira que demandam continuidade, desempenho e disponibilidade (Bidarte; Fleck; Disconzi, 2022). A partir desse cenário, a maternidade deixou de ser apenas uma experiência íntima ou familiar e passou a atravessar diretamente dimensões de pertencimento profissional, reconhecimento social e organização do cotidiano (Zagefka *et al.*, 2021). A conciliação entre demandas do trabalho e do cuidado, contudo, não ocorreu – e ainda não ocorre – de forma homogênea, pois depende de condições de classe, arranjos familiares, redes de apoio, políticas organizacionais e moralidades sociais que continuam atribuindo à mãe um lugar privilegiado de responsabilização (Badinter, 2011).

No final do século XX e início do século XXI, intensificaram-se debates sobre o conflito trabalho-família e sobre as desigualdades de gênero que organizam a distribuição do cuidado. Para Badinter (2011), a mulher entra em conflito quando precisa (re)negociar suas próprias reivindicações, sendo necessário que opte pelos desejos de mulher ou seus deveres enquanto mãe, não restando uma opção de “equilíbrio”. Ainda que mudanças institucionais e jurídicas tenham ampliado direitos e reconhecimentos relacionados à família e ao trabalho (Brasil, 1988), persistem tensões que se expressam na prática, seja pela penalização simbólica (Bourdieu, 1989) de mães no ambiente organizacional, seja pela naturalização de sobrecargas e pela expectativa de que as mulheres mantenham desempenho “como se não tivessem filhos”, ao mesmo tempo em que cuidam “como se não trabalhassem” (Lisauskas, 2015).

É importante demonstrar que a maternidade constitui uma experiência socialmente situada, atravessada por normas culturais, expectativas morais e arranjos institucionais que extrapolam o âmbito privado e incidem diretamente sobre a vida social e profissional das mulheres. Longe de se configurar apenas como um evento biográfico, a maternidade mobiliza

reorganizações profundas nas rotinas, nas prioridades e nas formas de inserção no mundo do trabalho, colocando em tensão demandas produtivas e exigências de cuidado. Em contextos marcados por desigualdades de gênero persistentes, a experiência materna tende a ser acompanhada por pressões simbólicas e materiais que naturalizam a responsabilização feminina pelo cuidado, ao mesmo tempo em que mantêm expectativas profissionais inalteradas. Esse cenário evidencia que a maternidade não pode ser compreendida de forma isolada, mas como um fenômeno relacional, historicamente construído e profundamente imbricado às dinâmicas do trabalho e da organização social (Badinter, 2011).

Diante desse contexto, esta pesquisa trata da identidade social pós-maternidade e de sua relação com o trabalho, compreendendo que tornar-se mãe implica processos de reorganização de si, de deslocamentos identitários e de negociações de pertencimento. Utiliza-se aqui a expressão identidade social pós-maternidade para referir-se ao modo como as mulheres-mães narram, interpretam e reconstróem sua posição social após a maternidade, em interação com expectativas sociais, vínculos familiares, redes de apoio e exigências do mundo do trabalho (Ashforth; Mael, 1989; Conde, Felix, Moreira, 2023). De modo articulado, entende-se conflito trabalho-família como a tensão produzida quando demandas de diferentes domínios de vida se sobrepõem e competem, gerando impactos na organização do cotidiano, na experiência emocional e na forma como o trabalho é exercido e significado (Carlson; Kacmar; Williams, 2000; Andrade *et al.*, 2019).

Ainda, cabe ressaltar que a maternidade, embora experienciada de modo singular, é atravessada por estruturas sociais que operam por normas, valores e julgamentos (Badinter, 2011), por isso, a pesquisa não parte do pressuposto de uma maternidade única, nem de um retorno ao trabalho padronizado, mas reconhece múltiplas trajetórias e diferentes condições de sustentação do cuidado. Nesse sentido, dimensões como redes de apoio, condições materiais de assistência, reconhecimento simbólico e moralidades sobre planejamento, mérito e responsabilidade tornam-se chaves para compreender como as mulheres-mães organizam narrativamente seus percursos e atribuem sentidos à própria experiência.

Apesar da relevância do tema, observa-se uma lacuna em estudos que articulem, de modo integrado, o conflito trabalho-família às implicações identitárias e aos modos de organizar e exercer o trabalho por mulheres-mães no período pós-maternidade. Parte das pesquisas tende a enfatizar aspectos instrumentais de conciliação (Cross; Darcy; Garavan, 2024; Gupta; Kirton; Sian, 2025), enquanto outras se concentram em dimensões subjetivas sem explorar como discursos, vínculos e contextos sociais se combinam na construção de sentido

(Haynes, 2008; Cadsby; Servátka; Song, 2013; Chib *et al.*, 2014; Kuschel, 2019; Rojas Gaviria *et al.*, 2019; Ysseldyk *et al.*, 2019; Zagefka *et al.*, 2021; Massey; Whitehead, 2022; Gottardello, 2023; LazzaroSalazar; Barros, 2024; Van Egdom *et al.*, 2024; Cross; Darcy; Garavan, 2025; Freney *et al.*, 2025). Assim, permanece a necessidade de análises que considerem simultaneamente as condições sociais que moldam o retorno ao trabalho e os deslocamentos identitários narrados pelas mulheres, com atenção aos repertórios morais, às justificativas e aos posicionamentos presentes em seus relatos.

A escolha do foco desta pesquisa foi orientada por uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL), realizada e apresentada no projeto de qualificação, com o objetivo de mapear o estado da arte sobre a relação entre maternidade e identidade social no contexto do trabalho. A RSL teve como finalidade identificar, analisar e sintetizar a produção acadêmica internacional sobre a temática, buscando confirmar a inexistência de argumentos teóricos consolidados que abordassem, de forma integrada, os processos identitários vivenciados por mulheres-mães no retorno ao trabalho. As buscas foram conduzidas nas bases *Scopus* e *Web of Science*, sem delimitação de data inicial e com recorte até fevereiro de 2025, a partir de strings que combinam os termos “*social identity*”, “*identity theory*”, “*motherhood*” e “*maternity*”, contemplando variações relacionadas à construção e à transição identitária.

O processo de seleção dos estudos seguiu critérios metodológicos rigorosos, considerando apenas artigos científicos revisados por pares, com acesso público, publicados em inglês ou português e inseridos nas áreas das ciências sociais e humanas. A busca inicial resultou em 82 documentos na *Scopus* e 70 na *Web of Science*, que, após aplicação de filtros, leitura de resumos e remoção de duplicidades, foi refinada para um conjunto final de 13 artigos analisados em profundidade. A análise combinou procedimentos bibliométricos, por meio do pacote *Bibliometrix* no ambiente *R* e do software *VOSviewer*, com análise qualitativa de conteúdo. Os resultados da revisão evidenciaram a escassez de estudos que tratem a identidade como um fenômeno relacional articulado à maternidade no contexto do trabalho, especialmente no campo da Administração, reforçando a relevância e a pertinência da investigação desenvolvida nesta dissertação.

A partir desse cenário geral, esta pesquisa busca se debruçar sobre as temáticas da maternidade entrelaçadas com o contexto do trabalho. E, para isso, adota-se a Teoria Fundamentada em Dados de vertente construtivista (Glaser; Strauss, 1967; Strauss; Corbin, 2008; Charmaz, 2009; Creswell, 2014), que favorece a emergência analítica de categorias a partir do *corpus*, articulada à Análise Sociológica do Discurso (ASD) como técnica

interpretativa sensível às formas de dizer, aos posicionamentos e aos efeitos de sentido, com foco na Tradição Espanhola de Pesquisa Social Qualitativa (Conde, 2009; Vargas, 2018). Com essa escolha, pretende-se contribuir para o avanço do debate sobre maternidade e trabalho, oferecendo uma leitura situada e rigorosa dos processos identitários que se (re)configuram no retorno ao trabalho pós-maternidade, bem como das condições que sustentam ou fragilizam essa experiência em contextos sociais diversos.

## 1.1 PROBLEMÁTICA

A problemática da reinserção profissional das mulheres-mães não se limita à adaptação em esfera individual, mas envolve também políticas organizacionais amplas e coerentes. Segundo estudos de Machado e Pinho Neto (2016), os efeitos da licença-maternidade no mercado de trabalho formal brasileiro contam com um padrão preocupante, já que, embora a legislação brasileira, no âmbito da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), assegure estabilidade no emprego por um período de cinco meses após o parto (Brasil, 1943), quase metade das mulheres se encontrava fora do mercado formal 47 meses após a licença. O estudo também mostrou que a maioria das demissões ocorre por iniciativa do empregador e não por decisão das mulheres, sugerindo que as empresas tendem a perceber a maternidade como um obstáculo à diversos níveis organizacionais.

Embora o reflexo da maternidade na carreira das mulheres seja amplamente discutido (Weeden; Cha; Bucca, 2016; Yavorsky; Qian; Glauber, 2025), a literatura existente se concentra, predominantemente, nos desafios imediatos do retorno ao trabalho e nas tensões do conflito trabalho-família. No entanto, observa-se uma lacuna na compreensão de como a experiência materna afeta a construção da identidade social dessas mulheres em suas trajetórias profissionais, assim como as intercorrências oriundas do período de transição na díade maternar-trabalhar.

A forma como essas mulheres percebem-se, se posicionam e são reconhecidas socialmente sofre alterações profundas a partir da maternidade, mas essas nuances ainda são pouco exploradas em estudos, especialmente qualitativos, que busquem compreender os sentidos atribuídos a essa vivência e a forma como ela interfere no fator identitário, nas questões de organização pessoal e nos contextos profissionais com a adição da maternidade na rotina da mulher-mãe. Ao negligenciar essa dimensão simbólica e subjetiva, a produção científica pode acabar invisibilizando os efeitos estruturais e emocionais da maternidade sobre os modos de ser, agir e pertencer das mulheres no espaço profissional, inviabilizando um leque de

possibilidades para incluir as mulheres-mães no contexto profissional. A ausência desse olhar aprofundado limita tanto a produção de conhecimento acadêmico sobre o tema quanto a formulação de políticas organizacionais mais equitativas, que ajam de acordo com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2015), especialmente o de Número 5, que trabalha na consolidação da igualdade de gênero.

Dessa forma, esta pesquisa não busca apenas preencher uma lacuna teórica, mas esboçar um **modelo interpretativo** sobre os processos de ressignificação identitária-profissional vivenciados por mulheres após a maternidade, possibilitando uma discussão fundamentada no âmbito da academia, das organizações e, sobretudo, para as próprias mulheres, que muitas vezes carecem de uma escuta atenta e detalhada sobre os deslocamentos subjetivos e sociais que atravessam esse período de transformação.

## 1.2 OBJETIVOS NORTEADORES DA PESQUISA

Respeitando a premissa do método empregado, a TFD, esta pesquisa é guiada por questionamentos exploratórios, e sobretudo, orientada por objetivos problematizadores emergentes da realidade empírica.

Assim, os principais questionamentos norteadores que orientaram a construção desta pesquisa, foram:

- a) Como mulheres que vivenciaram a maternidade experienciam e atribuem significado à sua trajetória profissional, considerando os desafios, adaptações e ressignificações da identidade no contexto do trabalho após esse evento transformador?
- b) Em que momento, e a partir de quais sinais, a mulher percebe que retomou o controle, ou parte dele, de sua trajetória profissional após a maternidade?
- c) Como a maternidade impacta os modos de pertencimento e os sentidos de identidade profissional no ambiente de trabalho?
- d) De que forma a ideia de produtividade é percebida, tensionada e ressignificada pelas mulheres após o retorno ao trabalho?
- e) Como a identidade profissional das mulheres é negociada frente às exigências organizacionais e às dinâmicas familiares, contribuindo teoricamente no contexto das pautas do conflito trabalho-família?
- f) Existe presença (ou ausência) de práticas institucionais que reconheçam as especificidades da maternidade no processo de reinserção e permanência no trabalho? Quais são elas?

Embora essa pesquisa mantenha seu caráter aberto e dinâmico, bem como o seu posicionamento perscrutador diante dos dados empíricos para que sejam estes os direcionadores da construção da teoria, base de uma abordagem calcada na Teoria Fundamentada em Dados, apresentar-se-ão o objetivo geral e os objetivos específicos do trabalho. Eles foram estabelecidos para atender às exigências protocolares de uma pesquisa de dissertação, embora tenham sido observados com criticidade para não comprometer o desenvolvimento correto alinhado com a vertente epistemológica escolhida.

Desse modo, tem-se como **objetivo geral** compreender como mulheres-mães reorganizam suas trajetórias e narrativas no pós-maternidade diante das exigências do trabalho e do cuidado, identificando atravessamentos recorrentes, tensões e estratégias narradas de sustentação. A fim de chegar ao atingimento desse objetivo, foi necessário elencar três **objetivos específicos** que foram balizadores, sendo: **a)** Compreender como as mulheres constroem sentidos sobre sua identidade social no contexto do trabalho após a maternidade; **b)** Analisar como a vivência do retorno ao trabalho após a maternidade pode mobilizar reconfigurações identitárias; **c)** Refletir sobre o papel das estruturas organizacionais e das redes de apoio na mediação do processo de (re)inserção profissional e na construção da identidade de mulheres-mães.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Embora o campo do Comportamento Organizacional e das Relações de Trabalho tenha avançado na discussão sobre gênero, trabalho e família, ainda são poucos os estudos que se debruçam sobre as transformações subjetivas que ocorrem na identidade social das mulheres a partir da experiência materna, visualizando-a como um ser que mantém suas características, desejos e subjetividades além da vivência do materno em si. A identidade, nesse contexto, não pode ser compreendida como algo estático ou único, mas como um processo em constante negociação entre diferentes papéis, expectativas e valores sociais atribuídos à mulher que trabalha e à mulher que materna simultaneamente.

Ademais, a presença de mulheres no mercado de trabalho tem sido amplamente discutida, especialmente em abordagens que problematizam as desigualdades de gênero nas organizações (Moreira, 2019). Contudo, ainda assim, são limitados os estudos que investigam os reflexos da maternidade na construção da identidade profissional feminina. As experiências de mulheres que maternam e trabalham continuam atravessadas por contradições entre as

exigências institucionais e os processos subjetivos de pertencimento, produtividade e posicionamento no ambiente organizacional (Freeneey *et al.*, 2024).

A relevância deste estudo encontra justificativa na necessidade de compreender como essas mulheres vivenciam e interpretam o processo de (re)inserção profissional após a maternidade, em contextos que frequentemente desconsideram as subjetividades dessa experiência ou enxergam meramente como um marco sem a simbologia necessária. O tema se insere nas discussões contemporâneas sobre trabalho, gênero e subjetividade, articulando debates que ultrapassam os limites da conciliação trabalho-família e exigem um olhar atento às dimensões simbólicas da permanência e da legitimação profissional no pós-maternidade.

Além disso, em âmbito individual, a pesquisa se alicerça na inquietude da pesquisadora que, ancorada no olhar sobre os estudos de gênero, enxergou nas mulheres-mães sujeitos de pesquisa que necessitavam não só de um olhar técnico, mas, sobretudo, humanizado, buscando compreender os processos identitários que fazem parte do processo de inclusão da maternidade no contexto profissional e a forma como esses marcos identitários podem apresentar uma ressignificação de um perfil profissional que torna-se mais amplo, complexo e multifacetado.

O trabalho está organizado em capítulos que dialogam diretamente com a abordagem metodológica adotada. Após a introdução, o segundo capítulo apresenta a delimitação conceitual do estudo a partir de conceitos sensibilizadores, que orientam o olhar analítico sem a pretensão de constituir um referencial teórico fechado ou explicativo *a priori*. Esses conceitos operam como lentes iniciais para a compreensão do fenômeno investigado, em consonância com uma perspectiva interpretativa e construtivista. O capítulo metodológico explicita as escolhas de pesquisa, detalhando o método, os procedimentos de produção e análise dos dados e o posicionamento epistemológico da pesquisadora. Na sequência, os capítulos analíticos são dedicados à apresentação e interpretação das narrativas das participantes, articulando condições sociais, experiências de trabalho e deslocamentos identitários no período pós-maternidade. Por fim, o capítulo final retoma os principais achados do estudo, discutindo suas contribuições teóricas e empíricas, bem como seus limites e possibilidades de aprofundamento.

Conforme o contexto supracitado, para explorar essa problemática, a pesquisa adota uma abordagem indutiva e exploratória, tomando como base a Teoria Fundamentada em Dados (TFD) como método de pesquisa e condução do estudo (Glaser; Strauss, 1967; Strauss; Corbin, 2008; Charmaz, 2009; Creswell, 2014). Cabe salientar que a Teoria Fundamentada em Dados é um método qualitativo que propõe um "caminho inverso" de pesquisa, partindo da coleta e análise dos dados para permitir que conceitos e teorias possam emergir diretamente do campo

empírico. Iniciando ao contrário dos testes de hipóteses ou encaixe de teorias prévias, a TFD busca compreender contextos complexos sem pré-disposições, adotando como base os princípios do interacionismo simbólico e das construções sociais como pontos de reflexão, permitindo também uma interação maior entre pesquisado-pesquisador (Charmaz, 2009).

Desenvolvida por Glaser e Strauss (1967) e, posteriormente, ramificada em alguns tipos de abordagens - nesse caso em específico sendo adotada a vertente *charmaziana* (Charmaz, 2009) -, a Teoria Fundamentada em Dados privilegia processos indutivos e iterativos, nos quais coleta e análise de dados ocorrem de forma simultânea e retroalimentada. A metodologia reconhece o papel do pesquisador como um mediador reflexivo, que interpreta os dados sem impor categorias prévias, mas sim analisando as múltiplas possibilidades que emergem.

Para tanto, adota-se nesse estudo uma postura epistemológica construtivista, fundamentando-se na Teoria Fundamentada em Dados a partir das contribuições de diferentes autores. O modelo clássico de Glaser e Strauss (1967) fornece a base inicial da metodologia, enquanto os desenvolvimentos de Corbin e Strauss (2008) ampliam a abordagem analítica, incorporando maior sistematização na construção da teoria. Além disso, a perspectiva construtivista de Charmaz (2009) é incorporada como ponto sólido e, de toda forma, central, para enfatizar a construção conjunta do conhecimento entre pesquisador e participantes, permitindo uma análise interpretativa da experiência das mulheres na resignificação e construção da identidade no período pós-maternidade. Dessa forma, a TFD é utilizada em suas diversas facetas, possibilitando uma investigação dinâmica e profunda sobre esse fenômeno, respeitando a complexidade e as múltiplas dimensões envolvidas.

Cabe salientar que, embora a Teoria Fundamentada em Dados, em sua vertente construtivista, não parta de referenciais teóricos prévios para categorizar os dados, essa pesquisa reconhece a importância de conceitos que atuam como “conceitos sensibilizadores” do olhar da pesquisadora (Charmaz, 2009). Assim, alguns desses conceitos serão explorados no decorrer da pesquisa, a fim de comporem base sólida para a construção dos roteiros de entrevista e análises dos dados; destaca-se que tal ato está seguindo orientações da vertente construtivista, a qual permite tal andamento da pesquisa. Reafirma-se, portanto, o proposto por Charmaz (2009), que a Teoria Fundamentada em Dados de vertente construtivista admite que os pesquisadores se aproximem do campo com pressupostos teóricos flexíveis, desde que mantenham abertura epistemológica para que os dados empíricos conduzam à construção da teoria. Assim, o conceito de identidade social é mobilizado de forma exploratória e dialógica,

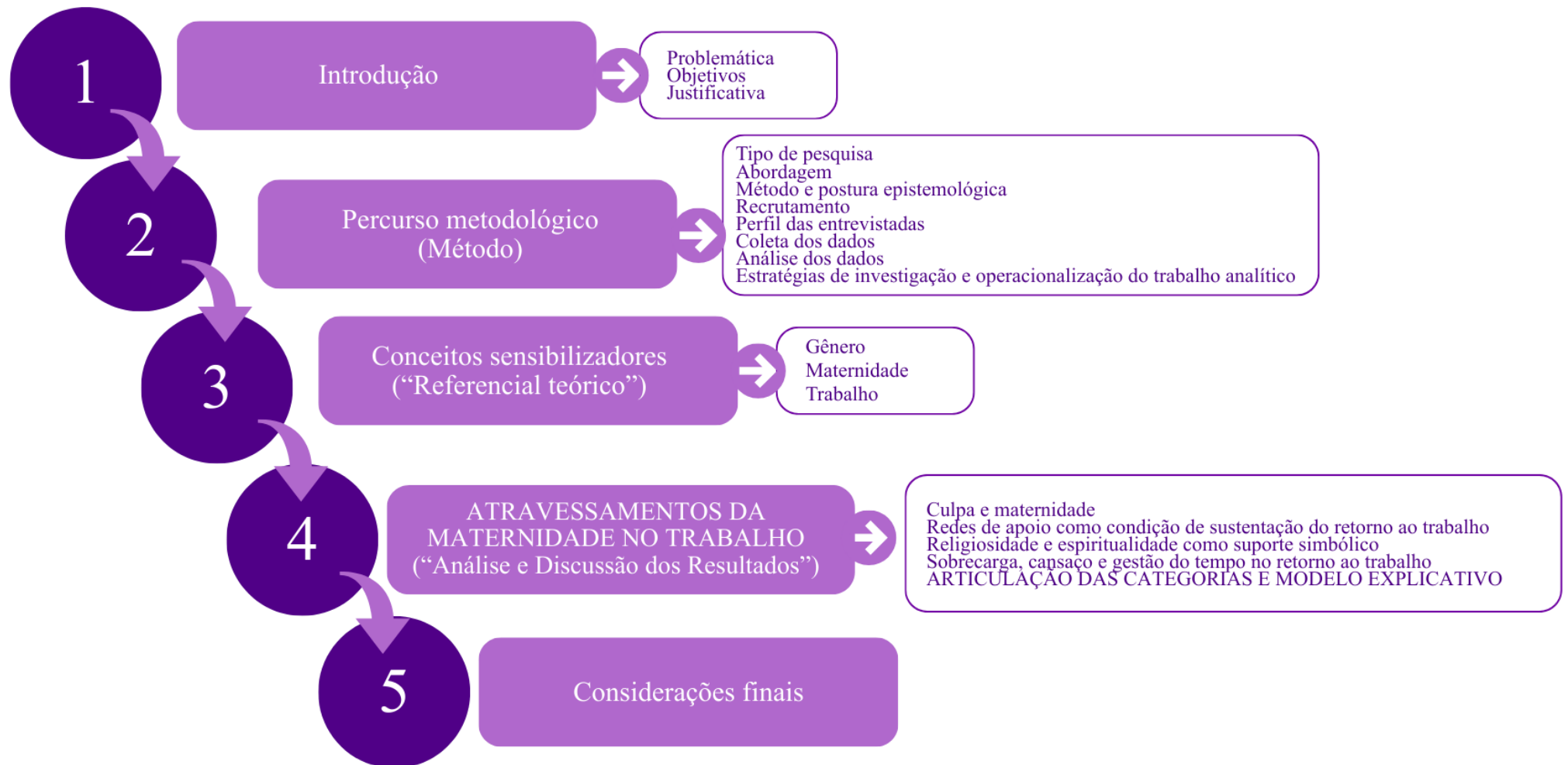
permitindo que suas compreensões sejam ampliadas, tensionadas ou mesmo ressignificadas a partir da análise empírica.

A adoção da Análise Sociológica do Discurso (ASD) justifica-se por sua potência para compreender as narrativas das mulheres-mães não apenas como relatos individuais, mas como produções situadas, atravessadas por condições sociais, relações de poder e repertórios simbólicos compartilhados. Ao privilegiar o discurso como prática social, a ASD permite analisar como sentidos sobre trabalho, maternidade e identidade são construídos, negociados e legitimados nos relatos, considerando tanto o que é dito quanto as posições ocupadas pelas interlocutoras em seus contextos de vida e trabalho (Conde, 2009; Vargas, 2018). Essa abordagem é particularmente adequada ao objetivo do estudo, pois possibilita articular experiências biográficas e estruturas sociais, evitando leituras psicologizantes ou meramente descritivas, e reconhecendo o caráter relacional, histórico e situado dos processos de significação presentes no pós-maternidade.

Diante da opção por uma abordagem qualitativa de vertente construtivista, faz-se necessário dedicar atenção especial à explicação do método já na introdução do trabalho. Tal cuidado justifica-se pelo fato de a Teoria Fundamentada em Dados e a Análise Sociológica do Discurso se afastarem da estrutura tradicional positivista, ainda predominante em parte das pesquisas organizacionais. Ao longo desta dissertação, o método não é tratado apenas como um conjunto de procedimentos técnicos, mas como um posicionamento epistemológico que orienta a forma de olhar o campo, produzir dados e construir interpretações. Assim, a explicitação antecipada dessas escolhas busca situar o leitor quanto à lógica indutiva, interpretativa e processual que sustenta a pesquisa, evitando leituras baseadas na expectativa de hipóteses prévias, variáveis fixas ou testes de causalidade.

A estrutura do trabalho está sintetizada na Figura 1, que apresenta o encadeamento dos capítulos em consonância com a abordagem metodológica adotada.

Figura 1 – Estrutura geral da pesquisa



Fonte: elaborado pela autora (2026).

Assim como explicitado na Figura 1, é possível visualizar que a dissertação tem início efetivamente com o Capítulo 2, dedicado ao percurso metodológico, no qual são detalhadas as escolhas epistemológicas, o método, as técnicas de produção e análise dos dados, que já foram previamente apresentados nesta Introdução. O Capítulo 3 apresenta os conceitos sensibilizadores que orientam o olhar analítico da pesquisa, sem a pretensão de constituir um referencial teórico fechado. No Capítulo 4, são desenvolvidas as análises e a apresentação dos resultados, a partir da interpretação das narrativas das participantes. Por fim, o Capítulo 5 reúne as considerações finais, retomando os principais achados do estudo, suas contribuições e limites, bem como possibilidades de aprofundamento futuro. Assim, parte-se para o capítulo de método.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo são apresentados os caminhos do percurso construído ao longo do trajeto de pesquisa, analisados e interpretados a partir da combinação entre a Teoria Fundamentada em Dados (TFD) em sua vertente construtivista, conforme Charmaz (2009), e os pressupostos da Análise Sociológica do Discurso (ASD), conforme a vertente de Conde (2009).

A seção está organizada de modo a apresentar, de forma detalhada e articulada, o caminho metodológico que orienta esta pesquisa. Explicita-se a abordagem adotada e seus pressupostos, bem como o método mobilizado para a construção do *corpus* e para a produção dos achados.

Em seguida, descrevem-se as técnicas de coleta de dados empregadas, com ênfase em suas finalidades, critérios de aplicação e adequação ao fenômeno investigado. Ainda, elenca-se todos os percursos de coleta e análise de dados, tais como recrutamento, perfil de entrevistadas e trabalhos práticos da ASD. Por fim, são apresentados os procedimentos de análise que sustentam a interpretação, indicando como o material empírico foi trabalhado, sistematizado e integrado ao movimento analítico que fundamenta os resultados discutidos ao longo do estudo.

De início, cabe apresentar o caráter de pesquisa, que assume caráter exploratório, uma vez que busca construir e desenvolver um campo ainda pouco investigado (Creswell, 2014). A justificativa repousa na lacuna existente nos estudos que abordam de forma articulada o conflito trabalho-família e as suas implicações sobre a identidade e sobre os modos de organizar e exercer o trabalho por mulheres-mães. Assim, a escassez de investigações que tratem dessas relações de maneira integrada ressalta a necessidade de análises que considerem tanto as dimensões subjetivas quanto as condições sociais que moldam o retorno ao trabalho no período pós-maternidade.

Para Creswell (2014), a pesquisa exploratória é apropriada quando o fenômeno investigado ainda é pouco conhecido, pouco delimitado ou discutido de forma rasa ou insuficiente na literatura, exigindo abertura analítica para o reconhecimento de novas dimensões, relações e significados que ainda não estão claramente mapeados. Nesse tipo de investigação, o objetivo não é testar hipóteses previamente estabelecidas (antes da coleta de dados), nem confirmar relações estabelecidas, mas ampliar a compreensão sobre o problema, identificar elementos relevantes e construir caminhos interpretativos que orientem análises mais densas.

No contexto desta dissertação, o caráter exploratório se justifica principalmente porque a articulação entre maternidade, identidade social pós-maternidade e trabalho demanda atenção às experiências situadas e às formas como as mulheres-mães narram e significam o retorno ao trabalho (Badinter, 2011; Zagefka *et al.*, 2021; Freeney *et al.*, 2024). Assim, a pesquisa exploratória permite tratar o fenômeno como processo, valorizando a emergência de categorias a partir do material empírico e reconhecendo que a compreensão se constrói ao longo do campo e da análise, em diálogo com os conceitos sensibilizadores mobilizados (Yin, 2006; Charmaz, 2009; Creswell, 2014).

Além disso, ao enfatizar as implicações sobre a identidade e sobre os modos de organizar e exercer o trabalho, o estudo se volta a processos que tendem a permanecer invisibilizados em abordagens consideradas “prescritivas” ou centradas unicamente em indicadores estritamente objetivos. Por isso, explorar esse campo implica examinar como as mulheres-mães negociam seus próprios limites, distribuem tarefas, acionam suportes disponíveis e lidam com tensões que atravessam tanto a esfera doméstica quanto a profissional. Desse modo, a pesquisa pretende contribuir para ampliar a compreensão das experiências no retorno ao trabalho no período pós-maternidade, sustentando análises sensíveis às vivências relatadas e às condições sociais que as tornam possíveis, mais difíceis ou contraditórias.

Em relação à abordagem, impossível trabalhar sem demonstrar o contexto histórico. Para isso, cabe relembrar que a abordagem qualitativa se consolidou nas Ciências Sociais como uma alternativa epistemológica que rompe com os pressupostos positivistas que historicamente orientavam a produção científica (Charmaz, 2009). Enquanto o positivismo defendia a objetividade, a neutralidade e a busca por leis universais, a pesquisa qualitativa passou a valorizar os significados atribuídos pelos sujeitos às experiências vividas e às interações sociais que compõem o cotidiano (Glaser; Strauss, 1965a, 1967b; Charmaz, 2009). Esse movimento deslocou o entendimento de ciência pautado na generalização e abriu espaço para a investigação de fenômenos complexos, singulares e contextualizados, que não podem ser reduzidos a variáveis isoladas nem explicados exclusivamente por modelos fechados de análise. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa parte do reconhecimento de que a realidade social é construída pelos indivíduos e de que a relação pesquisador-participante é parte constitutiva do processo de conhecimento.

Com o avanço das perspectivas interpretativas ao longo do século XX, a abordagem qualitativa passou a incorporar referenciais como o interacionismo simbólico e a fenomenologia, que enfatizam a centralidade da experiência e dos sentidos produzidos nas

interações sociais. Essa orientação considera que os dados não são entidades prontas a serem coletadas, mas construções que emergem do encontro entre pesquisador e campo, o que exige sensibilidade analítica e atenção aos contextos em que os fenômenos se manifestam (Charmaz, 2009).

Assim, a pesquisa qualitativa oferece um caminho metodológico capaz de captar nuances subjetivas, percepções situadas e processos identitários, permitindo compreender de maneira aprofundada fenômenos que se desenvolvem em ambientes sociais dinâmicos, como as relações entre trabalho, maternidade e identidade social (Glaser; Strauss, 1965a, 1967b; Yin, 2006; Charmaz, 2009; Creswell, 2014).

## 2.1 MÉTODO E POSTURA EPISTEMOLÓGICA

A escolha pela Teoria Fundamentada em Dados (TFD) alinha-se ao caráter qualitativo e exploratório da pesquisa, uma vez que o estudo se debruça sobre um fenômeno ainda pouco discutido e que demanda abertura analítica para a emergência de novos significados. A perspectiva construtivista proposta por Charmaz (2009) reconhece que a teoria não é descoberta como uma verdade objetiva, mas construída a partir das interações estabelecidas entre pesquisador, participantes e contexto social. Nesse sentido, a adoção da TFD torna-se especialmente adequada para fenômenos complexos que envolvem múltiplas vivências e disputas de sentido, permitindo que a interpretação seja guiada pela profundidade dos relatos e pelas experiências narradas pelas mulheres-mães.

A versão *charmaziana* da TFD reforça a flexibilidade como elemento central do processo investigativo. Em vez de etapas rígidas e procedimentos pré-determinados, o método se sustenta na circulação constante entre coleta, codificação e análise, valorizando a construção conjunta de significados durante o trabalho de campo. Essa flexibilidade se articula diretamente com a necessidade de escuta qualificada e de abertura interpretativa, necessárias em pesquisas que lidam com fenômenos sensíveis e cotidianos, como as negociações entre maternidade e trabalho. Ao assumir o caráter construtivo da investigação, a pesquisa reconhece que cada relato é situado socialmente e que a pesquisadora participa ativamente da construção da teoria substantiva (Strauss; Corbin, 2008; Charmaz, 2009).

A aplicação da TFD construtivista também orienta a definição das técnicas de coleta de dados. As entrevistas não estruturadas possibilitam que as mulheres-mães expressem suas experiências com liberdade, permitindo que os relatos surjam sem imposições rígidas e de

acordo com seus próprios modos de narrar (Charmaz, 2009). A opção pelos grupos de discussão (Conde, 2009; Vargas, 2018) complementa esse movimento, pois amplia a produção de reflexões, interações e tensões discursivas entre participantes, o que favorece a construção de categorias provisórias e a retroalimentação analítica prevista pela metodologia. Nesse processo, o diálogo entre entrevistas e grupo de discussão cria um campo fértil para identificar significados compartilhados e divergentes, fortalecendo a construção teórica que emerge do material empírico (Strauss; Corbin, 2008; Charmaz, 2009).

De acordo com o Quadro 1, é possível visualizar as principais diferenças das vertentes na TFD e os eixos de comparação que permearam a escolha pela lente *charmaziana*.

Quadro 1 - Comparação das vertentes da Teoria Fundamentada em Dados (TFD)

EIXO DE COMPARAÇÃO	Glaseriana	Straussiana	Charmaziana
<b>Epistemologia</b>	Pós-positivista.	Pós-positivista/pragmática.	Construtivista interpretativista.
<b>Problema de pesquisa</b>	Não se deve ir a campo com problema definido.	Deve-se ir a campo com problema de pesquisa definido.	Pode-se ir a campo com problema definido, mas ele deve ser flexível e ajustável.
<b>Revisão de Literatura</b>	Adiada para evitar viés.	Antecipada para servir de guia de análise.	Flexível e com consciência ativa.
<b>Codificação</b>	Livre, não estruturada (aberta e seletiva).	Três etapas: aberta, axial e seletiva.	Pelo menos, duas etapas: inicial e focalizada.
<b>Teoria</b>	Surge dos dados.	Surge dos dados.	Surge dos dados a partir da interação pesquisado-pesquisador.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

A TFD se distingue por sustentar a construção teórica no princípio da comparação constante, que articula coleta e análise de modo simultâneo e não-linear. Dessa forma, isso implica em comparar de forma contínua trechos do material empírico entre si, assim como comparar códigos e categorias em desenvolvimento, para refinar propriedades conceituais e ampliar o poder explicativo das interpretações. Nesse sentido, a comparação constante funciona como operador de rigor, pois evita que a análise permaneça apenas descritiva e favorece a passagem do relato singular para formulações conceituais enraizadas no *corpus*, conforme indicado na tradição da TFD (Strauss; Corbin, 2008; Charmaz, 2009).

Na vertente construtivista, essa lógica comparativa é operacionalizada por meio de um percurso de codificação que privilegia a proximidade com a fala e, ao mesmo tempo, a progressiva elevação do nível de abstração analítica (Charmaz, 2009). Assim, a codificação inicial sustenta uma leitura minuciosa do material, sensível a ações, justificativas e deslocamentos narrativos, enquanto a codificação focalizada permite selecionar e consolidar

códigos mais significativos, capazes de organizar padrões recorrentes e variações entre as entrevistas. Essa passagem entre níveis de codificação reforça a orientação interpretativista da proposta de Charmaz (2009), na qual categorias não são tratadas como achados objetivos, mas como construções analíticas situadas.

Outro elemento central da postura *charmaziana* é o uso de memos<sup>1</sup> como instrumento de elaboração conceitual e de reflexividade. Os memos registram hipóteses interpretativas, conexões provisórias entre códigos, dúvidas analíticas e decisões tomadas ao longo do processo, funcionando como ponte entre a leitura do material e a construção de categorias mais densas. Esse procedimento também explicita a participação ativa da pesquisadora na produção de sentido, coerente com a compreensão de que os dados são produzidos na relação pesquisador, participantes e contexto (Charmaz, 2009).

Além disso, a TFD reconhece que o pesquisador se aproxima do campo com sensibilidades teóricas, sem que isso signifique impor categorias prévias aos dados (Strauss; Corbin, 2008; Charmaz, 2009). Nessa direção, a literatura metodológica admite a presença de conceitos como lentes iniciais, desde que operem como estímulos à interpretação e não como molduras fechadas. Essa orientação se ajusta à vertente construtivista ao sustentar uma revisão e mobilização teórica com consciência ativa e flexível, preservando abertura para que o material empírico direcione o desenvolvimento das categorias, e, é importante salientar que essas teorias devem ser respaldadas por bom senso crítico da parte do pesquisador, além de testes contínuos para comprovação da sua veracidade, conforme Strauss e Corbin (2008):

(...) Teorizar é um trabalho que implica não apenas conceber ou intuir idéias (conceitos), mas também formular essas idéias em um esquema lógico, sistemático e explanatório. Independente do quão iluminada ou mesmo "revolucionária" possa ser a idéia da teorização, a transformação de uma idéia em teoria ainda exige que a idéia seja explorada completamente e considerada de muitos ângulos ou perspectivas diferentes (Strauss; Corbin, 2008, p. 34).

Por fim, a lógica iterativa da TFD também se expressa na condução do campo quando a análise em andamento orienta retornos e ajustes de foco. A noção de amostragem teórica e o critério de saturação teórica, apresentados na tradição da TFD, reforçam que a continuidade da investigação se relaciona às necessidades emergentes do desenvolvimento categorial (Strauss; Corbin, 2008; Charmaz, 2009).

---

<sup>1</sup> Memos correspondem a registros analíticos elaborados pelo pesquisador ao longo do processo de investigação, podendo assumir a forma de memorandos reflexivos ou anotações em cadernos de campo, nos quais são registradas interpretações preliminares, hipóteses e conexões emergentes entre os dados (Charmaz, 2009).

Desse modo, reafirma-se que metodologicamente, esta pesquisa é orientada pela Teoria Fundamentada em Dados (Glaser; Strauss, 1967) em sua vertente construtivista (Strauss; Corbin, 2008; Charmaz, 2009), que organiza o percurso de construção teórica por meio da comparação constante, do desenvolvimento progressivo de códigos e categorias e do uso de memos como instrumento de reflexividade analítica.

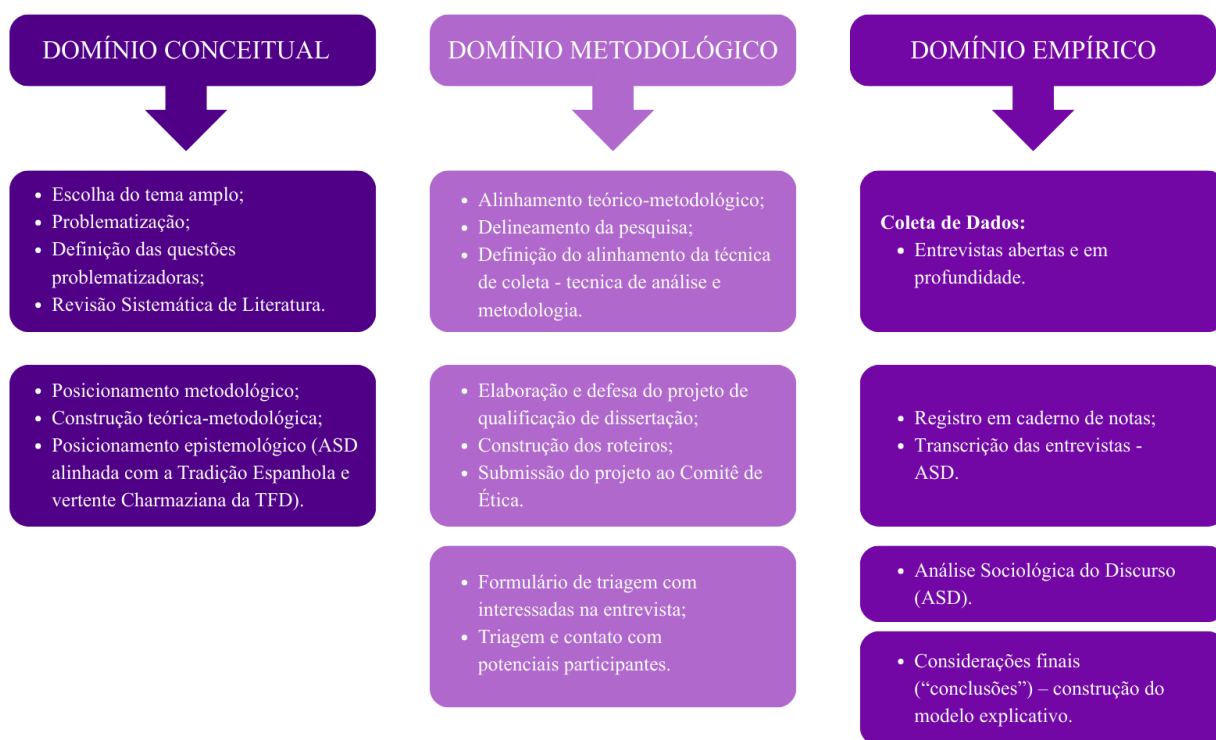
A Análise Sociológica do Discurso (Conde, 2009; Vargas, 2018) é utilizada como lente interpretativa complementar e como alicerce central da fase de análise dos dados, contribuindo para uma leitura que considera não apenas o conteúdo enunciado, mas também os posicionamentos assumidos, as tensões mobilizadas e os efeitos de sentido produzidos nas narrativas das participantes.

A escolha pela TFD construtivista, articulada à Análise Sociológica do Discurso (Conde, 2009; Vargas, 2018), como lente analítica, reforça a intenção de captar não apenas o conteúdo manifesto dos relatos, mas também suas dimensões simbólicas e estruturais. Esse conjunto metodológico possibilita compreender como as participantes constroem sentidos sobre suas experiências de maternidade e trabalho, permitindo que a teoria emergente seja enraizada nos discursos, nas interações e no contexto social que as atravessa.

Assim, a Teoria Fundamentada em Dados define a lógica geral do processo de pesquisa, orientando a produção, organização e construção progressiva das categorias analíticas, enquanto a Análise Sociológica do Discurso atua como recurso interpretativo que qualifica a leitura do material empírico, aprofundando a compreensão dos sentidos, dos posicionamentos e das formas de dizer presentes nas narrativas das participantes. A ASD, portanto, não substitui a construção categorial orientada pela vertente construtivista da TFD, conforme proposta por Charmaz, mas opera de modo articulado, contribuindo para uma análise sensível às dimensões sociais, simbólicas e relacionais do discurso.

Na Figura 2, é possível visualizar os três eixos estruturais que sustentaram o desenvolvimento da pesquisa, evidenciando a articulação entre fundamentos teóricos, escolhas metodológicas e procedimentos analíticos que garantiram a coerência e o rigor do percurso investigativo.

Figura 2 – Estrutura geral da pesquisa nos três domínios de desenvolvimento



Fonte: elaborado pela autora com base em Vargas (2018).

No **domínio conceitual**, explicita-se o percurso de delimitação do tema, problematização e formulação das questões, acompanhado da revisão de literatura e do posicionamento teórico-metodológico que orienta a investigação.

No **domínio metodológico**, a figura organiza as etapas de alinhamento teórico, delineamento da pesquisa, construção dos roteiros e encaminhamentos éticos, bem como os procedimentos de triagem e contato com potenciais participantes.

Por fim, no **domínio empírico**, apresentam-se as estratégias de coleta e registro do material, entrevistas abertas em profundidade, seguidas do processo de transcrição e da interpretação por meio da Análise Sociológica do Discurso. Dessa forma, a figura reforça a

coerência interna do percurso investigativo, ao demonstrar como cada domínio sustenta e retroalimenta os demais, contribuindo para a construção analítica do estudo.

Em relação à técnica de coleta de dados, a pesquisa adotou entrevistas abertas em profundidade, com o objetivo de captar diferentes camadas, individuais e coletivas, da experiência das mulheres-mães no retorno ao trabalho pós-maternidade. As entrevistas favoreceram a produção de narrativas em profundidade, permitindo que as participantes conduzissem o relato a partir de suas próprias prioridades, encadeamentos e formas de significação. Para Rocha (2020, p. 201), “(...) por meio das entrevistas é possível perguntar aquilo que não conseguimos observar: sentimentos, intenções e pensamentos (...)”. Assim, a pesquisadora pôde participar de momentos de diálogo aberto com as mulheres-mães, tomando-se como base um roteiro que, conforme estabelecido nas próprias diretrizes do trabalho e orientado pelo método adotado, foi adaptado e modificado de acordo com as necessidades do processo analítico, sendo o roteiro do primeiro ciclo apresentado no Apêndice A e do segundo ciclo no Apêndice B.

As entrevistas foram realizadas em dois ciclos articulados. Iniciou-se o primeiro ciclo de análises da pesquisa, no qual foram entrevistadas Procyon, Deneb, Bellatrix, Capella, Sterope, Antares e Sirius. Esse ciclo possibilitou a produção de achados iniciais que, após leitura crítica e interpretação analítica, orientaram o refinamento do roteiro e o aprofundamento das perguntas nas entrevistas subsequentes. Entre os elementos que emergiram com força nas narrativas, destacou-se a religiosidade, frequentemente mobilizada como espaço de acolhimento e como rede de apoio para integrar a maternidade ao cotidiano e às exigências do trabalho.

Assim, na sequência, realizou-se o segundo ciclo de entrevistas, com as mulheres-mães Maia, Polaris, Spica e Celaeno. Essa etapa não foi tratada como mera continuidade linear do campo, mas como desdobramento analítico do que o primeiro ciclo já havia sinalizado como relevante para compreender os atravessamentos entre maternidade, identidade e trabalho. A partir das leituras iniciais do corpus, das anotações de campo e dos memos, algumas dimensões passaram a exigir maior aprofundamento, especialmente a religiosidade como recurso de sustentação simbólica e prática e as redes de apoio como condição concreta para organizar cuidado, tempo e permanência no trabalho. Por isso, o roteiro foi ajustado para explorar e detalhar essas dimensões, investigando como elas apareciam, com que intensidade, em que momentos eram acionadas e quais sentidos eram atribuídos pelas participantes.

Além disso, as relações com figuras próximas, como pais e mães das participantes, companheiros e amigos, apareceram como componentes relevantes na sustentação prática e emocional do pós-maternidade. Esses vínculos, quando presentes, organizaram possibilidades de enfrentamento e negociação, e, quando frágeis ou ausentes, intensificaram sobrecargas e tensões. Diante disso, as entrevistas passaram a incorporar com maior centralidade perguntas sobre redes de apoio e estratégias de enfrentamento, buscando compreender como essas dimensões atravessam a experiência de tornar-se mãe e de retornar ao trabalho. O processo foi demonstrado de forma visual na Figura 3.

Figura 3 – Processo de entrevistas de acordo com a TFD *charmaziana*



Fonte: elaborado pela autora (2026).

No segundo ciclo, as perguntas foram orientadas para compreender como as redes de apoio se constituem, se mantêm e se fragilizam, incluindo apoios familiares, conjugais, comunitários e de amizade, e quais formas de enfrentamento são mobilizadas quando esses suportes são insuficientes ou instáveis. Do mesmo modo, investigou-se de forma mais focalizada o lugar da religiosidade nas narrativas, não apenas como crença individual, mas como espaço de pertencimento, acolhimento e reorganização de sentidos diante das exigências do pós-maternidade e do retorno ao trabalho. Esse movimento ampliou a comparação entre histórias, favorecendo o contraste entre arranjos e condições de cuidado, e permitindo qualificar a interpretação dos relatos ao observar como as participantes se posicionam, justificam escolhas e narram tensões, quando falam sobre apoio, sobrecarga e conciliação entre maternidade e

trabalho. O processo analítico adotado está sintetizado na Figura 4, que representa a passagem do material empírico para a produção dessas primeiras pistas.

Figura 4 – Processo analítico para construção das conjecturas



Fonte: elaborado pela autora com base em Vargas (2018).

## 2.2 SUJEITOS DA PESQUISA: RECRUTAMENTO, CARACTERIZAÇÃO E CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Inicialmente, destaca-se que a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Fundação Universidade Federal do Pampa (CEP - UNIPAMPA), em conformidade com as exigências éticas estabelecidas pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido certificada com o CAAE nº 89445625.7.0000.5323 e aprovada conforme Parecer nº 7.734.215, na data 30 de julho de 2025, em sua 3ª versão, finalizada com as devidas correções exigidas pelo órgão. Assim, o percurso de desenvolvimento do estudo buscou, acima de tudo, respeitar as recomendações éticas do CEP, priorizando uma condução segura e respeitosa com os sujeitos de pesquisa.

O acesso às participantes ocorreu, inicialmente, por meio da aplicação de um formulário de triagem disponibilizado via Google Formulários, divulgado de forma voluntária nas redes sociais e entre grupos específicos que tendem a concentrar a participação de mulheres-mães, como e-mails compartilhados de setores de órgãos e empresas e grupos de WhatsApp, nos quais mulheres interessadas puderam manifestar sua disposição em participar da pesquisa. Para ampliar o alcance do convite, foi também publicado um *card* explicativo nas redes sociais da pesquisadora, contendo o chamamento para participação na pesquisa e o link para o formulário. Esse conteúdo foi impulsionado por meio de tráfego pago direcionado a mulheres residentes no estado do Rio Grande do Sul, com o objetivo de ampliar a visibilidade da pesquisa e alcançar potenciais participantes que se enquadrassem no perfil do estudo. O formulário teve como

objetivo identificar potenciais participantes que atendessem aos critérios definidos para a pesquisa, especialmente a vivência da maternidade associada à inserção no mercado de trabalho tanto no período anterior quanto posterior ao nascimento dos filhos. A partir dessa estratégia, foram obtidas 40 respostas no total, que constituíram o universo inicial para a seleção das entrevistadas.

Após essa etapa, foi realizado o contato individual com as respondentes do formulário. Parte das mulheres não pôde participar por indisponibilidade no período da coleta de dados, outras não retornaram ao contato realizado e algumas, embora tenham manifestado interesse inicial, não atendiam integralmente aos critérios da pesquisa, motivo pelo qual foram devidamente agradecidas e não incluídas na etapa seguinte. Ainda, como o estudo atingiu a saturação teórica e por questões relacionadas ao tempo hábil para finalização da dissertação, nem todas as mulheres puderam participar, mas foram devidamente agradecidas por dispor do tempo para a pesquisa.

Salienta-se que, paralelamente, adotou-se uma estratégia de seleção intencional, na qual determinadas participantes foram escolhidas a partir da adequação de suas trajetórias aos objetivos do estudo e convidadas diretamente para a realização das entrevistas. Esse processo de seleção buscou garantir a coerência empírica do *corpus*, respeitando o recorte analítico da pesquisa e privilegiando a profundidade e a diversidade das experiências narradas, em consonância com os pressupostos da pesquisa qualitativa, da TFD e da ASD.

Em suma, os sujeitos da pesquisa foram onze mulheres-mães que vivenciaram a transição para o período pós-maternidade enquanto permaneciam inseridas no contexto profissional. Previamente ao início da coleta definitiva, foi realizado um pré-teste do roteiro de entrevistas com uma mulher-mãe, o que possibilitou ajustes no instrumento, tornando-o ainda mais aberto, flexível e condutor da narrativa.

Embora a coleta tenha sido organizada em dois ciclos de entrevistas, a análise foi conduzida de forma integrada, considerando o *corpus* empírico em sua totalidade. Assim, a Análise Sociológica do Discurso foi desenvolvida a partir do conjunto completo das entrevistas, permitindo a identificação de recorrências e variações entre as narrativas sem fragmentar o processo interpretativo.

Três entrevistas ocorreram de forma presencial e oito de forma remota, conforme a disponibilidade e a preferência de cada participante, garantindo que o bem-estar das mulheres entrevistadas fosse preservado ao longo de todo o processo. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentado no Apêndice D, foi disponibilizado no formato *online* por

meio do Google Formulários. A escolha desse formato facilitou o acesso e a assinatura, atendendo às diretrizes éticas vigentes. O documento era enviado previamente às participantes, permitindo que cada mulher-mãe tivesse tempo para ler o conteúdo e decidir, com tranquilidade, se desejaria participar da entrevista. Ressalta-se que não houve quaisquer dificuldades relacionadas ao termo, pois todas as participantes que o receberam manifestaram concordância com as condições e confirmaram seu interesse em participar da fase correspondente da coleta.

Assim, o Quadro 2 apresenta a caracterização geral das participantes que, para preservar suas identidades, foram nomeadas com denominações de estrelas. A adoção desse recurso simbólico busca evidenciar que cada mulher-mãe compõe um ponto singular no conjunto da pesquisa, com trajetória própria, marcada por ritmos, intensidades e movimentos particulares, tal como se observa nos fenômenos celestes. Essa metáfora reforça a compreensão de que as experiências narradas não são lineares nem homogêneas, mas resultam de percursos complexos, continuamente reconfigurados nas intersecções demonstradas entre maternidade e trabalho.

Ressalta-se que o uso dessa metáfora é estritamente simbólico e ilustrativo, mobilizado apenas como recurso narrativo para identificação das participantes e para reforço interpretativo. Desse modo, não se pretende transpor conceitos ou significados próprios da Astronomia para o campo de análise, nem estabelecer equivalências explicativas com fenômenos celestes, limitando-se ao emprego figurativo das denominações adotadas.

Ademais, o quadro supracitado também contém especificações importantes para o entendimento da pesquisa, como o fato de que o *corpus* empírico totalizou aproximadamente nove horas de entrevistas individuais, tempo considerado adequado para estudos qualitativos que utilizam a Teoria Fundamentada em Dados, sobretudo na vertente construtivista, na qual a profundidade dos sentidos narrados e a recorrência dos fenômenos têm maior relevância analítica do que a extensão das gravações em si.

Quadro 2 - Caracterização das mulheres participantes

Código	Idade	Nº de filhos	Estado Civil	Profissão - Ocupação	Tipo de vínculo	Data e modalidade da entrevista	Tempo de duração da entrevista
Procyion	35	Um	UE	Fisioterapeuta	Autônoma	04 de agosto de 2025 - Google Meet	35m28s
Deneb	31	Um	UE	Professora de educação infantil e diretora de escola	Servidora Pública	06 de agosto de 2025 - Google Meet	41m10s
Sirius	40	Dois	UE	Empresária e professora universitária	Autônoma e Horista	26 de agosto de 2025 - Google Meet	1h18m10s
Sterope	47	Dois	Casada	Empresária	Autônoma	29 de agosto de 2025 - Google Meet	23m16s
Antares	52	Três	Divorciada	Servente de limpeza	Servidora Pública	08 de agosto de 2025 - Presencial	1h06m10s
Capella	46	Dois	Casada	Professora universitária	Servidora Pública	08 de agosto de 2025 - Google Meet	1h16s0m
Celaeno	50	Três	Divorciada	Professora universitária	Servidora Pública	11 de setembro de 2025 - Presencial	55m41s
Bellatrix	46	Um	UE <sup>2</sup>	Profissional do sexo	Informal	03 de setembro de 2025 - Google Meet	57m13s
Spica	44	Um	Casada	Relações Públicas de empresa privada	CLT	12 de novembro de 2025 - Google Meet	36m53s
Polaris	52	Um	Divorciada	Delegada de Polícia	Servidora Pública	19 de novembro de 2025 - Presencial	42m34s
Maia	37	Um	Casada	Escrivã de Polícia	Servidora Pública	17 de outubro de 2025 - Google Meet	26m55s

Fonte: elaborado pela autora (2026).

<sup>2</sup> Houve contradição quanto ao estado civil. Assim, opta-se por registrar “união estável”, por ser a condição mais recorrente na fala da entrevistada.

As entrevistadas apresentam idades variadas, diferentes formações, ocupações e trajetórias familiares marcadas por múltiplas configurações, o que permitiu a composição de um grupo heterogêneo possibilitando ampliar a gama de diferentes configurações e contextos. O número de filhos, o tempo de maternidade e as condições de retorno ao trabalho também se mostraram distintos entre elas, evidenciando ritmos próprios e modos diversos de reorganização da identidade social. Esse conjunto de características contribuiu para a construção de um *corpus* diversificado, capaz de iluminar nuances do processo de ressignificação identitária e profissional que emerge quando maternidade e trabalho se entrelaçam na vida cotidiana.

### 2.3 ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO DISCURSO: CAMINHOS PRÁTICOS ADOTADOS NA ANÁLISE DOS DADOS

A lente analítica adotada para o presente estudo consiste na Análise Sociológica do Discurso (ASD), na vertente proposta por Conde (2009) e orientada também pelas contribuições de Vargas (2018), por possibilitar uma interpretação que compreende o discurso como prática social situada. Nessa perspectiva, o que é dito é articulado às condições de produção, aos posicionamentos assumidos pelas interlocutoras e aos sentidos que se estabilizam ou entram em disputa nas narrativas. Tal escolha mostra-se coerente com o objetivo de compreender como mulheres-mães constroem sentidos sobre maternidade e trabalho, não apenas a partir do conteúdo manifesto de suas falas, mas também considerando as formas de enunciação, as justificativas mobilizadas e as tensões que atravessam os relatos.

Cabe salientar, ainda, que a escolha da lente analítica considerou a necessidade de articulação com o método adotado na pesquisa, a Teoria Fundamentada em Dados. Após uma análise criteriosa e a comparação entre os pressupostos e as etapas de ambos, identificou-se a possibilidade de conduzir uma investigação que combinasse método e técnica de forma epistemologicamente coerente e metodologicamente consistente. Ademais, a Análise Sociológica do Discurso não se configura como um protocolo rígido, mas como um percurso interpretativo flexível, que demanda constante adequação às particularidades do corpus empírico e às questões que orientam o estudo (Vargas, 2018).

Assim, o avanço analítico não se sustenta apenas na identificação de temas recorrentes, mas na compreensão de como os sentidos são produzidos, estabilizados e disputados no próprio dizer, incluindo aquilo que se torna repetido, naturalizado, justificado ou tensionado nas falas dessas mulheres-mães. Essa orientação permite compreender o discurso como uma construção

situada, e não como um relato transparente de fatos, preservando a complexidade dos enunciados e evitando leituras meramente descritivas (Vargas, 2018).

A ASD orientou um percurso de leitura e organização do *corpus* que privilegia aproximações sucessivas ao texto, combinando momentos de leitura global e etapas de decomposição analítica em unidades de sentido (Vargas, 2018). Esse movimento permitiu mapear temáticas significativas, registrar impressões analíticas iniciais e identificar marcas discursivas relevantes, como contradições, silenciamentos, deslocamentos e formas recorrentes de argumentação. A interpretação avançou por meio de anotações e registros analíticos que sustentaram a construção progressiva de categorias e relações entre elas, mantendo o compromisso com a ancoragem no material empírico, em um cenário de “comparação” com o percurso da TFD, é possível correlacionar os registros analíticos e anotações com os memos, por isso, registra-se aqui o uso das diferentes conceituações para o “mesmo sentido”.

No desenvolvimento do percurso analítico, a Análise Sociológica do Discurso favorece a elaboração de conjecturas pré-analíticas, compreendidas como hipóteses iniciais sobre o texto, construídas a partir de evocações, pistas e marcas discursivas recorrentes. Tais conjecturas não se configuram como conclusões antecipadas, mas como guias provisórios que orientam a leitura e são constantemente testados, ajustados e refinados no retorno sucessivo ao corpus, à medida que a análise avança e as comparações entre os discursos se tornam mais densas e sistemáticas (Conde, 2009).

Considerando o caráter flexível do percurso da Análise Sociológica do Discurso, torna-se fundamental dispor de um plano prático que oriente a análise sem engessá-la. Nesse sentido, adota-se a divisão proposta por Conde (2009), composta por quatro etapas iniciais, as quais podem ser visualizadas de forma articulada e coerente na Figura 6, construída por Vargas e Moura (2022).

Figura 5 - Plano prático de ASD



Fonte: Vargas e Moura (2022).

Conforme o orientado na Figura 6, o processo teve início com os **trabalhos práticos iniciais**, que consistiram na leitura integral e reiterada das transcrições das entrevistas, permitindo um primeiro contato aprofundado com o material e a identificação de marcas discursivas relevantes. Nessa etapa, buscou-se apreender o tom geral das narrativas, os temas emergentes e as regularidades iniciais, sem ainda proceder a recortes analíticos rígidos.

Na sequência, foram realizados os **procedimentos de interpretação**, etapa na qual se construíram as *conjecturas pré-analíticas*, entendidas como hipóteses iniciais e provisórias sobre os sentidos em jogo nos discursos. Essas conjecturas foram formuladas a partir de pistas recorrentes, evocações e modos de dizer presentes nas falas das participantes e serviram como guias flexíveis para orientar leituras posteriores. Ainda nessa fase, foi realizada a identificação de *estilos discursivos*, observando padrões de enunciação, formas de justificativa, recorrência de argumentos morais e modos específicos de narrar a experiência da maternidade e do trabalho.

Os procedimentos de análise corresponderam à etapa de **aprofundamento interpretativo** do *corpus*, que foi analisado de forma integral, embora tenha sido coletado em dois ciclos diferentes. Nela, foram examinados os *posicionamentos discursivos - quem fala e de onde fala?* - assumidos pelas mulheres-mães em seus relatos, considerando as posições sociais evocadas, as relações estabelecidas com o trabalho, a maternidade e as expectativas normativas. Também foram analisadas as *configurações narrativas (CN) - sobre o que se fala? Como a fala é organizada?* - , buscando compreender como as histórias eram organizadas temporalmente, quais eventos eram destacados ou silenciados e de que forma os sentidos eram construídos ao longo das narrativas. De modo articulado, identificaram-se os *espaços semânticos (ES) - qual o significado do que se fala?* - , mapeando campos de sentido recorrentes que estruturavam os discursos, como produtividade, culpa, reconhecimento, apoio e responsabilidade.

Como recurso de apoio à análise, foram utilizadas **representações gráficas**, que auxiliaram na visualização das relações entre categorias, sentidos e posicionamentos, favorecendo comparações entre narrativas e a identificação de recorrências e variações no *corpus*, com metáforas e referências aos símbolos astronômicos e corpos celestes. Por fim, os **procedimentos complementares** envolveram movimentos analíticos de *associação, deslocamento e condensação*, nos quais os sentidos identificados foram articulados entre si, permitindo refinar categorias, tensionar interpretações iniciais e consolidar compreensões mais densas sobre os processos identitários narrados pelas mulheres-mães no período pós-maternidade. Não houve o uso intensificado desse recurso, já que as falas foram alinhadas, o

que demonstrou o critério de saturação teórica tão logo a finalização do primeiro ciclo de entrevistas.

Para o processo de desenvolvimento da ASD na etapa de análises, foi necessário construir alguns passos para o preparo da etapa de trabalhos práticos, sendo um dos principais, a estruturação de um quadro de convenções simbólicas, conforme o Quadro 3, que foram utilizadas nas transcrições das entrevistas, tendo um exemplo completo de transcrição codificada disponível no Apêndice E, permitindo que a análise fosse feita de modo sistemático e rigoroso (Vargas, 2018).

Quadro 3 - Convenções simbólicas utilizadas nas transcrições

CONVENÇÃO SIMBÓLICA	SIGNIFICADO
<b>P:</b>	Pesquisadora
<b>M:</b>	Mãe entrevistada
<b>Sublinhado</b>	Ênfase
<b>MAIÚSCULAS</b>	Tom de voz elevado
<b>“Aspas”</b>	O falante está lendo
<b>(XXX)</b>	Palavra ou trecho incompreensível
~	Comentários ou esclarecimentos da pesquisadora
-	Pausa curta
+	Pausa longa
++	Pausa extensa (silêncio)
<b>“Aham”</b>	Afirmação positiva
<b>“Um-um”</b>	Afirmação negativa
<b>Negrito</b>	Ênfase da autora
<b>(( ))</b>	Comentário de analista
<b>Eh, ah, oh, ih, hm</b>	Pausa preenchida ou hesitações
<b>#</b>	Emoção/choro

**Sinais convencionais de pontuação gráfica:** vírgula (,); ponto (.); ponto de exclamação (!); ponto de interrogação (?)

Fonte: elaborado pela autora com base em Brown e Yule (1983), Marcuschi (1986), Dettoni (1995); Vargas (2018).

Ademais, um nível relevante de sistematização na ASD consiste na organização de espaços semânticos, com identificação de atratores semânticos e suas articulações, como forma de mapear campos de significação que estruturam o *corpus*. Esses atratores funcionam como núcleos em torno dos quais certos sentidos se estabilizam, e sua relação com outros núcleos permite visualizar conexões, deslocamentos e tensões interpretativas. Esse procedimento fortalece a comparabilidade entre narrativas, pois evidencia recorrências e variações de modo estruturado, sem reduzir a análise a uma listagem temática (Conde, 2009; Vargas, 2018).

Na tentativa de explicação prática do percurso de trabalho da pesquisa, foi elaborado o Quadro 4, que dissecou em etapas cada percurso de análise, que combinou o método com a técnica de análise de forma a não transpor seus pressupostos, respeitando cada linha teórica.

Quadro 4 - Trabalhos práticos iniciais

ETAPA		DESCRIÇÃO
<b>Preparação da análise dos textos</b>	Tarefas imediatamente posteriores ao trabalho de campo	Identificação de temáticas significativas. Elaboração de mapas de posicionamento e demais configurações pertinentes ao contexto de análise. Registro das primeiras intuições, sensações, ideias e percepções das entrevistas realizadas.
	Transcrições <sup>3</sup>	Transcrição literal das entrevistas. Releitura das transcrições acompanhada dos áudios. Inclusão de comentários, pausas, saídas, movimentos, intervenientes durante a entrevista. Releitura das transcrições com nova etapa de (re)codificação conforme a ASD. Elaboração do perfil das entrevistadas.
<b>Preparação do trabalho de leitura</b>	Leitura ordenada do <i>corpus</i> do texto	Criação de uma ordem inicial provisória de leitura das entrevistas.
	Leitura literal do texto	Leitura e releitura literal do texto, atentando para a mudança da forma habitual de leitura. Identificação de peculiaridades geradoras de pistas que conduzem as conjecturas.
<b>Decomposição e abordagem integral dos textos</b>	Decomposição em unidades elementares	Decomposição analítica, em unidades elementares de análise (rubricas, temas ou categorias de análise ou unidades de sentido) para posterior síntese.
	Aproximação integral do texto	Aproximação do texto de forma global e integral (aproximação integrativa).
<b>Anotações gerais nos textos</b>		Caracterização, classificação e codificação de conteúdos, marcação de expressões, <i>insights</i> , associações, hipóteses, elementos importantes.

Fonte: elaborado pela autora com base em Conde (2009), Godoi, Coelho e Serrano (2014) e Vargas (2018).

De forma detalhada, o processo iniciou logo após a realização das entrevistas, na **preparação e análise dos textos**, quando se iniciaram registros preliminares voltados a preservar as particularidades do encontro e as primeiras pistas analíticas de forma íntegra. Nessa etapa, foram identificadas temáticas significativas e indícios de tensão ou conflito presentes nas narrativas, inclusive quando havia discrepância entre o que era dito e o modo como era dito, como falas atravessadas e/ou confusões em memórias/discursos. Também foram elaborados mapas de posicionamento e outras configurações pertinentes ao contexto de análise, como forma de organizar hipóteses iniciais sobre lugares de fala, justificativas, silenciamentos e disputas de sentido, criando um ponto de partida para a leitura analítica que ocorreria posteriormente.

<sup>3</sup> As transcrições das entrevistas foram realizadas inicialmente com o auxílio da ferramenta de transcrição automática do Microsoft Office 365, sendo posteriormente revisadas e ajustadas manualmente pela pesquisadora, a fim de garantir maior fidelidade aos conteúdos e às expressões presentes nas narrativas das participantes.

Em seguida, na fase da **preparação do trabalho de leitura**, houve a transcrição literal das entrevistas, que foi tratada como parte do próprio trabalho analítico e não apenas como etapa técnica. As transcrições foram revisadas com o vídeo/áudio, garantindo fidelidade ao enunciado e à forma de enunciação, com inclusão de pausas, interrupções, saídas do tema, movimentos e intervenientes durante a entrevista, sempre que relevantes e de acordo com os limites analíticos da pesquisadora. Esse cuidado permite observar marcas discursivas que sustentam sentidos, como hesitações, risos, mudanças de tom e reformulações. Na sequência, as transcrições passaram por nova releitura articulada à etapa de codificação e recodificação, conforme a ASD e de acordo com o estabelecido na TFD, para refinar as unidades de sentido e consolidar pistas interpretativas consistentes.

A leitura ordenada do *corpus* consistiu na criação de uma sequência provisória para leitura das entrevistas, com o objetivo de organizar o material de modo comparável e manejável. Salienta-se, de modo explícito, que essa ordenação não é neutra, pois permite controlar variações de contexto e favorecer a identificação de recorrências e contrastes entre narrativas. Ao estabelecer uma ordem inicial, tornou-se possível acompanhar a circulação de temas ao longo do *corpus*, observar quando alguns sentidos ganhavam centralidade e, inevitavelmente, reduzir o risco de leituras fragmentadas que isolem falas sem considerar o conjunto da experiência narrada.

A leitura e releitura literal do texto teve como foco interromper a leitura habitual e imediatista, que tende a resumir a fala apenas pelo conteúdo temático. Aqui, a atenção recaiu sobre a forma do relato, seus encadeamentos, justificativas, contradições e modos de posicionamento. A identificação de peculiaridades geradoras de pistas permitiu levantar conjecturas analíticas, por exemplo, quando a participante normaliza sobrecargas, atribui responsabilidade a si, recorre a explicações morais ou desloca tensões do trabalho para a vida doméstica ou o contrário, a título de exemplo, elenca-se a fala da entrevistada Antares:

Antares: (...) Eu acho que mudou isso, tu aprender a ser tu por ti mesma, **tu é mãe, tu é pai, e eles dependem de ti de vez em quando e tu não pode mostrar o desespero, né? Pra eles**, tu não pode (XXX), pra eles que tu quer esperar, que tu tem medo de não conseguir de tudo. Eu acho que o que mudou foi isso, a responsabilidade que eu tive que ter com os guri, eu tive que aprender a ser responsável por eles, né? Era eu e eles e pronto.

Assim, é importante observar o potencial dessa etapa para preparar o terreno para codificações mais refinadas e para comparações consistentes.

Por conseguinte, a **decomposição e abordagem integral dos textos** consistiu em separar o texto em unidades elementares de análise, como rubricas, temas, categorias provisórias e unidades de sentido. O objetivo foi reduzir a narrativa em segmentos analisáveis sem perder sua densidade, permitindo reconhecer processos e não apenas tópicos. Essa etapa favorece a comparação entre entrevistas, pois torna visível o modo como diferentes participantes descrevem situações semelhantes, sustentam argumentos, justificam escolhas e constroem identidades, especialmente em temas como retorno ao trabalho, culpa, exaustão, redes de apoio e reorganização da vida cotidiana.

Após a decomposição, realizou-se a aproximação integrativa, uma retomada global do texto para reconstruir sentidos no conjunto e evitar que a análise se torne, de alguma forma, mecânica. Essa etapa recoloca cada segmento em seu contexto narrativo, verificando coerências internas, tensões e articulações entre episódios, personagens e temporalidades. A aproximação integral também permite observar como certos elementos se encadeiam em processos, por exemplo, como uma experiência de maternidade reorganiza o trabalho e como o trabalho reconfigura a identidade materna, criando trajetórias narrativas específicas em cada arranjo familiar.

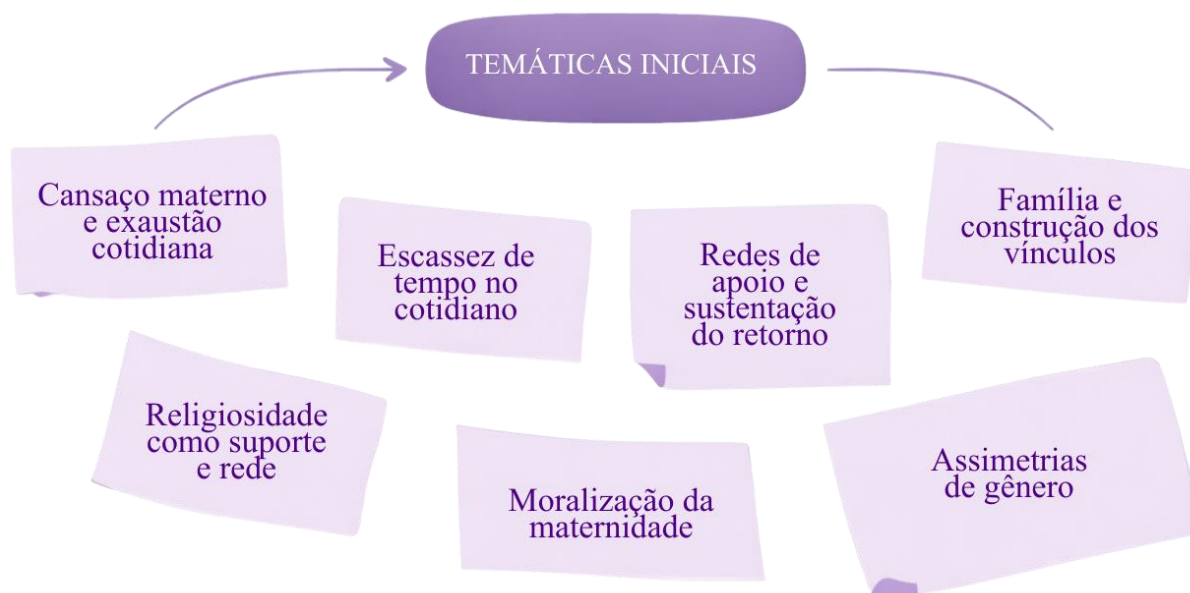
Por fim, ressalta-se que as anotações gerais foram utilizadas para caracterizar, classificar e codificar conteúdos, além de registrar expressões marcantes, insights, associações, hipóteses e elementos considerados relevantes. Esse material funciona como trilha de auditoria do raciocínio analítico, pois torna explícitas as decisões tomadas durante a leitura, os pontos de dúvida e as justificativas interpretativas. Também serve como base para a elaboração de memos, para a comparação constante e para a consolidação de categorias mais densas, sustentadas por evidências do corpus e pela atenção às formas discursivas presentes nas narrativas. Como forma de ilustrar esse processo, apresenta-se no Apêndice E um exemplo de memo elaborado durante a análise, disponibilizado tanto em formato digital quanto online.

A partir dessa dinâmica, foram construídas seis evocações iniciais, formuladas como registros de sentidos recorrentes e tensões preliminares observadas no *corpus*. Essas evocações foram mobilizadas como suporte para orientar a leitura subsequente e conferir um sentido inicial e geral às narrativas, funcionando como base para decisões analíticas posteriores, incluindo a seleção de trechos relevantes e a identificação de padrões de argumentação e posicionamento. Na sequência, essas seis evocações serviram como referência para a construção de um quadro de estilos discursivos, entendido aqui como um esforço de sistematização da forma como as falas se organizam e se entrelaçam em seus contextos de

enunciação. Esse passo, apresentado na Figura 5, permitiu observar regularidades e variações nos modos de narrar, justificar e posicionar-se, bem como as articulações entre temas, moralidades, relações e condições de vida mobilizadas pelas participantes.

Assim, de forma geral, as evocações iniciais foram progressivamente refinadas e reorganizadas, sustentando a passagem para um nível interpretativo mais estruturado, que embasa as categorias analíticas apresentadas na seção seguinte. As falas foram analisadas com rigor e critério, sendo posicionadas socialmente de acordo com o lugar ocupado por cada mulher dentro dos padrões pré-estabelecidos na fase de análise da configuração familiar.

Figura 6 – Temáticas iniciais que orientam a consolidação das conjecturas analíticas



Fonte: elaborado pela autora (2026).

As temáticas “assimetrias de gênero” e “cansaço” foram tratadas como elementos transversais, presentes como pano de fundo em todas as análises subsequentes, já que foram recorrentes em diversas – senão em todas -, as falas das entrevistadas. Por essa razão, essas evocações não foram desdobradas em subtópicos específicos, permanecendo como eixos interpretativos que atravessam os demais temas e categorias analisadas. Por fim, parte-se para a estruturação das conjecturas propriamente ditas.

### 3 CONCEITOS SENSIBILIZADORES

Para Creswell (2013, p. 183), a escrita da revisão de literatura na TFD não deve apresentar conceitos-chave como fixos e irretocáveis, mas funcionar como um leque de possibilidades que sustente e justifique o tipo de estudo realizado. Nesse sentido, os conceitos sensibilizadores mobilizados abarcam as temáticas de maternidade, gênero e trabalho, consolidando o terreno teórico a partir do qual foi possível conduzir o desenvolvimento da pesquisa com critério e rigor.

### 3.1 GÊNERO

Desde tempos remotos, a presença social das mulheres foi situada em espaços pouco legitimados e, na maioria das vezes, subordinados a uma ordem que privilegiava o masculino como referência de autoridade (Engels, 1884; Biroli; Miguel, 2014). Esse enquadramento não se sustenta apenas em diferenças biológicas, mas na construção histórica e cultural de distinções que passam a operar como se fossem “naturais”, organizando expectativas sobre o que compete a homens e mulheres, funcionando como um ciclo que se legitima através do tempo por meio de hábitos, normas, costumes, como explica a teoria de Veblen (1898).

Como enfatizam Medeiros e Campos (2020), a divisão sexual do trabalho e a própria visão masculina do mundo se apoiam numa construção simbólica do biológico, que dá aparência de inevitabilidade às hierarquias de gênero e às atribuições desiguais de contextos sociais. Além disso, essas assimetrias se reproduzem por processos de institucionalização, que moldam disposições, comportamentos e identidades, renovando no cotidiano a dominação masculina e a aceitação do “normal” como se fosse neutro (Veblen, 1898).

Para compreender a forma como essa hierarquização histórica se produz, se atualiza e se naturaliza no cotidiano, torna-se necessário mobilizar gênero como categoria analítica. Em Scott (2017), gênero não é uma descrição “neutra” das diferenças entre homens e mulheres, mas um elemento constitutivo das relações sociais que se baseia e se privilegia das diferenças percebidas entre os sexos e, ao mesmo tempo, uma forma primária de significar relações de poder. Dessa forma, ao deslocar o olhar da biologia para a organização social e simbólica dessas diferenças, é possível entender que aquilo que é tomado como natural é, na verdade, historicamente produzido, disputado e institucionalizado, sustentando hierarquias e justificando assimetrias que atravessam família, trabalho e política (Veblen, 1898; Scott, 2017).

Ainda, Biroli (2017) explana como as hierarquias de gênero se sustentam, sobretudo, pela divisão sexual do trabalho, ou seja, pela definição social do que é entendido como “trabalho

de mulher”, “competência de mulher” e “lugar de mulher”, e pelas consequências materiais e simbólicas dessa classificação na vida cotidiana. Ao atribuir às mulheres, de modo recorrente, tarefas e responsabilidades das quais os homens são socialmente liberados, essa divisão vai conformando trajetórias desiguais, produzindo vantagens e desvantagens e influenciando a forma como as pessoas se percebem, são reconhecidas e ocupam posições na sociedade. Além disso, Biroli (2017) explica que o sistema não opera de modo homogêneo, já que as desigualdades se modulam conforme raça e classe.

No contexto brasileiro, esse caráter estrutural das desigualdades de gênero também aparece de modo bastante nítido quando se observa a relação entre mulheres e trabalho. Pinheiro *et al.* (2016) destacam que a inserção das mulheres no mundo do trabalho é um eixo central para discutir igualdade de gênero, mas que ainda persistem desigualdades importantes tanto entre homens e mulheres quanto entre as próprias mulheres, já que marcadores como raça e classe produzem hierarquias internas e condições muito distintas de participação, reconhecimento e proteção social.

A persistência dessas desigualdades também se revela no espaço em que o trabalho feminino é reconhecido, já que, quando mulheres acessam o mercado e ampliam sua qualificação, a tradução desse capital em posições, salários e estabilidade não ocorre de modo automático, pois ainda persistem as diversas barreiras de gênero, e, a nível de exemplo, tem-se o caso do fenômeno do teto de vidro, que acomete mulheres que ainda enfrentam problemas invisíveis na ascensão profissional (Abbondanza; Fleck; Viana, 2021). Dessa forma, é visível a forma como a desigualdade não se limita ao acesso ao emprego, mas se estende aos fatores envoltos no pós-contratação e planejamento de carreira.

Além disso, a sobrecarga associada ao trabalho doméstico e de cuidado opera como um fator estruturante que delimita tempo, energia e disponibilidade, produzindo efeitos concretos sobre trajetórias profissionais. Essa dinâmica pode acabar interferindo na forma como o próprio trabalho é percebido e desenvolvido, muitas vezes sobrecarregando as mulheres em duplas ou triplas jornadas em decorrência das desigualdades de gênero (Bria *et al.*, 2025; Amaral; Vieira, 2009). Como consequência, escolhas profissionais, mobilidade, formação continuada e decisões sobre permanência no trabalho podem ser narradas como preferências, quando, na prática, estão atravessadas por condições materiais desiguais (Silva, 2021; Rigo; Breitenbach; Brandão, 2025).

Nesse cenário, é crucial reconhecer que as desigualdades de gênero também se manifestam em dimensões subjetivas e simbólicas, como percepção de si sobre mérito,

segurança, expectativas e disposição para reconhecer e disputar espaços (Badinter, 2011). Em certos contextos, mesmo quando a competência técnica é elevada, mulheres podem ajustar suas expectativas e suas estratégias de inserção de modo mais cauteloso, o que retroalimenta desigualdades já existentes (Moreira, 2019). Esse movimento indica que o gênero não atua apenas como barreira externa, mas como um princípio que atravessa a forma como o valor do trabalho é percebido, performado e legitimado socialmente, ainda que de forma implícita e/ou subentendida (Veblen, 1898).

Assim, por fim, essa articulação entre estruturas sociais, rotinas institucionais e processos subjetivos ajuda a compreender o porquê de o trabalho ser frequentemente uma ferramenta de (re)organização e intensificação de desigualdades que já se produzem na vida privada (Antunes, 2009). Ao conectar divisão sexual do trabalho, critérios de reconhecimento e percepção de si aos sistemas de avaliação e legitimação de costumes (Veblen, 1898), evidencia-se que o gênero opera como uma base que estrutura tanto a distribuição das responsabilidades quanto as possibilidades de autonomia e mobilidade. Com isso, o debate sobre mulheres e trabalho não pode ser tratado apenas como inserção ou presença, mas como disputa de valor, de tempo e de legitimidade em espaços atravessadas por hierarquias persistentes que reafirmam o que é legitimado socialmente há anos (Veblen, 1898; Badinter, 2011).

### 3.2 MATERNIDADE

Ser mulher envolve múltiplas dimensões de significados e essa identidade é construída historicamente por normas, expectativas e relações de poder que regulam pertencimento e reconhecimento (Badinter, 2011). Conforme Moreira (2019), a condição feminina é socialmente convocada a ocupar certos papéis e a corresponder às expectativas tidas como “naturais”, o que mantém desigualdades de gênero como pano de fundo persistente da vida cotidiana. Dessa forma, ser mulher não é uma experiência homogênea, mas uma posição social atravessada por marcadores que moldam oportunidades, legitimidades e modos de existência.

Conforme Hirata e Kergoat (2007), a divisão sexual do trabalho sustenta a responsabilização feminina pelo trabalho doméstico e de cuidado, ao mesmo tempo em que reserva aos homens maior centralidade no trabalho remunerado. Assim, o retorno ao trabalho no pós-maternidade, período marcado pela transição da mulher para uma vida focada em parentalidade (Stern, 1997) tende a ocorrer sob condições assimétricas, já que a sobreposição

de responsabilidades não é distribuída de forma equivalente e a continuidade profissional passa a depender de negociações cotidianas. Desse modo, a maternidade não opera apenas como experiência afetiva, mas como marcador social que intensifica custos de tempo, energia e disponibilidade, com efeitos acumulativos sobre trajetória e pertencimento no mundo do trabalho (Badinter, 2011).

Assim como explanado no estudo de Cordero, Granados e Campo (2024), a pandemia de COVID-19 reforçou e tornou visível a sobrecarga materna que insiste em aparecer na conciliação entre trabalho e cuidado, especialmente em contextos de fragilidade de redes e ausência de políticas eficazes. Assim, o período explicitou como a maternidade permanece ancorada em um modelo intensivo e altamente exigente, no qual recai sobre a mulher a manutenção do cotidiano, mesmo quando há inserção profissional ativa (Badinter, 2011). Desse modo, a experiência da maternidade deixa de ser compreendida como questão privada e passa a ser lida como um fenômeno que revela a insuficiência institucional para sustentar cuidado e trabalho de forma integrada.

De acordo com o que foi dito por Alkan *et al.* (2024), como um exemplo prático, tem-se as práticas contemporâneas como o *sharenting* expressam, simultaneamente, busca de pertencimento e tentativa de validar a identidade materna diante de ideais normativos sobre o que seria ser uma “boa mãe”. Assim, a exposição digital pode funcionar como espaço de reconhecimento, mas também como ambiente de comparação, culpa e autovigilância, ampliando pressões simbólicas sobre mulheres que já lidam com exigências materiais de cuidado e desempenho.

Ainda, é importante afirmar o que se entende por ambivalência materna, já que esse elemento adentra o cenário como um marcador relevante dos contextos permeados pela maternidade e pelo trabalho. Trata-se de reconhecer que a experiência materna não pode ser enquadrada como exclusivamente positiva ou exclusivamente negativa (Badinter, 2011; Brown, 2010), pois envolve simultaneidades, tensões e sentidos que variam conforme condições concretas de vida, redes de apoio e exigências do trabalho. Nessa direção, a ambivalência materna contribui para compreender a maternidade como vivência que não se adequa a explicações maniqueístas, isto é, não pode ser reduzida a oposições binárias, mas deve ser tratada como fenômeno complexo e multifacetado (Brown, 2010).

Dessa forma, a maternidade pode ser entendida sempre como um contexto complexo, amplo e repleto de particularidades (Brown, 2010; Stern, 1997; Badinter, 2011), que deve ser

observada com cautela e atenção e, principalmente, levando em consideração a configuração e o contexto de cada pessoa que materna.

### 3.3 TRABALHO

O conceito de trabalho não se resume a uma definição econômica, porque envolve uma experiência social que organiza rotinas, valores, pertencimentos e hierarquias e é moldado há anos de acordo com o contexto da sociedade. Conforme Antunes (2009), o trabalho ocupa lugar central na vida moderna não apenas por garantir subsistência, mas por produzir sentidos, vínculos e formas de inserção no mundo, o que faz dele um fenômeno histórico e simbólico, antes mesmo de ser apenas produtivo.

Desde suas formulações mais antigas, o trabalho foi frequentemente associado à necessidade, dor e desgaste. Conforme Munis e Vargas (2024), a própria origem etimológica do termo, vinculada a *tripalium*, revela como a ideia de labor esteve ligada a sofrimento e coerção em determinados períodos históricos, o que ajuda a compreender porque o trabalho carrega marcas simbólicas que atravessam o social e o subjetivo de forma tão recorrente. Assim, a atividade laboral se constitui como algo que envolve o corpo, o tempo e a disciplina e não apenas a obtenção de renda, assim como é possível interpor sofrimento e prazer de acordo com as atividades de trabalho desenvolvidas (Dejours, 1992).

Com o advento da modernidade as atualizações na sociedade, a vida social se reconfigura e o trabalho passa a ocupar um papel estruturante na organização do cotidiano, abrangendo as diversas esferas da vida social. Conforme Bauman (1999), a fragmentação das relações sociais alterou vínculos e pertencimentos, tornando a sociedade “mais frágil”, e o trabalho, dentro desse contexto, passa a operar como um eixo de ordenação de tempo, identidade e segurança. Assim, a experiência moderna intensifica a necessidade de que os sujeitos se inserissem em contextos específicos para reafirmar seu senso de pertencimento e coletividade.

Ainda, é importante destacar o papel da consolidação do capitalismo nessa dinâmica, já que ele altera a forma como o trabalho é organizado e controlado. Conforme Antunes (2009), a racionalização do processo produtivo reconfigura a relação entre sujeito e atividade laboral, fortalecendo lógicas de disciplina, fragmentação de tarefas e mensuração de desempenho. Assim, o trabalho deixou de ser apenas um “fazer” ligado ao ofício e se transforma em prática regulada por regras, metas e padrões, com impactos diretos sobre autonomia e sentido.

Nesse mesmo movimento, os modelos taylorista e fordista instituíram uma gramática de produção centrada na eficiência e no controle do tempo. Conforme Antunes (2009), a cronometragem, a padronização e a separação entre concepção e execução reduzem margens de decisão do trabalhador e transformam a rotina laboral em repetição e vigilância. Assim, o tempo passa a ser um recurso organizacional regulado externamente e a experiência de trabalho tende a se distanciar da criatividade e do reconhecimento subjetivo, ainda que de forma gradativa e implícita.

Na mesma linha de raciocínio, as transformações recentes do capitalismo introduzem novas linguagens para justificar a intensificação do trabalho. Conforme Boltanski e Chiapello (2009), o discurso contemporâneo desloca o foco da rigidez para a flexibilidade, valorizando adaptação, autonomia aparente e responsabilização individual por performance. Assim, o trabalho se reorganiza em torno de exigências que podem parecer mais livres, mas que se mantêm rígidas e, em alguns casos, ampliam a pressão por resultados, disponibilidade e autogestão.

Ainda, a expansão da globalização e das tecnologias digitais aprofunda a reconfiguração das fronteiras entre vida e trabalho. Conforme Gaulejac (2007) e Cardoso (2007), há um processo de intensificação em que o desempenho é continuamente solicitado e monitorado, ao mesmo tempo em que se diluem limites entre tempo produtivo e tempo de descanso. Assim, a flexibilidade, que deveria reduzir exigências, acaba por produzir permanência do trabalho no cotidiano, com reflexos sobre saúde, relações e possibilidades de recuperação.

Essas mudanças não são vividas de modo uniforme, porque o trabalho é atravessado por desigualdades estruturais (Antunes, 2009). Conforme Hirata e Kergoat (2007), a divisão sexual do trabalho organiza a distribuição de tarefas remuneradas e não remuneradas, atribuindo às mulheres maior responsabilidade pelo cuidado e pelo doméstico, mesmo quando há inserção no mercado formal. Assim, a experiência de trabalho para muitas mulheres se articula à dupla ou tripla jornada, com efeitos cumulativos sobre tempo, energia e permanência em trajetórias profissionais (De Rock; Périlleux, 2023; Gonäs; Tyrkkö, 2015).

Além disso, o mundo do trabalho frequentemente preserva padrões de produtividade associados ao masculino, criando estigmas e barreiras simbólicas. Conforme Cadsby, Servátka e Song (2013), expectativas sobre desempenho podem se orientar por referências de gênero, o que pode reforçar desigualdades de reconhecimento. Assim, mesmo quando mulheres acessam ocupações e carreiras, elas podem enfrentar critérios avaliativos que desconsideram o peso do

cuidado e operam sob uma lógica patriarcal que limita ascensão e legitimação profissional (Biroli; Miguel, 2014; Moreira, 2019; Abbondanza; Fleck; Viana, 2021).

Apesar dessas tensões, o trabalho também pode ser fonte de sentido e construção identitária. Conforme Morin (2001), ele pode oferecer autonomia, segurança, reconhecimento e estrutura para o projeto de vida, especialmente quando se alinha a valores pessoais. Conforme Tittoni e Nardi (2011), quando o trabalho se articula às demais dimensões da vida, ele adquire valor simbólico e afetivo, fugindo da esfera meramente de subsistência, o que ajuda a compreender porque ele é defendido, disputado e narrado como parte do próprio “eu” do sujeito trabalhador.

Destarte, é necessário reconhecer a ambiguidade constitutiva do trabalho como experiência social. Conforme Dejours (1992), o trabalho pode produzir prazer e sofrimento, dependendo das condições em que é realizado e do reconhecimento obtido, já que nele o sujeito testa capacidades, busca validação e sustenta autoestima. Assim, no contexto desta pesquisa, compreender o trabalho como território material e simbólico é essencial para analisar como mulheres-mães narram o retorno ao trabalho no pós-maternidade, porque é nesse entrelaçamento entre exigências organizacionais, cuidado e reconhecimento que se produzem tensões, negociações e reconfigurações identitárias (Freeney *et al.*, 2024; Rapizo, 2023; Alkan, 2025).

#### **4 ATRAVESSAMENTOS DA MATERNIDADE NO TRABALHO**

É a partir deste capítulo que se desenvolvem as análises do material empírico produzido na pesquisa. Reconhece-se, desde o início, que cada mulher entrevistada constitui um universo próprio, cujas histórias de vida são atravessadas por distintos contextos, trajetórias e vivências. Essas experiências revelam a multiplicidade de modos de ser mulher e mãe em uma sociedade que permanece marcada por desigualdades estruturais (Stern, 1997; Brown, 2010; Badinter, 2011). As narrativas analisadas não são compreendidas como relatos isolados, mas como produções discursivas singulares e, ao mesmo tempo, socialmente situadas, que permitem apreender como sentidos sobre maternidade, trabalho e identidade são construídos, tensionados e compartilhados a partir de posições sociais diversas e experiências complexa.

Assim, essa seção analisa como a maternidade atravessa o trabalho nas narrativas das participantes, produzindo reorganizações cotidianas de tempo, cuidado, desempenho e pertencimento. Parte-se do entendimento de que os relatos não apenas descrevem experiências, mas constroem posições e justificativas sobre o que é ser mãe e trabalhadora em contextos

específicos (Badinter, 2011; Maggioni; Costa; Borba, 2024). A interpretação dos dados privilegia tensões recorrentes, deslocamentos identitários e estratégias de negociação presentes nos enunciados, observando como as participantes explicam, legitimam ou contestam expectativas sociais associadas à maternidade e ao trabalho. Salienta-se, porém, que a seção apresenta um apanhado geral dos principais atravessamentos da maternidade no trabalho identificados no *corpus* durante a análise do primeiro e do segundo ciclo de coleta de dados, com ênfase em recorrências, variações e tensões que atravessam as narrativas.

A partir desse conjunto interpretativo, orientado pela comparação entre relatos e pelo refinamento progressivo da leitura (Conde, 2009), foram construídas **cinco conjecturas analíticas**, sendo este tópico construído inicialmente como balizador das demais e as outras conjecturas detalhadas nas subseções seguintes, que organizam os achados e sustentam a análise em maior profundidade, consolidando a base da teoria fundamentada que se estrutura a partir dos achados do estudo. Essas conjecturas estão ramificadas nas temáticas recorrentes que surgiram das análises da pesquisadora, sendo: **a)** Maternidade, planejamento e responsabilização; **b)** Redes de apoio como condição de sustentação do retorno ao trabalho; **c)** Religiosidade e espiritualidade como suporte simbólico; e **d)** Sobrecarga, cansaço e gestão do tempo no retorno ao trabalho.

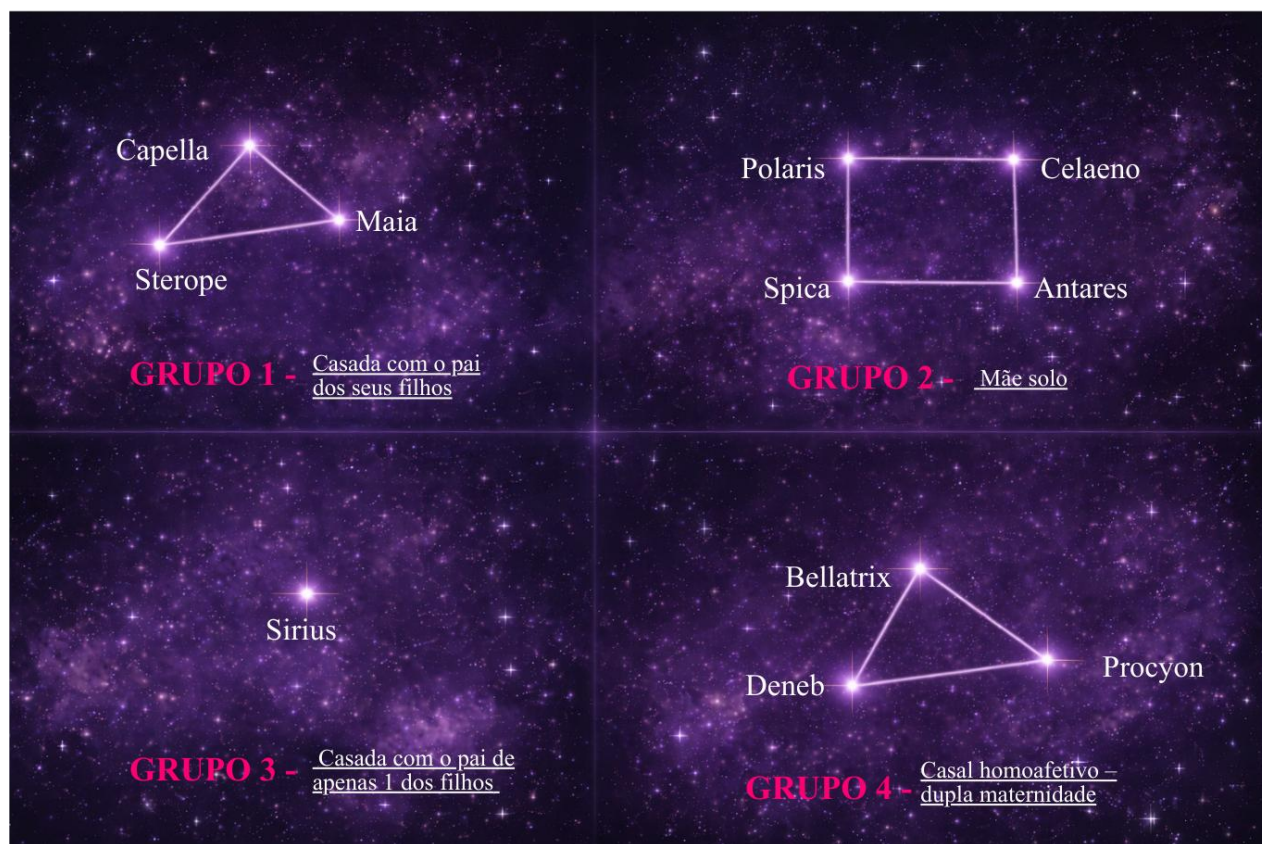
Assim, primeiramente, as mulheres-mães foram organizadas em quatro grupos, segundo suas configurações familiares, com o objetivo de comparar como diferentes arranjos interferem nas vivências e sentidos do matinar. Essa organização favoreceu a identificação de contrastes entre contextos conjugais, posições sociais e dinâmicas de cuidado, evidenciando que a forma de organização familiar incide sobre o modo como as narrativas são construídas e sobre os sentidos atribuídos ao retorno ao trabalho no pós-maternidade.

A partir disso, emergiu a primeira **conjectura analítica** de que *a configuração familiar não opera apenas como um dado descritivo da trajetória das mulheres-mães, mas como um marcador social que atravessa os posicionamentos discursivos, influenciando os modos de narrar a maternidade, o trabalho e a própria legitimidade dessas experiências*. Assume-se, portanto, que diferentes arranjos familiares produzem condições distintas de sustentação do cuidado, bem como exigências morais específicas, que se refletem na organização das narrativas, nos sentidos atribuídos ao retorno ao trabalho e nas justificativas mobilizadas pelas mulheres para explicar suas escolhas e percursos.

A Figura 7 apresenta os *posicionamentos discursivos - quem fala e de onde fala?* - das entrevistadas organizados a partir de suas configurações familiares, evidenciando quem é o

sujeito social que fala em cada agrupamento. O recurso gráfico, estruturado em constelações, não tem somente função ilustrativa, mas analítica, pois permite visualizar como mulheres que compartilham arranjos familiares semelhantes tendem a acionar repertórios narrativos próximos, ainda que preservem singularidades em suas trajetórias. Os quatro grupos foram organizados considerando a presença ou ausência de corresponsabilização conjugal no cuidado, bem como a forma como a maternidade se articula às condições de trabalho e de sustentação cotidiana.

Figura 7 – Posicionamentos discursivos - configuração familiar das mulheres-mãe



Fonte: elaborado pela autora (2026).

No Grupo 1, composto por mulheres casadas com o pai de seus filhos, as *configurações narrativas - sobre o que se fala? Como a fala é organizada?* - tendem a organizar-se em torno da ideia de continuidade e reorganização da vida, mais do que de ruptura. As falas frequentemente partem de um “antes” e um “depois” da maternidade, mas enfatizam estratégias que demonstram como funciona, constantemente, a negociação e redistribuição parcial de tarefas, ainda que a responsabilidade principal pelo cuidado permaneça feminina (Badinter, 2011). O discurso é estruturado de modo a demonstrar capacidade de “dar conta”, acionando

justificativas que combinam planejamento, mérito e esforço individual, como foi possível visualizar em falas específicas:

Capella: Ahn, depois tem toda a questão das próprias demandas da condição do [REDACTED] que fazem com que a gente busque, não só a mim, e aí eu vou dizer que meu marido também, então não é uma questão só da maternidade, ele também faz escolhas e faz concurso e fica em [REDACTED] porque ele é professor na universidade também em função da gente ter condição de dar sorte das terapias de tempo, recurso, para isso, ahn, **mas tem outras coisas que eu sei que por exemplo não ter feito doutorado antes tem um pouco a ver com isso, não ter feito nada fora, não ter feito nenhum estágio... Por exemplo, a questão do doutorado sanduíche, era uma possibilidade, era uma oportunidade! Não fiz, (XX), mas eu consigo enxergar. E aí, já tô te dizendo que meu marido fez, meu marido fez doutorado uns anos antes.** Dez anos antes que eu, assim, e ele fez o doutorado sanduíche, mas ele fez dois meses ali em [REDACTED] em que ele no meio do caminho voltou porque já tinha a questão do filho, então não foi uma coisa do tipo “Ah, vou e não preciso me preocupar”, fez, mas fez do jeito, assim, que minimamente pudesse afetar para poder fazer (...)

Sterope: Porque assim, sem meu marido, talvez eu não teria essa realidade que eu tenho hoje de trabalhar e ter as crianças. **Então minha rede de apoio quando fala é muito meu marido, sabe?** então da disposição dele e do tempo. **Então a gente tem um apoio sim.** Então no meu caso é o marido.

Maia: De noite com meu marido. Aí de dia, como eu trabalho 12h de manhã, ele fica com meu marido e com a minha mãe. Minha mãe me ajuda bastante e à tarde eu tenho uma moça que me ajuda aqui em casa. Aí quando ela vai embora, a minha mãe ajuda a dar banho e tal e com meu marido. Na verdade, seriam os três assim, eu venho em casa almoçar, mas quem me ajuda quando eu trabalho são eles (...)

Assim, os *espaços semânticos - qual o significado do que se fala?* - aparecem com força sentidos ligados à estabilidade, ao apoio conjugal como facilitador e à maternidade como projeto compatível com o trabalho, ainda que tenha sido uma experiência difícil e/ou custosa. O que está em jogo nesses discursos é a manutenção da legitimidade profissional sem romper com expectativas sociais de boa maternidade, o que exige constante gestão do tempo e das emoções (Brown, 2010; Freeney *et al.*, 2025).

No **Grupo 2**, formado por mães solo, as narrativas assumem um tom marcadamente distinto. As *configurações narrativas - sobre o que se fala? Como a fala é organizada?* - são organizadas a partir da ausência de corresponsabilização paterna, o que desloca o eixo do discurso para a responsabilidade exclusiva, a sobrecarga e a necessidade permanente de justificativa (Pereira; Xavier; Resende, 2024). A maternidade aparece, em muitos relatos, como consequência de situações socialmente enquadradas como “desvio” ou “erro”, exigindo das mulheres explicações adicionais sobre suas escolhas e trajetórias.

Os *espaços semânticos - qual o significado do que se fala?* - desse grupo são atravessados por sentidos de punição simbólica, resistência e sobrevivência (Bourdieu, 1989). O

trabalho não surge apenas como espaço de realização, mas como condição de possibilidade material para sustentar o cuidado. Aqui, o que está em jogo é uma espécie de legitimação da maternidade e da identidade profissional em um contexto de julgamento social intensificado, no qual a mulher-mãe precisa demonstrar força, autonomia e capacidade de sustentação contínua, conforme visualiza-se em algumas falas:

Spica: Eu queria fazer uma faculdade, eu queria fazer, enfim, seguir os estudos. E daí eu fiquei grávida (+) **Eu fiquei grávida, eu estava trabalhando no escritório de contabilidade, só que daí era eu sozinha, fiquei grávida, enfim, e tive o meu filho. E daí eu tive o meu sonho de fazer a faculdade, eu adiei (...)**

(...) eu tive **muita discriminação por ser mãe solteira**. Tanto que o dono do supermercado, na época, ele descobriu que eu era mãe solteira, porque assim eu meio que era uma coisa que eu não contava (...)

(...)Daí ele foi criado pelos avós, assim, tive a rede de apoio dos meus avós, porque eu sou mãe solteira. E o pai dele **nunca foi um pai presente**, enfim, e daí eu tinha que trabalhar e não tinha quem cuidasse. Então eu deixei ele com a minha mãe, meu pai (...).”

Antares: (...) (-) E eu tinha que ir junto. Daí já não dá para levar os guri. (-) **E o pai deles não se comprometia de cuidar**. E a mãe trabalhava na [REDACTED], de noite e de dia ela tinha que dormir, tinha as coisas dela, porque não tinha ela, né. E aí, por fim, tem que sair dos trabalhos, mas eles eram muito bons para mim (...)

(...) Na época dos dois primeiros, **o pai era visita**. A gente morava junto, mas **ele aparecia raramente em casa**. E ‘os guri’ iam para a escolinha e sempre eu trabalhei.”

Por conseguinte, o **Grupo 3** apresenta narrativas marcadas pela complexidade dos arranjos familiares reconstituídos. As *configurações narrativas - sobre o que se fala? Como a fala é organizada?* - revelam trajetórias atravessadas por separações, recomposições conjugais e experiências distintas de maternidade dentro da mesma biografia. O discurso se organiza de forma comparativa, contrapondo momentos da vida e diferentes experiências de cuidado e apoio no percurso dessas mulheres-mães.

Nos *espaços semânticos - qual o significado do que se fala?* -, emergem sentidos de adaptação, negociação e ambivalência. O apoio conjugal aparece de maneira parcial e variável e o trabalho assume funções múltiplas, ora como fonte de autonomia, ora como elemento de tensão adicional. O que aparece constantemente nesse grupo é a construção de coerência identitária diante de trajetórias fragmentadas, nas quais maternidade e trabalho precisam ser constantemente rearticulados, conforme é possível compreender na fala da entrevistada Sirius:

Sirius: (...) O [REDACTED] me dava muito suporte início, de levar, de buscar, porque eu, trabalhando no comércio, não tinha essa flexibilidade de sair (...)

(...) o [REDACTED] **sempre foi muito melhor do que eu**, tanto para a filha dele quanto para o nosso. Né? **Então, do [REDACTED] eu acabava fazendo, obviamente que o pai dele não morava aqui, mas a gente se descobriu que ele era melhor em**

**algumas coisas e eu sou melhor em outras. Então a gente faz uma divisão de papéis assim, sabe? E dá certo, né? Dá super certo (...)**

No **Grupo 4**, composto por casal homoafetivo em situação de dupla maternidade, as *configurações narrativas - sobre o que se fala? Como a fala é organizada?* - deslocam o eixo tradicional da maternidade heteronormativa. As falas se organizam em torno da corresponsabilização explícita, da divisão do cuidado e da construção consciente de um arranjo familiar que desafia expectativas normativas. O discurso assume, em muitos momentos, caráter reflexivo e político, ainda que ancorado na experiência cotidiana. Como é possível visualizar em algumas falas:

Deneb: Eu e a [REDACTED], a gente sempre senta, a gente sempre conversa. Mas eu consigo estar em casa tanto tempo fora, porque eu sei que eu tenho a [REDACTED] aqui segurando a barra, porque se eu não tivesse a [REDACTED] segurando a barra aqui em [REDACTED], **eu não tinha como aceitar**, por exemplo, esse emprego. **É humanamente impossível.**

(...) Aí ela só botou um, hm, um combinado. **Eu não podia entrar com o processo de tirar a licença maternidade.** E aí, como eu precisava da renda, eu aceitei. Então foi por isso que eu não tirei licença maternidade. E eu só tirei os 15 dias porque uma, hm, das diretoras que eu estava era muito gente boa e elas foram atrás. **E como eu sou funcionária pública, equivale a uma licença paternidade.** E aí elas foram atrás para mim e elas conseguiram os 15 dias, **porque senão eu não ia tirar nem isso, eu tirar três dias (...)**

*Os espaços semânticos - qual o significado do que se fala?* - são marcados por sentidos de cooperação, espaço compartilhado e legitimação da maternidade, até mesmo com os direitos básicos, como a licença-maternidade. O trabalho aparece como espaço de reconhecimento, mas também como campo onde a maternidade precisa ser constantemente explicada e reafirmada. Existe uma grande disputa por reconhecimento social, tanto da maternidade quanto da configuração familiar, em contextos ainda regulados por normas heterocentradas. Corroborando esse argumento, é possível mencionar o que é levantado por Ril *et al.* (2024), sobre o fato da dupla maternidade enfrentar dificuldades específicas decorrentes da cisheteronormatividade, que estrutura práticas sociais e institucionais a partir do pressuposto de que a maternidade legítima é exercida por uma única mulher, em um arranjo heterossexual.

A análise dos quatro grupos confirma a conjectura inicial de que a configuração familiar opera como um atravessamento central nos posicionamentos discursivos das mulheres-mães. Embora nenhuma experiência seja homogênea ou hierarquizável, os diferentes arranjos produzem condições específicas de sustentação do cuidado, de acesso a redes de apoio e de exigência moral, que se refletem diretamente nos modos de narrar a maternidade e o trabalho. Assim, a configuração familiar não determina os sentidos produzidos, mas estrutura o campo

de possibilidades discursivas, influenciando aquilo que precisa ser justificado, naturalizado ou tensionado nas narrativas das mulheres-mães no período pós-maternidade.

Salienta-se que não há juízo de valor sobre qualquer aspecto da vida dessas mulheres, pois cada configuração familiar reflete trajetórias singulares e legítimas. Contudo, é importante reconhecer que diferentes arranjos produzem diferenças nos discursos e nas experiências narradas (Vargas, 2018). Por exemplo, uma mulher que conta com uma rede de apoio consolidada, especialmente a presença ativa de um cônjuge, pode vivenciar níveis menores de estresse cotidiano quando comparada a uma mãe solo, cuja carga de responsabilidades tende a ser concentrada e contínua (Rapoport; Piccinini, 2006). Essas distinções não operam como hierarquias, mas como marcadores sociais que influenciam os modos de organizar o cuidado, de acessar recursos e de significar o retorno ao trabalho pós-maternidade.

Ainda, em relação às mães solo, por exemplo, a dinâmica pode ser compreendida como efeito do poder simbólico (Bourdieu, 1989), ou seja, da capacidade social de impor categorias de visão e divisão do mundo que passam a orientar julgamentos cotidianos e a definir o que é reconhecido como legítimo ou não. Nessa seara, as cobranças e constrangimentos narrados não operam como punições formais, mas como sanções simbólicas que rebaixam a maternidade fora do roteiro esperado e exigem justificativas permanentes. Trata-se de uma violência, literalmente, simbólica, exercida de modo sutil e frequentemente com a cumplicidade involuntária de quem a sofre, na medida em que tais critérios são tomados como naturais e razoáveis (Bourdieu, 1989; Santos, 2025).

Além disso, é necessário retomar um achado que ganhou centralidade no segundo ciclo de análises e foi encontrado na fala de diversas mulheres: a religiosidade como dimensão mobilizada pelas participantes para sustentar enfrentamentos, organizar sentidos e produzir legitimidade para o próprio exercício da maternidade e do trabalho. Nesse recorte, a religiosidade não aparece apenas como traço individual, mas como referência prática e simbólica que atravessa decisões, justificativas e modos de narrar o cotidiano. É necessário frisar um fato importante, segundo Yujongdee, Thayansin e Khajornchaikul (2025), a religiosidade se mostra marcante em famílias monoparentais, com destaque para aquelas chefiadas por mães. No estudo, dimensões vinculadas ao desenvolvimento espiritual se associam a orientações morais, valores compartilhados e princípios que funcionam como estrutura de sentido para a vida familiar, oferecendo coerência e recursos adaptativos diante de demandas persistentes. Como exemplo, tem-se a entrevistada Antares que demonstrou falas que corroboraram a ideia de que o “sustento” da vida como mãe solo encontrou respaldo na

espiritualidade. Essa leitura contribui para sustentar, no plano teórico, a interpretação de que a religiosidade pode operar como eixo de estabilização subjetiva e como repertório de enfrentamento em contextos de sobrecarga e de responsabilização concentrada.

Aqui, esse diálogo com a literatura ajuda a qualificar a análise do modo como mães acionam a religiosidade para significar experiências de exaustão, incerteza e responsabilidade, ao mesmo tempo em que constroem uma narrativa de continuidade, resistência e capacidade de sustentação do cuidado. Desse modo, o segundo ciclo, orientado por questões emergentes sobre redes de apoio e religiosidade, permitiu aprofundar como esses elementos se articulam nas narrativas, seja como fonte de pertencimento e acolhimento, seja como linguagem moral que organiza escolhas, delimita limites e oferece inteligibilidade ao retorno ao trabalho no pós-maternidade.

Além disso, as entrevistadas relataram elementos que evidenciam a existência de uma estrutura social que tende a privilegiar a maternidade quando essa se apresenta como uma “escolha” planejada, realizada após o cumprimento de marcos socialmente esperados para as mulheres, como o casamento, a consolidação da carreira e a aquisição de patrimônio (Paksi; Nagy; Tardos, 2022). Nesse sentido, as narrativas de Maia, Polaris e Celaeno indicam experiências de maternidade que, embora atravessadas por desafios e particularidades, foram socialmente mais acolhidas e legitimadas em função do planejamento prévio. Em contraste, as maternidades vivenciadas de forma não planejada, descritas por Spica, Antares e Sirius, aparecem associadas a maiores tensionamentos, julgamentos e necessidade de justificativa, revelando como a ausência do planejamento socialmente esperado intensifica processos de deslegitimação e responsabilização feminina.

Esse enquadramento revela que a maternidade não é lida apenas como evento biográfico, mas como projeto que precisa cumprir condições de legitimidade social (Biroli; Miguel, 2014). Quando a gravidez ocorre dentro de um roteiro considerado adequado, estabilidade conjugal, segurança material e previsibilidade do trabalho, ela tende a ser reconhecida como decisão responsável, madura e merecedora de apoio (Badinter, 2011). Em contraponto, quando a maternidade escapa desse roteiro, sobretudo quando emerge em contextos de instabilidade, ausência de coresponsabilização ou precariedade, as narrativas indicam maior necessidade de justificativa, maior exposição a julgamentos e maior pressão para demonstrar controle e capacidade de “dar conta”, conforme visualizado em falas das entrevistadas:

Spica: “(...) Então, no início foi bem conturbado por ser do interior, por ter uma tradição assim, o pai e a mãe são italianos, então eles tiveram uma formação, uma

tradição diferente, então para eles até era difícil aceitar quando alguém casasse e separasse, então, **mãe solteira foi difícil** assim, *ahn*, mas depois, com o tempo assim, eles me acolheram, acolheram principalmente o meu filho. E hoje, assim, tanto que o meu filho é o xodó da família, sabe? Porque ele teve apoio dos meus irmãos, que são os padrinhos dele, *eh*, mas de começo assim **eu fiquei toda a minha gravidez sem ir para casa**. Eu fui para casa dos meus pais 15 dias antes do [REDACTED] nascer, e daí fiquei lá com eles, enfim, mas aí era bem complicado, assim, realmente... E as, as comadres, né, como a gente fala, e as amigas da mãe, iam lá em casa para ver com quem que era parecido (...)"

Antares: "(...) (-) **A mãe queria, quando ela descobriu, como eu era menor de idade, ela queria, primeiro ela queria que eu fizesse um aborto, depois ela queria que eu desse criança e eu não aceitei sair de casa (...)**"

No contexto da entrevistada Antares, com especial foco, a pressão normativa aparece de modo ainda mais radical, porque se associa à idade e à dependência familiar, ampliando assimetria e vulnerabilidade (José *et al.*, 2024). A sequência de exigências, tentativa de realização de um aborto, doação do bebê e ameaça de expulsão de casa explicita um horizonte que reflete um comportamento punitivo que marca a gravidez como um desvio, afastando a possibilidade de entender como um acontecimento legítimo. Esse tipo de reação evidencia como a maternidade fora do roteiro socialmente reconhecido pode ser enquadrada como uma falha moral e como ameaça à respeitabilidade familiar, deslocando para a jovem a responsabilidade total pela situação (Badinter, 2011).

Nesse sentido, o planejamento aparece menos como simples preferência individual e mais como exigência normativa que organiza expectativas sobre o que seria uma maternidade efetivamente planejada e “correta” (Olson, *et al.*, 2026). Tal exigência atravessa a relação com o trabalho, pois transforma a carreira e a segurança financeira em pré-condições para a maternidade, e, ao mesmo tempo, mantém ambientes organizacionais que dificultam conciliações e reforçam custos materiais e simbólicos do cuidado (Badinter, 2011; Emidio; Castro, 2021). Assim, a maternidade planejada funciona como marcador de reconhecimento social (Paksi; Nagy; Tardos, 2022), enquanto a maternidade fora do padrão esperado tende a ser confrontada com opiniões moralizantes, deslocando única e exclusivamente para a mulher a responsabilidade pelo “acerto” do tempo, das condições e da forma de constituir família.

A partir do cenário supramencionado, avança-se para a etapa de formulação das conjecturas analíticas específicas, elencadas após esta primeira conjectura geral. Ao todo, são apresentadas quatro conjecturas analíticas, construídas conforme as orientações de Conde (2009) e Vargas (2018), compreendidas como um movimento de aproximação preliminar ao corpus empírico. Trata-se de um exercício analítico inicial, voltado à produção de hipóteses provisórias, exploratórias e indicativas, que orientam o olhar do pesquisador para os sentidos em circulação, sem caráter confirmatório ou conclusivo.

#### 4.1 MATERNIDADE, PLANEJAMENTO E RESPONSABILIZAÇÃO

*“Trabalhar como se não tivesse filhos, ser mãe como se não trabalhasse fora” (Lisauskas, 2015).*

A moralização da maternidade emerge nas narrativas analisadas, sobretudo, a partir da oposição entre planejamento e culpa, funcionando como um eixo organizador dos julgamentos e expectativas dirigidos às mulheres-mães. Nessa seara, a maternidade é frequentemente avaliada segundo critérios de previsibilidade, controle e adequação temporal, de modo que ser mãe passa a exigir a demonstração de que a decisão foi devidamente planejada e compatibilizada com a trajetória profissional e com as condições materiais de vida. Assim, quando essa expectativa de planejamento é atendida, a maternidade tende a ser narrada como escolha responsável e socialmente legitimada e quando não o é, os discursos revelam a ativação de sentimento de culpa e a necessidade recorrente de justificativa. Cabe salientar que tanto a família quanto o ambiente de trabalho podem ser compreendidos como instituições que “cobram muito”, na medida em que impõem exigências totais às mães trabalhadoras e demandam níveis elevados de dedicação, frequentemente concebidos como incompatíveis entre si (Theboral; Vijayalakshmi, 2025).

Assim, a maternidade deixa de operar apenas como experiência vivida e passa a constituir uma posição social permanentemente avaliada (Badinter, 2011; Costa; Guilhem; Silver, 2006), na qual a mulher é interpelada a provar sua competência, seu equilíbrio e seu controle, mesmo em contextos marcados por sobrecarga, escassez de tempo e ausência de corresponsabilização. Nesse sentido, a maternidade pode ser narrada simultaneamente como mérito, quando associada ao ideal do planejamento, e como fonte de culpa ou deslegitimação, quando esse ideal é tensionado, especialmente no âmbito do trabalho e das relações sociais (Badinter, 2011). Em relação à culpabilização feminina no campo da maternidade, Badinter (2011) afirma:

(...) Contudo, se a hipótese de uma volta maciça a casa é inimaginável, o discurso culpabilizante expande-se nas mentes. De tanto ouvirem repetir que **uma mãe deve tudo ao filho, seu leite, seu tempo e sua energia, sob pena de depois pagar caro, é inevitável que cada vez mais mulheres recuem diante do obstáculo** (...) (Badinter, 2011, p. 157, grifo nosso).

A análise deste subcapítulo parte da **conjectura analítica** de que *os sentidos atribuídos à maternidade e ao maternar estão profundamente articulados às formas de planejamento da experiência materna e aos modos pelos quais a responsabilização pela maternidade é assumida, distribuída ou concentrada sobre as mulheres.*

Nas narrativas analisadas, o planejamento não aparece apenas como decisão prática ou organização temporal, mas como marcador simbólico que incide sobre o reconhecimento social da maternidade, modulando julgamentos, expectativas e formas de legitimação. De modo relacional, a responsabilização emerge como eixo que conecta planejamento, culpa e reconhecimento, estruturando a maneira como as mulheres interpretam suas escolhas, justificam percursos e narram a compatibilização entre trabalho e cuidado. Assim, a maternidade é discursivamente produzida não apenas como experiência vivida, mas como posição social avaliada, cuja legitimidade depende das condições em que foi planejada e da forma como a mulher responde às exigências morais associadas ao ato de maternar.

Nesse movimento, as participantes mobilizam repertórios normativos para explicar escolhas, contextualizar condições e responder a expectativas externas, evidenciando tensões entre reconhecimento e questionamento social. Esses processos aparecem tanto em avaliações explícitas, provenientes de familiares, colegas e contextos institucionais, quanto em formas de autorregulação presentes nas próprias narrativas, quando as mulheres mencionam a necessidade de demonstrar competência, sustentar desempenho e administrar percepções sobre sua atuação profissional. Dessa forma, a maternidade atravessa o trabalho não apenas por demandas práticas, mas também por efeitos simbólicos, ao influenciar os critérios a partir dos quais determinadas condutas passam a ser percebidas como adequadas, valorizadas ou problematizadas quando uma mulher ocupa simultaneamente as posições de mãe e trabalhadora (Freney *et al.*, 2024).

Para tornar visíveis esses processos, o Quadro 5 reúne frações narrativas representativas dos *estilos discursivos* mobilizados pelas entrevistadas ao tratar da relação entre maternidade, planejamento e responsabilização. O quadro não tem a função de exaurir os discursos, mas de ilustrar como diferentes mulheres organizam suas falas diante de expectativas normativas que associam a legitimidade da maternidade à previsibilidade, à estabilidade e ao controle. As frações selecionadas permitem observar como o planejamento é acionado como elemento central de justificação, bem como de que forma a culpa emerge quando esse ideal é tensionado ou rompido.

Assim, do ponto de vista dos *posicionamentos discursivos* - quem fala e de onde fala?- , observa-se que as entrevistadas falam a partir de lugares sociais distintos, marcados por condições desiguais de reconhecimento, estabilidade e corresponsabilização. Esses posicionamentos não se definem apenas pela configuração familiar ou pela trajetória profissional, mas pela forma como cada mulher se situa discursivamente diante das expectativas

sociais sobre maternidade e trabalho. Assim, o “quem fala” está indissociavelmente ligado ao “de onde se fala”, evidenciando que os sentidos mobilizados nas narrativas dependem das condições materiais, institucionais e simbólicas que sustentam ou fragilizam a experiência materna.

Quadro 5 – Estilos discursivos da moralização de planejamento e responsabilização da maternidade

Entrevistada	Fração discursiva
Celaeno	<p>“(…) O que aconteceu é que eu acabei engravidando antes de terminar o estágio. Aquela coisa, né, pílula, ‘nanana’. Mas a gente já ia pra [REDACTED], já tinha um apartamento pra gente morar, então assim, já havia uma consolidação de uma ideia de casar e ficar junto. A gente casou antes de eu ter a [REDACTED], então, era algo que a gente ia fazer logo, me formava e eu imaginava ter filhos já. O [REDACTED] foi extremamente planejado, ele diz para as meninas “eu sou o planejado, eu sou o planejado, ‘lalala’”, ele irrita as gurias, ele diz “eu sou pla-ne-ja-do”. Porque esse sim, eu não queria muita distância, eu queria uns cinco anos de diferença (…)”</p> <p>“(…) Porque as pessoas cobravam <u>MUITO</u>, né. As pessoas cobravam “Ah, mas eu deixava uma criança pequena, aí, tu viaja muito, aí, assim, tu não vai conseguir ficar casada, teu marido...”, ah, era muito chato isso. E eu fui levando (…)”</p>
Maia	<p>“E, eh, então foi sempre com essa ideia que eu que eu cresci, sabe? Então, claro, isso aqui eu quis esperar eu passar no concurso, <b>eu estar mais estabilizada para poder ter filhos</b>, porque eu nunca queria ter filhos dependendo dos meus pais, sabe? Eu dependendo de qualquer ajuda. Aí, daí depois que eu passei no concurso, eu estou com meu marido há 16 anos, então a gente sempre pensou isso, que o dia que a gente pudesse e tal ter uma vida mais estruturada, a gente ia ter filhos. (-)Hoje eu estava me arrependendo de não ter tido antes (…)”</p>
Polaris	<p>“(…) <b>Como te disse, fui mãe tarde, então eu fui muito aberta e muito consciente que é a minha única maternidade.</b> Então ela mudou assim radicalmente no sentido de <b>entender que as coisas às vezes não acontecem no teu tempo (…)</b>”</p>
Antares	<p><u>Não, né, eu tinha 15 anos, eu nem pensava nisso.</u> Pra mim foi um <u>CHOQUE</u> assim, ó. Só que ao mesmo tempo que foi pra mim foi um choque ter engravidado aos 15 anos, porque eu ganhei ele e pouco tempo depois eu fiz (-) 16 (-), para mim foi em choque mas também ao mesmo tempo assim, ó, eu ganhei, “é meu”, sabe que no momento assim que tu sente, que não é todo mundo que ganha... <b>porque tem mãe e mãe, né?</b></p> <p><b>Do [REDACTED] mesmo, eu descobri que estava grávida, eu trabalhava em casa de família (-) e ela me dispensou.</b> (-) Eu fiquei uns meses com ela e ela me dispensou. Porque se eu ficasse, e tu não tem conhecimento, assim, que tu teria direito a reclamar alguma coisa, que tu teria direito a reclamar que ela te soltou grávida. Tu não tem conhecimento assim, né? Não tem quem te diga “não, mas tu tem direito, tu não pode (…)”</p>
Spica	<p>“Eu, quando eu estava trabalhando num supermercado, ahn, quando eu fui trabalhar nesse mercado, já estava um tempo assim nesse mercado, eu tive <b>muita discriminação por ser mãe solteira.</b> Tanto que o dono do supermercado, na época, ele descobriu que eu era mãe solteira, porque assim eu meio que era uma coisa que <u>eu não contava.</u> Eu tinha o meu filho, eu trabalhava, eu ia finais de semana, mas eu não contava para muitas pessoas, porque era uma cidade que eu morava, uma cidade pequena e tinha um pouco, tinha <u>bastante preconceito.</u> E daí o dono desse supermercado, ele falou, quando ele descobriu que eu era mãe solteira, ele falou assim, ahn, “<b>Se eu soubesse antes, eu não teria contratado, porque mãe solteira não faz parte do meu trabalho, do meu comércio</b>” (…)”</p>

Sirius	<p><i>“Naquele momento que eu engravidei, por eu estar surfando naquela onda de ter um currículo qualificado para minha idade, eu queria fazer uma carreira profissional, mas a gente sabe que o aborto é ilegal, né? Mas se tu quiser fazer um aborto, tu faz, né? Foi uma escolha minha não fazer, certo? A família, inclusive, dele teria condições de me levar para uma clínica e fazer o aborto. (-) E aí eu te confesso que eu quis ser mãe, MAS em algum momento eu já não queria mais ter aquela família, porque aquele relacionamento não me fazia bem, né (...)”</i></p>
Procyon	<p><i>“BASTANTE, porque eu sou bem, sempre fui muito insegura com isso. E era uma preocupação muito grande antes da gente fazer a inseminação. A preocupação... (-) a gente sempre postergou justamente porque... A gente tem que estar as duas formadas, tem que estar bem, tem que emprego fixo, tem que não sei o que... Então a gente pensava muito nisso. E daí quando eu saí, eu fiquei <u>“poxa, e agora, como é que a gente faz?”</u> (...)”</i></p> <p><i>“Sim, eu pensava bastante “Ah, não vou fazer, porque vão me demitir”.</i></p>

Fonte: elaborado pela autora com base em Vargas (2018).

No que se refere às *configurações narrativas - sobre o que se fala? Como a fala é organizada?* -, as falas analisadas se organizam em torno de eixos temporais e causais distintos. Em alguns casos, a narrativa é construída como sequência planejada, marcada por espera, preparo e consolidação, enquanto em outros se estrutura a partir da ruptura, do choque ou da necessidade de reorganização abrupta da vida que, agora, é compartilhada com a maternidade. Essas diferenças não dizem respeito apenas ao conteúdo do que é narrado, mas à forma como os relatos são organizados, aos eventos destacados ou silenciados e à lógica explicativa acionada para dar coerência à experiência da maternidade em articulação com o trabalho.

Nas narrativas de Celaeno e Maia, o planejamento aparece como eixo estruturante do discurso das mulheres. Ambas organizam suas falas a partir da ideia de preparação prévia, estabilidade conjugal e consolidação profissional, apresentando a maternidade como um evento esperado e integrado a um projeto de vida mais amplo. Em Celaeno, o caráter “extremamente planejado” da maternidade é reiterado de forma quase performativa, funcionando como marcador de legitimidade e proteção simbólica diante de cobranças externas “(...) O [redacted] foi extremamente planejado (...)” (Celaeno, entrevistada). Ainda assim, mesmo nesse contexto, a entrevistada relata pressões sociais relacionadas ao cuidado e à dedicação, indicando que o planejamento não elimina a vigilância moral, mas contribui para administrá-la. De modo semelhante, Maia enfatiza a espera pelo concurso e pela autonomia financeira como condição para a maternidade, ao mesmo tempo em que reconhece ambivalências, como o arrependimento tardio por não ter tido filhos antes, revelando que o planejamento também pode gerar tensionamentos subjetivos.

No caso de Polaris, a narrativa se organiza em torno de uma maternidade tardia, descrita como consciente e singular. O discurso não enfatiza apenas o planejamento instrumental, mas a

aceitação de que “as coisas às vezes não acontecem no teu tempo”. Aqui, a culpa aparece de forma mais diluída, substituída por um movimento de ressignificação do tempo e da experiência materna, ainda que permaneça a consciência de expectativas sociais sobre o momento considerado adequado para ser mãe.

Já nas falas de Antares, Spica e Sirius, o ideal do planejamento é fortemente tensionado. Em Antares, a maternidade precoce é narrada como choque, acompanhada de perdas materiais e de desconhecimento de direitos, o que evidencia um contexto de deslegitimação institucional e ausência de suporte, que acompanha as mulheres que tem filhos de forma não-planejada (Costa; Guilhem; Silver, 2006). O discurso oscila entre a afirmação do vínculo materno e a experiência de punição no trabalho, revelando como a falta de planejamento socialmente reconhecido intensifica a vulnerabilidade e a necessidade de justificativa. Em Spica, a maternidade solo aparece associada à ocultação da condição materna como estratégia de sobrevivência profissional, diante de um ambiente marcado por preconceito explícito. A culpa, nesse caso, não se expressa apenas como sentimento individual, mas como efeito de um contexto que produz silenciamento e exclusão. Sirius, por sua vez, articula a maternidade a dilemas éticos, legais e relacionais, evidenciando conflitos entre projeto profissional, escolhas reprodutivas e expectativas familiares, o que desloca a culpa para um campo de tensões morais mais amplas.

A análise dos *espaços semânticos - qual o significado do que se fala?* - evidencia que os discursos produzem sentidos recorrentes associados a categorias como responsabilidade, controle, medo, reconhecimento e culpa. Esses significados não aparecem de forma isolada, mas articulados em campos de sentido que orientam a interpretação da maternidade como experiência legítima ou questionável. Em contextos de maior reconhecimento social, o planejamento tende a assumir centralidade semântica como valor positivo, enquanto, em situações de deslegitimação, a culpa emerge como elemento estruturante do discurso, frequentemente associada à necessidade de justificativa e à antecipação de julgamentos externos.

Na narrativa de Procyon, o planejamento aparece de forma intensa e reiterada, associado à formação, estabilidade e emprego fixo como pré-condições para a maternidade. Ainda assim, a entrevistada explicita medos recorrentes relacionados à demissão e à insegurança no trabalho, indicando que, mesmo quando o ideal do planejamento é seguido, a culpa e o receio de sanções organizacionais permanecem presentes. Nesse sentido, o planejamento atua menos como garantia de tranquilidade e mais como estratégia de contenção simbólica diante de riscos percebidos.

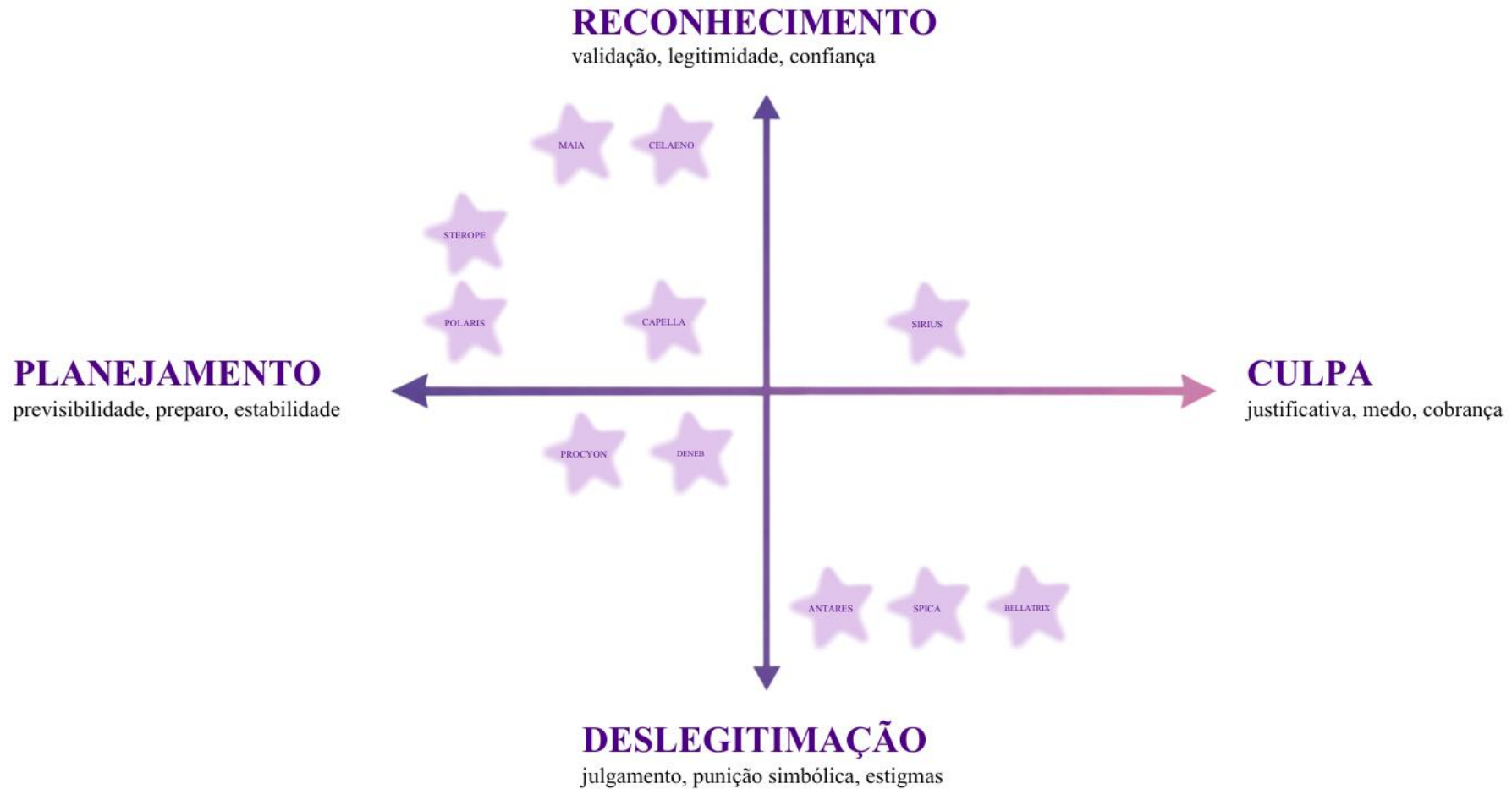
De forma articulada, as falas analisadas indicam que a oposição entre planejamento e culpa não configura polos excludentes, mas um eixo semântico a partir do qual as mulheres

organizam seus discursos. A culpa atravessa praticamente todas as narrativas (nasce uma mãe, nasce uma culpa?), ainda que em intensidades e formas distintas, sendo modulada pelas condições de reconhecimento social, pela presença ou ausência de corresponsabilização e pelas respostas institucionais às experiências maternas. Assim, o planejamento emerge como um recurso discursivo central para a legitimação da maternidade, enquanto a culpa se intensifica nos contextos em que esse ideal é questionado, revelando o caráter situado e relacional desses sentidos.

A articulação entre *posicionamentos discursivos*, *configurações narrativas* e *espaços semânticos* permite compreender que planejamento e culpa não operam como categorias opostas ou excludentes, mas como polos de um mesmo eixo interpretativo. Há coerência entre esses elementos quando o planejamento narrado encontra respaldo em condições de reconhecimento social, produzindo discursos mais estáveis e menos defensivos. Por outro lado, emergem tensões e contradições quando o planejamento é ausente, interrompido ou desconsiderado pelo entorno social, intensificando a presença da culpa e fragilizando a legitimidade da maternidade no contexto do trabalho.

A Figura 8 organiza com uma representação gráfica a validação da conjectura analítica deste subcapítulo, articulando os sentidos de planejamento e culpa às condições de reconhecimento ou deslegitimação social. Os posicionamentos representados não correspondem a categorias fixas, mas a lugares discursivos construídos a partir da forma como as mulheres narram suas experiências, mobilizam justificativas e interpretam as reações do entorno social. A distribuição das entrevistadas no eixo evidencia que, embora a culpa esteja presente em praticamente todas as narrativas, sua intensidade, centralidade e efeitos variam conforme as condições de planejamento e os contextos de validação social.

Figura 8 – Posicionamentos discursivos em torno do planejamento e da culpa na maternidade



Fonte: elaborado pela autora (2026).

A Figura 8 evidencia que os *posicionamentos discursivos* em torno do eixo planejamento - culpa não se distribuem aleatoriamente, mas se articulam às condições sociais de reconhecimento e deslegitimação que atravessam a maternidade no contexto do trabalho. No quadrante superior esquerdo, as entrevistadas aparecem mais próximas do polo do planejamento e do reconhecimento, o que sugere narrativas em que a maternidade é apresentada como evento, em algum grau, compatibilizado com a trajetória profissional e com condições mínimas de previsibilidade. Ainda assim, o conjunto não é homogêneo: mesmo entre aquelas que planejaram, há particularidades que modulam o modo como o planejamento é narrado e o quanto ele efetivamente protege do peso da culpa e da cobrança.

Nesse quadrante, Capella, Sterope, Polaris e Celaeno compartilham a presença do planejamento como recurso narrativo de legitimação, porém com tensões internas que tornam o posicionamento menos “estável” do que a localização sugere à primeira vista. Em Capella, a condição de maternidade atípica e a baixa rede de apoio reconfiguram o planejamento como esforço contínuo de sustentação, deslocando a narrativa para um campo em que a previsibilidade existe, mas é fragilizada pela necessidade de compensação cotidiana.

Em Sterope, a experiência empreendedora e a pouca folga reforçam uma organização narrativa centrada em gestão do tempo e do desempenho, revelando que o planejamento pode coexistir com sobrecarga persistente. Polaris, embora tenha planejado a maternidade, narra uma ruptura importante ao tornar-se solteira posteriormente, o que desloca seu posicionamento para uma zona em que planejamento não garante permanência das condições de reconhecimento e suporte. Já Celaeno, mesmo partindo de condições favoráveis, relata ter se tornado mãe solo na terceira gestação, evidenciando que o planejamento pode conviver com eventos contingentes que reconfiguram responsabilidades e intensificam a necessidade de justificar escolhas e sustentar expectativas.

Em contraste, no quadrante inferior direito, Spica, Antares e Bellatrix aparecem associadas à deslegitimação e ao polo da culpa, indicando narrativas atravessadas por maior vulnerabilidade social, julgamentos externos e experiências de marginalização. A configuração narrativa desse agrupamento tende a ser marcada por rupturas, perdas, silenciamentos e necessidade explícita de justificativa. A maternidade, nesses discursos, não é apenas vivida, mas frequentemente colocada em prova diante do entorno social e institucional, produzindo sentidos de punição simbólica, estigma e cobrança intensificada. Um elemento relevante que emerge do *corpus* é que a marginalização não se manifesta apenas na esfera familiar, mas se articula também à inserção ocupacional, já que se trata de profissões socialmente desvalorizadas

ou vulnerabilizadas, como trabalhadora sexual (Bellatrix), ocupações celetistas em áreas pouco protegidas (Spica) e funções de base no serviço público (Antares). Assim, a figura sugere que a deslegitimação da maternidade se intensifica quando a posição ocupacional já é atravessada por estigmas, baixa proteção social ou menor reconhecimento simbólico, produzindo um ambiente propício à intensificação da culpa e da necessidade de autorregulação.

Entre esses polos, há ainda um posicionamento que complexifica a oposição simples entre planejamento e culpa. Deneb e Procyon situam-se em uma região intermediária, sinalizando discursos nos quais o planejamento é fortemente mobilizado, mas não produz plena estabilidade simbólica. A especificidade dessas narrativas, conforme indica o corpus, reside no fato de ambas serem mulheres lésbicas, em uniões estáveis e planejadas, que enfrentaram desafios associados à maternidade em um arranjo homoafetivo.

Nesses casos, o planejamento emerge como uma exigência ampliada, não apenas por razões materiais e de organização do trabalho, mas também como resposta a barreiras sociais e institucionais marcadas pela heteronormatividade. O espaço semântico da culpa, nesses relatos, não se associa à ausência de planejamento ou de conjugalidade, mas à insegurança e ao receio de questionamentos quanto à legitimidade familiar e materna. Assim, o planejamento opera simultaneamente como estratégia prática de organização da vida cotidiana e como mecanismo de proteção simbólica diante da possibilidade de deslegitimação social, evidenciando que, mesmo quando os critérios normativos de estabilidade são atendidos, eles nem sempre são suficientes para assegurar reconhecimento pleno.

De forma articulada, a Figura 8 evidencia coerências e tensões entre posicionamento discursivo, configuração narrativa e espaço semântico. Há coerência quando o planejamento narrado encontra respaldo em condições de reconhecimento social, permitindo discursos mais lineares e menos centrados em justificativas. Por outro lado, emergem tensões quando eventos biográficos ou condições estruturais desestabilizam o suporte esperado, como nos casos em que a maternidade planejada convive com baixa rede de apoio, sobrecarga do trabalho ou rupturas conjugais. Já nos relatos marcados por marginalização, a culpa não se apresenta como mera disposição individual, mas como efeito de condições de deslegitimação e de vulnerabilidade institucional.

Assim, a figura sintetiza a conjectura analítica de que planejamento e culpa operam como um eixo semântico central na organização dos discursos sobre maternidade no contexto do trabalho. Esse eixo não se constitui de forma abstrata ou individual, mas é continuamente modulado por desigualdades de reconhecimento, proteção e legitimidade social que atravessam

as trajetórias das mulheres-mães. O modo como o planejamento é narrado, valorizado ou desconsiderado depende das condições materiais, institucionais e simbólicas disponíveis, bem como das respostas do entorno social e laboral. Da mesma forma, a culpa não emerge apenas como sentimento subjetivo, mas como efeito relacional produzido em contextos de deslegitimação, vigilância moral e assimetria de corresponsabilização. A figura, portanto, evidencia que planejamento e culpa não configuram polos opostos, mas dimensões interdependentes de um mesmo campo discursivo, por meio do qual as mulheres interpretam, justificam e sustentam sua experiência materna no trabalho.

#### 4.2 REDES DE APOIO COMO CONDIÇÃO DE SUSTENTAÇÃO DO RETORNO AO TRABALHO

*“(...) Eu não ia ser para o meu filho o que a minha mãe foi para mim. Não importava o que eu passasse na vida, mas meu filho ia ter a mãe dele ali, aos trancos e barrancos, mas ia ter.” (Bellatrix, entrevistada)*

As redes de apoio aparecem nas narrativas como condição central para a sustentação do retorno ao trabalho no pós-maternidade, pois atravessam diretamente a possibilidade de organizar o cuidado e manter presença no mundo laboral. O apoio é descrito como recurso prático, quem assume a criança em horários críticos, quem cobre imprevistos, quem oferece tempo e disponibilidade, e como recurso emocional, quando acolhe, reconhece e reduz o isolamento que pode acompanhar a experiência materna. Nesse sentido, as redes não se configuram como elemento acessório, mas como parte da infraestrutura cotidiana que permite, ou impede, que a mulher-mãe permaneça trabalhando (Oliveira; Soffiatti, 2025).

Os relatos evidenciam que essas redes se formam por composições variadas, envolvendo familiares, companheiros, amigas, vizinhança e outros vínculos, e que sua existência não garante, por si só, estabilidade. Há narrativas em que o apoio se mostra contínuo e previsível, facilitando rotinas e decisões, e há narrativas em que ele é irregular, condicionado, conflituoso ou inexistente, ampliando a concentração de responsabilidades sobre a mãe. Nesses casos, a ausência de suporte se traduz em sobrecarga cotidiana, maior vulnerabilidade diante de emergências e intensificação da sensação de que o retorno ao trabalho depende de uma sustentação individual permanente (Craig; Mullan, 2011).

A análise deste subcapítulo parte da *conjectura analítica* de que *as redes de apoio operam como condição estruturante para a sustentação do retorno e da permanência das mulheres-mães no trabalho, independentemente de esse retorno ser motivado por necessidade econômica, desejo pessoal ou projeto profissional*. Nas narrativas analisadas, o apoio não se

reduz a um recurso emergencial acionado “quando não há alternativa”, nem pode ser mensurado exclusivamente a partir de sua natureza paga ou não paga. Ao contrário, as redes de apoio emergem como infraestrutura relacional que torna possível a presença da mulher no mundo do trabalho, ao redistribuir, ainda que de forma desigual, a centralidade do cuidado e a dependência prolongada da criança em relação à mãe. Nesse sentido, o apoio aparece articulado tanto à viabilidade prática do trabalho quanto à possibilidade subjetiva de a mulher ocupar espaços que não se organizam exclusivamente em torno da maternidade, revelando que retornar ao trabalho pode expressar não apenas uma imposição, mas também a busca por reconhecimento, pertencimento e continuidade de si para além do cuidado materno.

Para tornar visíveis os modos pelos quais as redes de apoio são mobilizadas nas narrativas, o Quadro 6 reúne frações narrativas representativas dos estilos discursivos acionados pelas entrevistadas ao tratar do retorno e da permanência no trabalho após a maternidade. O objetivo do quadro não é esgotar as experiências relatadas, mas evidenciar como diferentes mulheres organizam discursivamente o apoio recebido, ausente ou precário, bem como os sentidos atribuídos a essas redes na sustentação do cuidado e da vida profissional. As frações selecionadas permitem observar que o apoio não é descrito apenas como ajuda eventual, mas como elemento estruturante das possibilidades de estar no trabalho, revelando arranjos variados, continuidades, rupturas e compensações que atravessam o cotidiano das mulheres-mães.

Quadro 6 – Estilos discursivos das redes de apoio como condição de sustentação

Entrevistada	Fração discursiva
Sirius	“(…) a minha sogra era dona de casa e ele ama ir nessa avó, essa avó, aquela avó bem, ahn, do tempo antigo, a avó do bolinho. As duas são, tá? A avó do bolinho, a avó do bolinho de chuva, a avó de deixar tapadinho de cobertor, né? <u>E eu tive essa avó, sabe? Então eu acho que, eh, é mais que uma rede de apoio para mim, né? É uma convivência extremamente importante com os avós, sabe? (...)”</u>
Spica	“(…) Daí ele foi criado pelos avós, assim, tive a rede de apoio dos meus avós, porque eu sou mãe solteira. E o pai dele nunca foi um pai presente, enfim, e daí eu tinha que trabalhar e não tinha quem cuidasse. Então eu deixei ele com a minha mãe, meu pai, que meu pai já faleceu agora há pouco, mas enfim, na época eles estavam, eles cuidavam do meu filho (...)”  “(…) Acho que é o pai e a mãe foram, né, foram eles o maior apoio assim e os meus irmãos, mas foram os meus pais, com certeza (-) (...)”  “(…) Teve uma época, quando eu comecei, quando eu voltei a trabalhar, eu levei ele para morar comigo. E daí eu trabalhava nesse supermercado, supermercado e assim, às vezes tu não tem sábado, trabalha direto. E daí eu pagava uma menina, ela tinha uns 17, 18 anos para ficar com ele. E daí ela levava ele para a casa da mãe dela, e daí cuidavam dele durante o período que eu estava trabalhando. E daí quando eu saía do trabalho, às vezes de noite, eu pegava ele e levava para casa. Isso foi uns seis meses mais ou menos. E depois ele morou uns seis meses, também a gente morou com um

	<p>irmão meu que morava nessa mesma cidade e daí ele ficava com essa menina e daí depois eu levava ele para casa o meu irmão e a gente morou com eles foi mais ou menos um ano esse período assim e daí começou a ficar difícil porque daí essa moça também ela tinha que estudar, enfim, e daí que eu resolvi conversar com a mãe e o pai e ver se eles podiam ficar com ele para mim conseguir trabalhar e daí eles aceitaram e eu consegui trabalhar (...)"</p>
Antares	<p>"(...) Não, eu fui trabalhar depois que o [REDACTED] tinha três meses, já que foi quando eu consegui escolinha. <u>Trabalhava antes (...)</u>"</p> <p>"(...) <u>Aí veio o [REDACTED]. Aí depois de quatro anos separada, conheci o pai do [REDACTED]. A gente namorou oito meses e casou. Também não foi bom. Ele trabalhava com o avô dele, mas era um trabalho assim que o avô dele era ferreiro. (-) E ele aprendeu com muita coisa ali, inclusive quando o avô dele faleceu, ele ficou com o negócio, mas não se interessou, vendeu tudo. Eh, ele ia a hora que queria, ia quando queria. Aí nessa época do [REDACTED], eu voltei a ser empregada doméstica, (-) mas nunca com carteira assinada. (-) Trabalhava, tipo, trabalhava três meses aqui, depois ficava desempregada, arrumava mais outro emprego. (-) (...)"</u></p> <p>Os pais deles? ((É.)) Não. O [REDACTED], o do [REDACTED] dizia assim, às vezes ia ali, dava refrigerante para ele, <u>PRA ELE!</u> Porque ele levava, botava na mamadeira para o [REDACTED], ele não, ele não levava uma garrafa de refrigerante e dizia "Ó, 'pros guri', para as crianças" ou ia para o [REDACTED] (XXX). <u>Não, era só para o [REDACTED]</u>. E ele dizia assim, se eu não pudesse sustentar, se o [REDACTED] tivesse fome, que eu levasse lá, que ele dava comida. Sabe que ele dizia? (-) Chegou uma das vezes que eu aluguei casa, eu morei perto de costa para ele. As casas eram de costa, assim, de fundo, assim (XXX) para o outro lado assim, mas tinha cerca, e ele dizia, se tu não tem como dar comida para o [REDACTED], ele <u>que pule a cerca que eu dou um prato e comida para ele, mas para os outros não.</u> É brabo.</p>
Deneb	<p>"(...) <u>A Escolinha faz um papel muito, muito, forte, assim porque, claro, eu sei que a escolinha não é um lugar que a gente vai e deixa só por deixar. mas é um lugar que eu sei que ela pode entrar às sete e sair às seis, ela não faz esse horário, tá? Ahn, sempre que a gente pode entrar mais tarde e buscar mais cedo, a gente sempre busca. Mas eu sei que ela tá bem cuidada. É uma escola pequena, é uma escola que eu já conheço de perto, então assim, as crianças são livres, é uma metodologia de ensino diferente, não é tradicional, então (-) E depois tem as avós, a [REDACTED] agora, há uma semana atrás, teve férias da escola, <u>eu não tive e a [REDACTED] trabalhou, a minha sogra veio de [REDACTED], passou uma semana aqui em casa para ficar com a [REDACTED] (...)</u>"</u></p>
Celaeno	<p>"(...) <u>Tem uma pessoa que cozinha na minha casa, que é minha funcionária, né, contratada pra isso e cuida de roupas e tal, mas, comadre, mãe das amigas da pequena, né, que eu posso contar, assim, pra uma viagem, deixar. Poucas colegas de trabalho, mas eu tenho como pedir esse auxílio, assim (...)</u>"</p> <p>"(...) <u>E nessa época, então, meu marido foi uma figura central, foi muito companheiro. Só que ele viajava pra trabalhar, então às vezes não era uma questão de não querer, não tava em casa, né. Então tinha escolinha, pra me ajudar. Então, minha babá, minha rede de apoio era a escolinha (...)</u>"</p> <p>"(...) <u>MAS EU TINHA A MINHA MÃE E O PAI QUE MORAVA MUITO PERTO, como essa rede fundamental de que a nenê não ficava sozinha, né. Então foi também sofrido, mas perto do que eu vejo, eu acho que foi <u>tenho muito privilégio</u> em ter minha mãe muito próxima, muito amiga, muito companheira, né. Meu pai é um cara <u>muito acolhedor, cuidava da casa, ajudava a cuidar de tudo.</u> Então eu fui muito feliz. Então eu digo assim, ah, eu passei muita coisa, mas eu acho que <u>eu não passei a metade</u> do que as mulheres em rede de apoio passam."</u></p>
Maia	<p>"(...) <u>E claro, com o filho tudo muda. A gente precisa sempre do meu marido, a senhora que me ajuda aqui em casa, a minha mãe. Então eu estou sempre dependendo dos outros para fazer minhas coisas (...)</u>"</p>

	“(…) De noite com meu marido. Aí de dia, como eu trabalho 12h de manhã, ele fica com meu marido e com a minha mãe. <u>Minha mãe me ajuda bastante</u> e à tarde eu tenho uma moça que me ajuda aqui em casa. Aí quando ela vai embora, a minha mãe ajuda a dar banho e tal e com meu marido. Na verdade, seriam os três assim, eu venho em casa almoçar, mas quem me ajuda quando eu trabalho são eles. É porque eu não quero colocar em creche ainda que ele é tão pequenininho (...)”
<b>Sterope</b>	“(…) Acho que tem que falar aqui, né, Maitê, do apoio do marido, né? Porque assim, sem meu marido, talvez eu não teria essa realidade que eu tenho hoje de trabalhar e ter as crianças. <u>Então minha rede de apoio quando fala é muito meu marido, sabe? então da disposição dele e do tempo. Então a gente tem um apoio sim.</u> Então no meu caso é o marido (...)”
<b>Procyon</b>	“ <u>As avós por perto. As avós, sem dúvida, faz uma diferença gigante, que nem eu digo, por mais que elas não, elas não são as responsáveis pela</u> [REDACTED], <u>a gente não, a gente não, não coloca a responsabilidade nelas,</u> mas uma rede de apoio é extremamente importante. <u>Se não tivesse a rede de apoio, tem horas que eu não sei o que a gente faria.</u> Essa semana que passou o mês das férias não teria que fazer. <u>Eu teria que desmarcar paciente, o que envolve perder dinheiro (...)</u> ”
<b>Polaris</b>	“(…) O apoio familiar. No meu caso, eu tive o apoio da avó paterna e da [REDACTED], que trabalha comigo, que é assim uma pessoa maravilhosa que cresceu com ele, aos poucos eu fui de meninas as vezes que ela ia lá em casa porque ele também foi crescendo, mas esse <u>apoio</u> da gente poder ter, e o colégio evidentemente, a gente não pode esquecer porque enquanto eu estava trabalhando ele estava no colégio, então o colégio dava essa, me dava essa segurança de saber que ela estava bem, que estava aprendendo, e quando eu precisava sair nos horários mais loucos, ou tinha a avó ou a Michele para dar esse apoio. Então essa <u>REDE DE APOIO</u> de uma mãe é essencial. Então uma mãe que não tem isso, ela sofre muito mais (...)”
<b>Capella</b>	“(…) já faz 10 anos que ele tá na universidade. Ele segue com essa possibilidade porque ele pegou um horário especial de 30 horas, <u>já faz um tempo também.</u> Então ele já tinha isso como direito <u>seguiu levando</u> para terapia e organizando então sempre foi muito dividido a gente vive aqui em casa uma situação de, ahn, agenda cronometrada, às vezes é, sabe, ahn, pega aqui leva ali que que a gente faz e o almoço aqui não eu pego ali uma coisa muito, bem ensaiadinha muito muito bem conversada, mas os dois pegam juntos (...)”

Fonte: elaborado pela autora com base em Vargas (2018).

Do ponto de vista dos *posicionamentos discursivos* - quem fala e de onde fala? -, observa-se que as entrevistadas constroem suas narrativas a partir de lugares sociais marcados por diferentes níveis de proteção, reconhecimento e corresponsabilização do cuidado. Esses posicionamentos não se definem apenas pela configuração familiar ou pela presença objetiva de uma rede de apoio, mas pela forma como cada mulher se situa discursivamente diante das condições que tornam possível, ou inviável, sua permanência no trabalho após a maternidade. Assim, o “quem fala” está indissociavelmente ligado ao “de onde se fala”, revelando que os sentidos atribuídos às redes de apoio dependem das condições materiais, relacionais e institucionais que sustentam ou fragilizam a experiência materna.

No que se refere às *configurações narrativas* - sobre o que se fala? Como a fala é organizada? -, os relatos se estruturam a partir de diferentes formas de organizar o apoio no tempo e no cotidiano. Em algumas narrativas, a fala é construída de maneira cumulativa e explicativa, descrevendo arranjos relativamente estáveis de apoio, com menção a sujeitos,

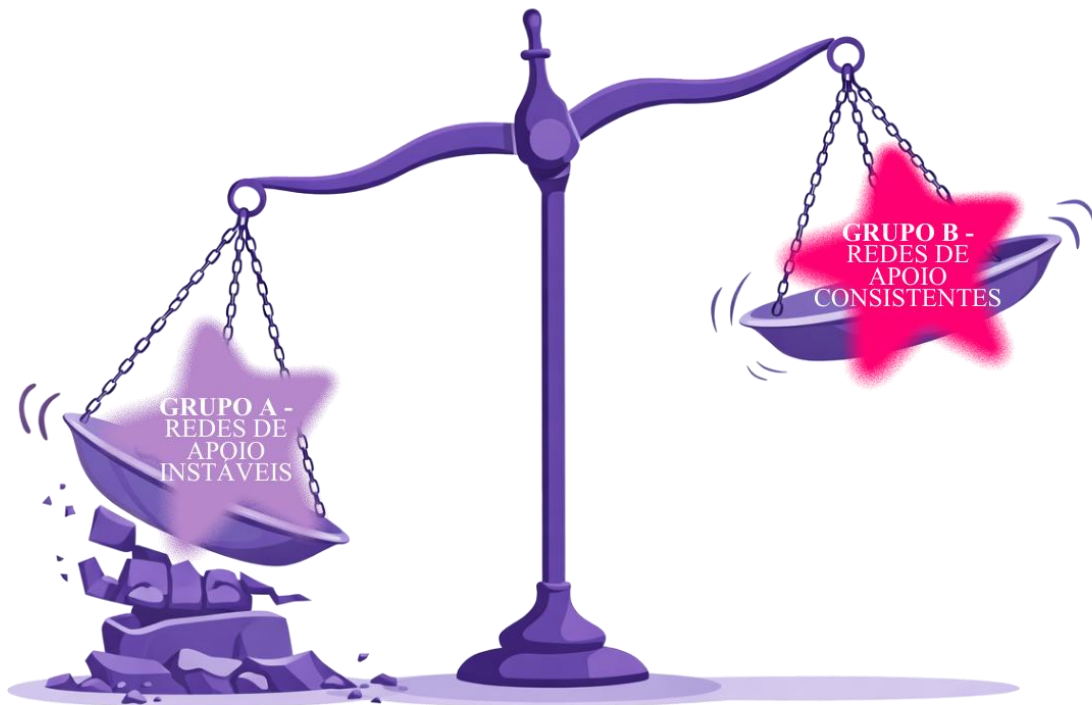
horários e rotinas que sustentam o trabalho. Em outras, a narrativa assume caráter fragmentado e descontínuo, marcada por improvisações, rupturas e rearranjos sucessivos, evidenciando a instabilidade do suporte disponível. Essas diferenças não dizem respeito apenas ao conteúdo do que é narrado, mas à lógica narrativa mobilizada para dar coerência à experiência do retorno ao trabalho no pós-maternidade.

A análise dos *espaços semânticos - qual o significado do que se fala?* - evidencia que as redes de apoio produzem sentidos recorrentes associados à sustentação, à segurança, à previsibilidade e à possibilidade de permanência no trabalho, mas também à exaustão, à dependência e à vulnerabilidade. Esses sentidos não aparecem de forma isolada, mas articulados em campos semânticos que orientam a interpretação da maternidade como experiência viável ou precarizada. Quando o apoio é descrito como contínuo e confiável, tende a assumir o significado de infraestrutura invisível que permite à mulher trabalhar sem que a maternidade seja permanentemente colocada em prova. Em contextos de apoio irregular ou ausente, o discurso passa a ser atravessado por sentidos de sobrecarga e instabilidade, revelando como a falta de sustentação coletiva intensifica a responsabilização individual.

A articulação entre *posicionamentos discursivos, configurações narrativas e espaços semânticos* permite identificar tanto coerências quanto tensões nos relatos. Há maior coerência quando a rede de apoio narrada encontra respaldo em condições sociais minimamente estáveis, produzindo discursos mais lineares e menos centrados na necessidade de justificar escolhas. Por outro lado, emergem tensões e contradições quando o apoio é condicionado, intermitente ou insuficiente, fazendo com que a maternidade seja narrada como experiência constantemente ameaçada. Nesses casos, a rede de apoio deixa de operar como base de sustentação e passa a aparecer como recurso frágil, cuja ausência intensifica a vulnerabilidade da mulher-mãe no contexto do trabalho.

A Figura 9 sintetiza, em uma representação gráfica, a diferença entre redes de apoio que sustentam o retorno ao trabalho com alguma previsibilidade e redes que operam sob tensão permanente. A balança em movimento indica que o apoio nunca é completamente estável, porque depende de rotinas, disponibilidade, saúde, dinheiro e acordos cotidianos. Ainda assim, a inclinação mais acentuada do lado das redes instáveis evidencia que, quando o suporte é restrito ou concentrado em poucas pessoas, o custo de manter o trabalho recai de maneira mais direta sobre a mulher, intensificando a sobrecarga e reduzindo margem de escolha no pós-maternidade.

Figura 9 - A base da maternidade no trabalho



Fonte: elaborado pela autora (2026).

No grupo das redes instáveis, o ponto comum não é a ausência absoluta de apoio, mas sua fragilidade estrutural, pois ele aparece concentrado em uma única relação ou em arranjos que podem se romper. Capella e Sterope dependem quase exclusivamente do marido, o que transforma a rede em um recurso vulnerável, já que qualquer indisponibilidade do cônjuge impacta imediatamente a organização do cuidado. Em Polaris, o apoio se concentra principalmente na funcionária, o que garante execução prática, mas mantém a sensação de dependência e a necessidade de coordenação constante. Celaeno ilustra bem a oscilação da rede ao longo do tempo, contando com o pai dos dois primeiros filhos e experienciando a solidão na terceira gestação, o que reorganiza radicalmente a sustentação do retorno ao trabalho. Antares e Bellatrix narram um cotidiano em que o apoio é limitado e a responsabilização pelo cuidado permanece pouco compartilhada, enquanto Sirius mostra um arranjo que combina apoios parciais, sem configurar uma base contínua e previsível. Em conjunto, essas trajetórias evidenciam que redes instáveis tendem a produzir rotinas mais frágeis, com maior necessidade de improviso e maior risco de colapso diante de imprevistos.

No grupo das redes consistentes, a presença dos avós aparece como base de sustentação que amplia a previsibilidade do cuidado e permite maior continuidade da vida profissional. Deneb e Procyon narram esse suporte como fator decisivo para manter a agenda de trabalho e

atravessar períodos críticos, como férias escolares e ausências pontuais. Ainda assim, a figura preserva o movimento da balança justamente para marcar que consistência não significa ausência de custo. O caso de Spica é especialmente importante porque evidencia que uma rede pode existir e, ao mesmo tempo, não proteger integralmente dos efeitos da precariedade e da necessidade econômica. Mesmo com os avós, o retorno ao trabalho é atravessado por urgência financeira e por rearranjos sucessivos de cuidado, o que aproxima sua experiência das tensões presentes no grupo instável.

Em síntese, a figura reforça que as redes de apoio funcionam como infraestrutura cotidiana do retorno ao trabalho, e que sua diferença central não está em serem formais ou informais, familiares ou pagas, mas na capacidade concreta de sustentar o cuidado com continuidade. Quando essa sustentação é restrita, concentrada ou intermitente, o retorno tende a ser vivido como gestão permanente da sobrecarga. Quando ela é mais ampla e previsível, abre-se espaço para maior continuidade do trabalho e para formas menos exaustivas de reorganização do cotidiano, ainda que sempre sob a condição de que essa rede siga disponível e operante.

#### 4.3 RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE COMO SUPORTE SIMBÓLICO

*“Eu me considero uma pessoa de pouca fé, mas eu digo assim, quem me faz seguir? Acho que é Deus...” (Antares, entrevistada)*

A religiosidade e a espiritualidade emergem nas narrativas como suportes simbólicos que oferecem sentido, orientação e sustentação para a experiência do pós-maternidade e para o retorno ao trabalho. Elas aparecem como linguagem capaz de nomear o sofrimento, reorganizar perdas, justificar decisões e produzir continuidade diante de situações que excedem as capacidades práticas do cotidiano (Kuhn *et al.*, 2024). Nesse registro, a espiritualidade não se restringe a uma dimensão privada, mas atua como repertório interpretativo mobilizado para enfrentar incertezas, sobrecargas e rupturas, dando forma a explicações e a modos de seguir.

Nesse subtópico, surge a **conjectura analítica** que analisa *como as mulheres-mães narram o pós-maternidade e o retorno ao trabalho está intrinsecamente relacionada aos repertórios simbólicos de sentido que mobilizam para sustentar a continuidade da vida cotidiana*. Entre esses repertórios, a religiosidade e a espiritualidade emergem como suportes simbólicos centrais, acionados para reorganizar perdas, enfrentar sofrimento, legitimar escolhas e produzir resistência subjetiva diante de situações que excedem os recursos materiais e práticos disponíveis. Nessa chave, a fé não aparece apenas como crença declarada, mas como prática

interpretativa que permite seguir, atribuir sentido ao vivido e sustentar a experiência materna e laboral mesmo em contextos de fragilidade, ruptura ou sobrecarga.

Aqui, a religiosidade é enxergada como operação de significação, pois transforma a experiência da perda em narrativa possível de ser suportada. Ao afirmar que a crença “dá ânimo para seguir” (Antares, entrevistada), a participante articula fé e continuidade como recursos de sustentação, mesmo quando se reconhece como “pessoa de pouca fé”. Esse movimento é analiticamente relevante porque mostra a espiritualidade como prática e não apenas como identidade religiosa declarada. Trata-se de um recurso acionado em momentos críticos, capaz de reorganizar afetos, fortalecer a resistência e produzir coerência interna para a trajetória narrada. Além disso, é importante salientar que essa entrevistada, em específico, tinha vivenciado a perda de um filho de modo trágico há alguns anos, o que confere um duplo sentido de luto: além da perda identitária, houve a perda física, real, da morte de um corpo vivo do filho.

Ousada a comparação, mas o conceito de luto ajuda a iluminar certas rupturas identitárias narradas no pós-maternidade, já que não se trata apenas de “mudança de rotina”, mas sim da perda (ou suspensão) de uma versão anterior de si, de autonomia e de continuidade simbólica da trajetória, o que pode produzir estranhamento, vazio, culpa e necessidade de reorganização interna. Em Freud (1926), o “trabalho de luto” aparece como um processo íntimo, que demanda tempo e elaboração para que o sujeito consiga, gradativamente, reordenar sentidos e reinvestir a vida sem apagar aquilo que foi perdido, e, nessa chave, a mulher pode vivenciar uma espécie de “luto do eu anterior”, no qual precisa reconstruir pertença e coerência subjetiva diante das novas exigências e julgamentos que a maternidade aciona. Para Freud (1926):

(...) Sinto que quem acaba de sofrer uma perda cruel tem o direito de ser deixado em paz. Deveríamos mesmo permitir que se prolongasse esse período de tréguas, se o temor de parecermos esquecidos da amizade não nos levasse por fim à manifestação de nossa simpatia. Aliás, para quem chora, tudo o que possamos dizer não passará de ruídos vãos. O seu “trabalho de luto” é um processo íntimo que não admite ingerências (...) (Freud, 1926, p. 19)

Nesse movimento, a espiritualidade pode operar como suporte simbólico de enfrentamento, pois, ao oferecer sentido, esperança e uma moldura interpretativa para a dor e para a continuidade da vida, ela funciona como recurso de sustentação emocional e de ressignificação, sem “resolver” a perda, mas auxiliando a atravessá-la com algum amparo, inclusive por meio de pertencimento comunitário, valores e crenças que reorganizam a experiência (Portela *et al.*, 2020).

Ademais, a religiosidade pode operar como forma de rede de apoio simbólica, na medida em que oferece pertencimento, acolhimento e códigos morais compartilhados que orientam condutas, delimitam limites e legitimam escolhas. Em alguns relatos, esses elementos se articulam a redes concretas de suporte, como família, comunidade e vínculos institucionais, ampliando a sustentação do cuidado e do retorno ao trabalho. Em outros, a espiritualidade aparece justamente quando redes materiais são frágeis, funcionando como dispositivo de amparo subjetivo diante da concentração de responsabilidades (Cheruvallil-Contractor; Rye, 2016).

Do ponto de vista dos *posicionamentos discursivos* - quem fala? de onde fala? -, as mulheres falam a partir de lugares sociais e biográficos profundamente marcados por experiências de perda, vulnerabilidade, responsabilização concentrada e necessidade de sustentação simbólica. Diferentemente de outros eixos analíticos, aqui o “de onde se fala” não se ancora prioritariamente na posição ocupacional ou na configuração familiar, mas nas experiências de limite, sofrimento e ruptura que atravessaram suas trajetórias maternas. A religiosidade e a espiritualidade emergem, assim, como recursos acionados a partir de contextos em que o suporte material, institucional ou relacional se mostrou insuficiente ou instável, deslocando o foco da sustentação para o plano simbólico. Nesse sentido, o posicionamento discursivo não se define pela pertença formal a uma religião específica, mas pela necessidade de produzir sentido e continuidade diante de experiências que ameaçam a coesão subjetiva e a possibilidade de seguir (Brown, 1994; Cheruvallil-Contractor; Rye, 2016).

Desse modo, ao analisar os enunciados sobre fé, crença e espiritualidade, torna-se possível observar como as participantes constroem sentidos sobre maternidade e trabalho a partir de repertórios que organizam esperança, justificativa e resistência. A religiosidade, nessa chave, atravessa o cotidiano e a forma de narrar, produzindo efeitos discursivos de legitimação, fortalecimento e continuidade, que se articulam às condições concretas de vida e às exigências do cuidado, conforme é possível visualizar nos *estilos discursivos* presentes no Quadro 7.

Quadro 7 – Estilos discursivos da religiosidade e espiritualidade enquanto rede simbólica

Entrevistada	Fração discursiva
Antares	<p>“(…) Acho que eu só não desisti por eles. Só não desisti por eles, porque (-) Por pensar, a única visão que eu tinha de início, foi (+) que com aqueles pais, ahn, não serviam. Se juntos não são bons, como é que eu vou deixar eles? <u>Então eu tinha que seguir, né?</u> E quando eu perdi o [REDACTED] (-) eu não me considero espírita, mas eu simpatizo. Porque eu não frequento nem nada assim, <u>mas</u> eu gosto de ler <u>bastante</u>. Quando eu perdi o [REDACTED], depois de um ano, um ano e pouco, o que me deu uma tranquilidade para seguir em frente, porque eu pensei muita bobagem, quis fazer muita besteira, e não adianta as pessoas chegarem e dizem: "Ah, mas tu tem a fulana, tu tem</p>

	<p>beltrano, eu tenho a fulana, e a fulana já tá uma adulta." Eu tenho a fulana e daí, a fulana já tem 17 anos, já tem marido, Eu já <u>não faço parte da vida dela</u>. E o [REDACTED] tinha nove, mas o [REDACTED] ela cuida. Sabe, eu não "Ah, mas ele deixou um neto", tá, mas e o neto não vai estar no lugar dele. Eu confesso que eu <u>pensei</u> muita besteira, <u>tentei</u> muita besteira, mas como eu digo, acho que não era a hora, né? Então Deus não permite, né? <b>Mas o espiritismo me fez entender que me fez entender, não, me fez acreditar que ele não morreu simplesmente e apodreceu, que ele tá bem em algum lugar eu acho que isso aí também te dá, né, te dá ânimo para te seguir assim (-) eu me considero uma pessoa de pouca fé mas ao mesmo tempo eu digo assim ó (-) quem te faz seguir? acho que é Deus (-) (...)</b></p> <p>"(...) Me <u>virei</u>, os guri estão crescidos aí, tão bem, graças a Deus, me virei. Não, não, não, não saíram assim tão ruim, né? Não, não, tão ruim. Meio torto, mas não tão ruim."</p>
Deneb	<p><b>"Ah, a gente, a gente a gente frequenta muito a umbanda e a gente também acredita na doutrina espírita. Eu acredito que isso auxilia bastante também (...)"</b></p>
Bellatrix	<p><b>"Sempre, sempre quis ser mãe. E aí eu carreguei uma coisa comigo muito na vida, que eu disse o dia que eu fosse mãe, Deus me abençoasse, <u>eu não ia ser para o meu filho, o que a minha mãe foi para mim (...)</u>"</b></p>
Maia	<p>"Olha, eu sou católica, eu tenho fé, eu rezo bastante, tá? (...)"</p> <p>"(...) Eu acho que hoje eu sou muito grato a Deus por tudo que eu tenho, sabe? Porque eu sempre, pedi a Deus uma família que eu tivesse saúde, que eu tivesse condições de criar um filho, que eu tivesse um filho com saúde, com o meu trabalho e <u>graças a Deus eu tenho tudo (...)</u>"</p>
Celaeno	<p><b>"(...) a gente é super católica. Ela é coroinha, ela é não sei o que, 'nanana' do [REDACTED], eu sou da [REDACTED]. Então a gente tem a vida de movimentos a mil (...)"</b></p>
Capella	<p>"(...) tipo eu botei uma vida no mundo e é uma coisa assim, eu tenho minhas crianças a questão de <u>espiritualidade</u> de outras coisas assim recebi a missão de trazer essa pessoa para o mundo e <u>sou eu que vou ajudar a trilhar</u>. O que é uma <u>baita</u> responsabilidade. <b>Dá um medo desgraçado, mas ao mesmo tempo dá uma coragem imensa.</b>"</p> <p>"A nossa trajetória toda aqui de família, ela tá marcada por coisas que a gente acredita. E aí nós somos espíritas e a gente entende que as coisas estão onde elas <u>têm que 'tá'</u> e que não é não é tem nada de errado, ahn, no sentido de que a missão que a gente recebe a forma como a gente vai lidar e que é para gente não é para o vizinho e não é para né? E que é para ser desse jeito e o quanto a gente aprende e o quanto a gente acaba fazendo uma leitura do mundo todo completo (...)"</p>

Fonte: elaborado pela autora com base em Vargas (2018).

No que se refere às *configurações narrativas - sobre o que se fala? como a fala é organizada?* -, observa-se que os relatos se estruturam em torno de eventos críticos, tais como perdas, separações, mortes, sobrecarga extrema ou sensação de esgotamento emocional. As narrativas não seguem uma linearidade planejada, mas se organizam a partir de rupturas e pontos de inflexão que exigem reorganização interna. A espiritualidade aparece, nesses relatos, como elemento que conecta passado, presente e futuro, permitindo à mulher reinscrever a experiência dolorosa em uma narrativa possível de ser sustentada. Em vários casos, a fala assume um tom reflexivo e justificativo, no qual a fé é mobilizada para explicar por que foi possível continuar,

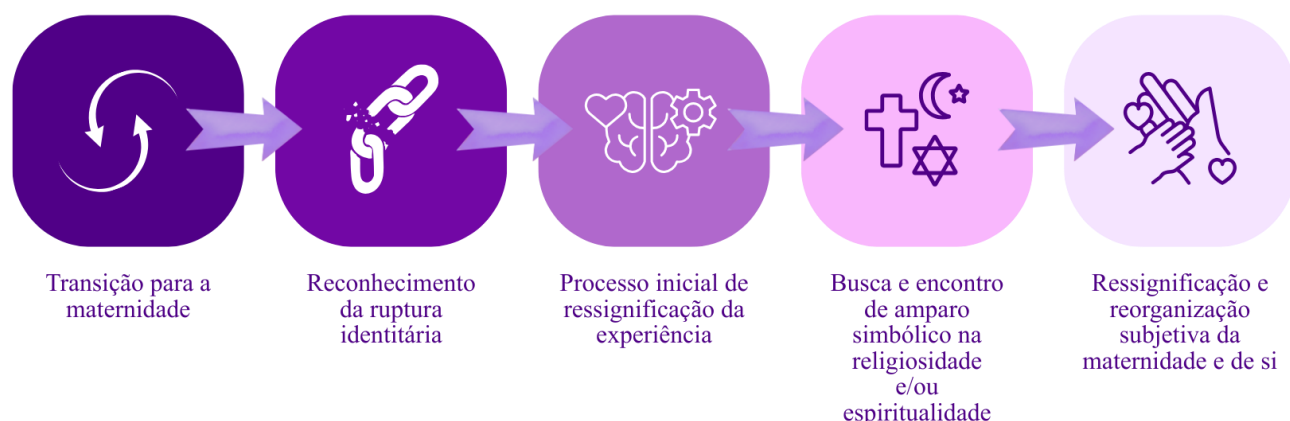
resistir ou não desistir, funcionando como eixo de coerência narrativa diante de trajetórias marcadas por instabilidade.

A análise dos *espaços semânticos - qual o significado do que se fala?* - evidencia que a religiosidade e a espiritualidade produzem sentidos associados à continuidade, missão, propósito, esperança e resistência. Esses significados não se apresentam como abstrações teológicas, mas como construções situadas, acionadas para dar inteligibilidade à dor e à responsabilidade materna. A fé aparece como linguagem capaz de nomear o sofrimento sem anulá-lo, oferecendo uma moldura interpretativa que permite atravessar o cotidiano sem a exigência de resolução completa da perda. Em contextos de luto, sobrecarga ou isolamento, a espiritualidade opera como espaço semântico de amparo, no qual seguir adiante torna-se possível mesmo sem garantias externas ou apoio material consistente.

A articulação entre *posicionamentos discursivos, configurações narrativas e espaços semânticos* revela coerência quando a espiritualidade é mobilizada como suporte simbólico diante de experiências-limite, funcionando como recurso de estabilização subjetiva. Não se observam contradições centrais entre esses elementos, mas tensões produtivas, sobretudo quando a fé é acionada por mulheres que se definem como “pessoas de pouca fé” ou que não mantêm vínculo institucional regular com práticas religiosas. Nesses casos, a espiritualidade aparece menos como identidade e mais como prática situada, acionada em momentos críticos, o que reforça seu caráter funcional e relacional. Assim, a religiosidade não elimina o sofrimento nem substitui redes materiais de apoio, mas oferece um campo simbólico no qual a mulher pode reorganizar sentidos, sustentar a responsabilidade materna e manter alguma continuidade identitária diante das exigências do cuidado e do trabalho.

A Figura 10 apresenta uma representação gráfica do percurso analítico identificado nas narrativas das participantes, no qual a religiosidade e a espiritualidade emergem como suportes simbólicos no processo de ressignificação da experiência pós-maternidade. A figura organiza, de forma sequencial e não linear, o movimento que se inicia com a transição para a maternidade, passa pelo reconhecimento de uma ruptura identitária e pela elaboração inicial dessa experiência, até a busca e o encontro de amparo simbólico na religiosidade e/ou espiritualidade. Esse percurso culmina na ressignificação e reorganização subjetiva da maternidade e de si, evidenciando que a fé não atua como solução imediata para o sofrimento, mas como linguagem interpretativa que permite sustentar, elaborar e dar sentido às transformações vividas.

Figura 10 - O papel da espiritualidade e religiosidade no contexto da maternidade



Fonte: elaborado pela autora (2026).

A primeira etapa, denominada transição para a maternidade, corresponde ao momento em que a mulher passa a ocupar a posição social de mãe, independentemente de a maternidade ter sido planejada ou desejada. Trata-se de um marco biográfico que reorganiza imediatamente o cotidiano, os vínculos e as expectativas externas, produzindo deslocamentos profundos na forma como as participantes narram a si mesmas. Essa transição não se limita a mudanças práticas, mas inaugura um novo regime de sentidos, no qual o corpo, o tempo e as responsabilidades passam a ser permanentemente atravessados pela maternidade.

Na etapa seguinte, reconhecimento da ruptura identitária, as narrativas evidenciam a percepção de que algo do “eu anterior” foi interrompido, suspenso ou profundamente transformado. Esse reconhecimento não aparece, necessariamente, de forma explícita ou nomeada como perda, mas se manifesta em sentimentos de estranhamento, ambivalência, culpa ou vazio, como a fala de Capella “(...) *me entender como sujeito que não a mãe das crianças (...)*”, a maternidade, nesse ponto, deixa de ser apenas uma nova condição e passa a ser percebida como experiência que rompe continuidades simbólicas, exigindo elaboração subjetiva. É nesse momento que muitas participantes reconhecem que não se trata apenas de adaptação de rotina, mas de uma reorganização identitária mais profunda.

O processo inicial de ressignificação da experiência refere-se às tentativas, ainda incipientes, de dar sentido à ruptura vivida. As participantes começam a elaborar narrativas que expliquem o sofrimento, a sobrecarga ou as perdas simbólicas associadas à maternidade, buscando coerência entre passado e presente. Esse movimento é marcado por incerteza e instabilidade, pois a experiência ainda não está plenamente integrada à trajetória de vida. Trata-

se de um estágio de elaboração subjetiva em que o sofrimento não é eliminado, mas começa a ser simbolizado.

A etapa de busca e encontro de amparo simbólico na religiosidade e/ou espiritualidade evidencia o acionamento da fé como repertório interpretativo capaz de sustentar essa elaboração. A religiosidade aparece, nesse momento, como linguagem que oferece explicações, esperança e continuidade, permitindo que a experiência da maternidade, inclusive quando atravessada por perdas reais ou simbólicas, seja compreendida dentro de uma ordem de sentido mais ampla. Esse amparo não substitui redes materiais ou resolve conflitos concretos, mas funciona como suporte simbólico diante de limites objetivos e afetivos.

Por fim, a ressignificação e reorganização subjetiva da maternidade e de si representa o momento em que a experiência materna passa a ser integrada à identidade da mulher de forma mais estável, ainda que marcada por tensões. A fé, nesse ponto, contribui para a reconstrução de pertencimento, para a legitimação das escolhas realizadas e para a produção de continuidade narrativa. A maternidade deixa de ser apenas ruptura e passa a ser incorporada como parte constitutiva do “eu”, permitindo que as participantes sigam suas trajetórias com maior coerência interna, mesmo em contextos de sobrecarga, cansaço ou ausência de reconhecimento social.

#### 4.4 SOBRECARGA, CANSAÇO E GESTÃO DO TEMPO NO RETORNO AO TRABALHO

*“Eu não sou tão triste assim, é que hoje eu estou cansada...” (Clarice Lispector)*

A sobrecarga e o cansaço aparecem nas narrativas como efeitos cotidianos do acúmulo de responsabilidades que se intensifica no retorno ao trabalho no pós-maternidade. O cansaço, nesses relatos, não se apresenta apenas como sensação física, mas como marca de um cotidiano atravessado por exigências simultâneas, cuidado, trabalho remunerado, tarefas domésticas e gestão emocional, que demandam presença contínua e pouca margem de pausa (Freeney *et al.*, 2024). Assim, o cansaço assume valor interpretativo por evidenciar não apenas o volume de trabalho, mas o modo como as participantes significam sua própria capacidade de sustentar o cotidiano (Badinter, 2011).

Nesse contexto, a gestão do tempo emerge como um campo permanente de negociação, no qual as participantes precisam estabelecer prioridades, criar rotinas, antecipar imprevistos e reorganizar jornadas que, por definição, não são equivalentes (Silveira; Mota-Santos; Neto, 2025). A escassez de tempo aparece como tensão estruturante, pois condiciona escolhas, limita autocuidado e redefine limites entre vida doméstica e trabalho, frequentemente exigindo

estratégias de compensação e arranjos que nem sempre são sustentáveis. Desse modo, o tempo não é apenas recurso objetivo, mas experiência vivida que expressa desigualdades na distribuição do cuidado e na possibilidade de manter desempenho laboral sem prejuízo do cotidiano familiar.

A **conjectura analítica** deste subcapítulo parte da compreensão de que *a sobrecarga, o cansaço e a gestão do tempo constituem dimensões centrais da experiência do retorno ao trabalho no pós-maternidade, não como efeitos episódicos, mas como condições estruturantes do cotidiano das mulheres-mães*. O cansaço narrado não se restringe ao desgaste físico, mas expressa a intensificação de responsabilidades simultâneas e a necessidade constante de administrar demandas concorrentes, cuidado, trabalho remunerado, tarefas domésticas e regulação emocional. Nesse sentido, a gestão do tempo emerge menos como escolha individual e mais como prática forçada de conciliação, revelando desigualdades na distribuição do cuidado e limites concretos para a permanência no trabalho. Assim, a sobrecarga opera como eixo interpretativo que articula esforço, renúncia, satisfação e exaustão, permitindo compreender como as mulheres atribuem sentido à permanência cotidiana no trabalho em contextos marcados por escassez de tempo e alta exigência.

Embora não em um contexto direto à espiritualidade, Badinter (2011) tece a crítica ao fato da mulher “se perder de si” com o advento da maternidade: “(...) Tal como a religiosa que coloca o véu, a futura mãe não se pertence mais. Deus e o bebê são os únicos bastante poderosos para pôr fim à vida mundana” (Badinter, 2011, p. 66). Assim, a partir dos excertos das participantes, observa-se que a sobrecarga e o cansaço também se articulam à forma como o retorno ao trabalho é narrado e legitimado.

Em alguns casos, o cansaço é descrito como consequência inevitável e naturalizada do ser mãe, reforçando expectativas de renúncia e resistência (Badinter, 2011). Em outros, ele aparece como limite, sinalizando rupturas, necessidade de apoio e tentativas de reconfigurar rotinas e responsabilidades. Para tornar visíveis esses processos, o Quadro 8 reúne frações discursivas representativas dos estilos narrativos mobilizados pelas entrevistadas ao falar sobre cansaço, sobrecarga e gestão do tempo no retorno ao trabalho. O quadro não busca exaurir as experiências relatadas, mas ilustrar como diferentes mulheres organizam suas falas diante de rotinas intensificadas, limites físicos e emocionais e da necessidade permanente de conciliar demandas que não se suspendem. As frações selecionadas permitem observar tanto a naturalização do cansaço como parte constitutiva da maternidade quanto sua emergência como sinal de alerta, ruptura ou necessidade de reorganização cotidiana.

Quadro 8 – Estilos discursivos do cansaço materno

Entrevistada	Fração discursiva
<b>Procyon</b>	“(...) <b>mas tem a função da rotina exaustiva e cansativa. Mas, ao mesmo tempo, eu sou feliz fazendo profissionalmente, <u>eu sou feliz fazendo o que eu faço</u> (...)</b> ”
<b>Deneb</b>	<p>“(...) então a rotina é realmente <b><u>muito mais</u> exausta, <u>muito mais</u> cansativa. Agora eu tô no final da faculdade, mas eu chegava e ia direto pra faculdade, chegava em casa 22 horas da noite (-).”</b></p> <p>“<b>Alegria, cansaço.</b> Ahn, (-) eu digo para [REDACTED] que é <u>bem cansativo</u>. É uma rotina, é <u>muito feliz</u>, é <b><u>tudo o que eu sempre quis, mas é uma rotina bem exaustiva.</u></b>”</p> <p>“(++) acho que a primeira é <b>exaustão</b>. (++) Depois, ‘bah’, não sei, não consigo, porque eu só penso que é algo muito corrido, é uma rotina muitas exausta, é uma rotina, rotina muito corrida, algo muito sugado. (...)”</p>
<b>Capella</b>	<p>“Tô cansada. Tô cansada, mas ao mesmo tempo levantar e seguir e fazer”, e acaba sendo um espaço em que a gente encontra esse. Esse acolhimento porque tá todo mundo vivendo algo muito parecido muito semelhante. Nos últimos tempos eu tenho conseguido conversar um pouco mais <u>com os meus pais</u> sobre a realidade também falar com eles mais abertamente, ahn, nunca fomos de reclamar também, não pedimos ajuda que a gente sabe que não né? Não consegue muito assim uma coisa muito pontual, mas ultimamente a gente. (-)</p> <p>“(...) eu tô satisfeita. Não sei se é esse termo. Mas é uma coisa mais ou menos assim, sabe cansada logicamente cansada, mas não tô mais exausta já estive em outros tempos exausta, mas assim eu tô satisfeita.”</p> <p>“(...) Conciliação em si é um desafio (XXX) de como é que tu acomoda as responsabilidades das duas partes e ao mesmo tempo, como é que tudo a conta fisicamente porque é exaustivo tu passar a manhã, tarde e noite do minuto que tu acorda um minuto que tu dorme ligado em alguma coisa que vai ser sempre o filho ou trabalho ou as <u>duas coisas e mais a casa</u> que tá junto com a questão familiar e ainda assim no meio da madrugada um filho dá uma suspirada diferente tu levantar para ver o que que tá acontecendo. (...)”</p>
<b>Antares</b>	“(-) Mas o que que mudou na minha rotina? (+) Eu <u>aprendi, eu acho que eu aprendi a ser desesperada</u> . Sabe aquele desespero? que tu precisa trabalhar, mas tu não tem quem te ajude, tu não tem apoio, tu tem que aguentar <u>muita coisa</u> . Eu não sei usar as palavras, né? (-)”
<b>Sirius</b>	<p>“(...) Era muito cansativo. <b>E isso atrapalhava não só a minha vida de mãe, como também a minha vida acadêmica. Eu faltava</b> algumas provas, tinha que fazer segunda chamada. Eu não gostava.”</p> <p>“(...) Ahn, é cansativa, né? <u>Principalmente quando eles são pequenos.</u>”</p>
<b>Sterope</b>	<p>“(...) maternidade é isso (-) <b>a gente nunca mais vai ter</b> (-) ahn, como é que eu vou te dizer (-) <b>aquela sensação assim “ai, não tem nada para fazer...”</b> (-) Estou fazendo isso por quê? (-) Então a maternidade ela traz sempre assim, tu está fazendo isso, tu tem que saber qual é a consequência disso para as crianças que tu tens, para a tua profissão, porque tudo vai ter um impacto. Então maternidade tudo é consequência. Essa é o que eu vejo da maternidade. (+)”</p> <p>“(...) Mas assim, o maior desafio é não ter rede de apoio, como nem eu não sou daqui e o [REDACTED] as pessoas que tem aqui são bem idosas. Então assim, o maior desafio é não ter a rede de apoio e o outro sim, já tive que levar as crianças para a consultoria, acho que facilitou ter a sua empresa, então <u>isso não era um problema</u>, eles iam e em muitos momentos a [REDACTED] foi, o [REDACTED] foi, não chega a atrapalhar, mas a tua atenção não fica focada. Mas já levei eles. (++)”</p>

<b>Bellatrix</b>	<i>“GENTE, ISSO É MUITO CANSATIVO. O emocional da gente às vezes está <u>muito esgotado!</u> (...)”</i>
<b>Maia</b>	<p><i>“(...) tenho eu sou muito feliz e claro tem o cansaço todo da maternidade mas eu acho que <b>tudo vale a pena assim quando a gente vê o nenê sorrindo interagindo com a gente o carinho deles com a gente eu acho que compensa cada cada noite mal dormida sabe (-)</b>”</i></p> <p><i>“Ah, <u>EU ACHO QUE SIM</u>. É porque eu acho que mais dói é tu deixar em casa para sair para trabalhar. Não é trabalhar em si, porque às vezes eu digo eu trabalho, eu descanso no trabalho, que dia que eu consigo tomar um chimarrão, é o dia que eu vou trabalhar, entende? Porque, claro, em casa, com um bebê tu não consegue fazer nada assim. Então é um momento que eu descanso um pouco (...)”</i></p> <p><i>(-)Hoje eu estava me arrependendo de não ter tido antes, <u>porque é muito bom realmente dá trabalho, é cansativo, é exaustivo. Mas eu acho que a melhor coisa que a gente pode viver na vida assim.</u></i></p>
<b>Spica</b>	<i>“(...) Então, eu acho que eu aprendi a me virar sozinha. Sozinha não, né? Sozinha pelo meu filho.”</i>
<b>Polaris</b>	<p><i>“(...) Então foi muito difícil, cansativo conciliar a maternidade com a minha profissão que eu passei a exercer de policial, mas <u>nunca</u> questionei.”</i></p> <p><i>“A maternidade, ah, ai, é a melhor coisa do mundo, não tem como, é a melhor coisa do mundo. É cansativo também, são fases. Eu pra dizer assim, em cinco palavras é difícil, mas é a melhor coisa do mundo e é o maior amor do mundo. <b>É muito lindo a gente ver de novo o mundo pelos olhos do teu filho. Então (XXX).</b>”</i></p> <p><i>“(...) A maternidade é, eu me lembro que eu era ainda, sei lá, jovem profissional e eu vi um texto que dizia assim que “ser mãe é padecer no paraíso”, só que havia um, dizia assim, “é <u>PRA DESCER</u> do paraíso” e não padecer, a gente padece, a maternidade realmente ela, eh, esgota, esgota, não tem como negar, <b>mas ao mesmo tempo é o que dá vida para quem opta por ser mãe. (...)</b>”</i></p>
<b>Celaeno</b>	<p><i>“(...) e aí começou a pesar <u>demais</u>, porque eles eram pequenos, né, imagina, o [REDACTED] tinha três anos, quatro anos, a gente tinha adolescente, tinha quatro meses, nove anos, pré-adolescente. <b>E aí ficou muito pesado e eu decidi, naquele final de ano, ir morar em [REDACTED] (...)</b>”</i></p> <p><i>“(...) E aí eu voltei com os pequenos, já era adolescente, era adolescente, 9 anos e 14 anos. E a [REDACTED] bebê, um ano, né. E a [REDACTED] <b>sim, foi a maternidade mais puxada. Porque essa foi de solo, né. E mais os dois que eu tinha. <u>Aí eu senti o repuxo.</u></b> “Ah, ainda bem que eu já sou mais velha, pensei e já tive dois.” <b>Porque aí era eu e eu, né. Era eu e eu, não tinha outra pessoa ali pra sentar (...)</b>”</i></p>

Fonte: elaborado pela autora com base em Vargas (2018).

Do ponto de vista dos *posicionamentos discursivos*, as entrevistadas falam a partir de lugares marcados por diferentes níveis de proteção, apoio e estabilidade, o que influencia diretamente a forma como o cansaço é narrado e significado. Em contextos de maior estabilidade ocupacional ou de maior previsibilidade das rotinas, o cansaço tende a ser reconhecido, mas incorporado ao discurso como algo administrável, ainda que intenso. Já em trajetórias atravessadas por precariedade, ausência de rede de apoio ou maternidade solo, o cansaço aparece como estado permanente, associado a sentimentos de desespero, exaustão emocional e limite

físico. Assim, o “quem fala” está indissociavelmente ligado ao “de onde se fala”, evidenciando que a sobrecarga não é apenas vivida, mas socialmente situada (Badinter, 2011).

No que se refere às *configurações narrativas*, os relatos se organizam em torno de rotinas exaustivas, jornadas estendidas e da percepção de que o tempo se tornou um recurso escasso e permanentemente tensionado. Em algumas narrativas, o cansaço é apresentado como parte inevitável da maternidade, frequentemente compensado pelo afeto, pela satisfação simbólica ou pelo sentido atribuído ao papel materno. Em outras, ele aparece como ruptura, sinalizando momentos em que o cotidiano “pesou demais”, exigindo decisões drásticas, como mudanças de cidade, reorganização familiar ou redefinição da trajetória profissional. A gestão do tempo surge, assim, como narrativa de sobrevivência cotidiana, marcada por tentativas constantes de equilibrar demandas que se sobrepõem e não cessam.

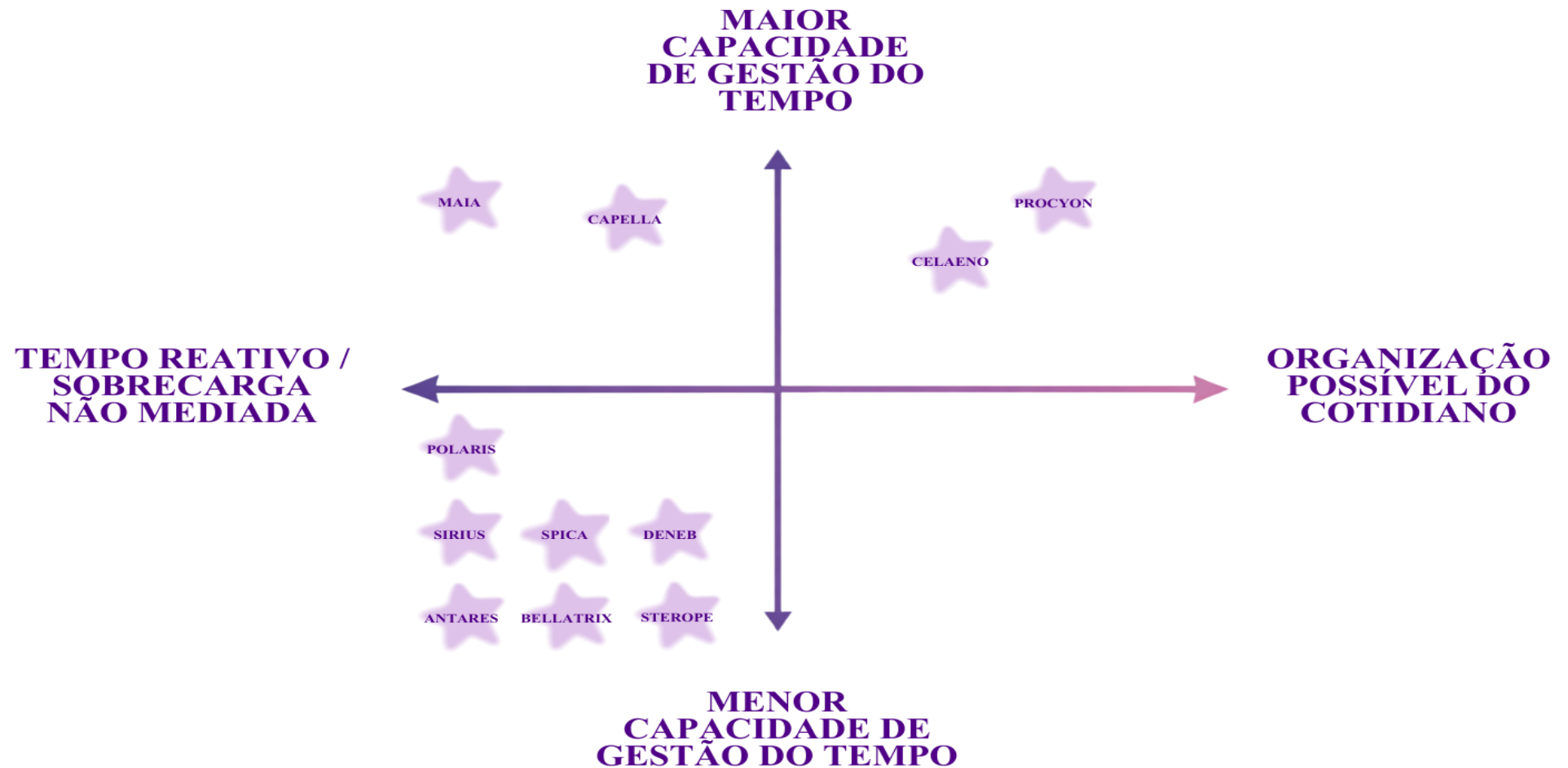
A análise dos *espaços semânticos* - *qual o significado do que se fala?* - evidencia a recorrência de sentidos associados à exaustão, renúncia, resistência e compensação afetiva. O cansaço é frequentemente significado como prova de dedicação e compromisso, reforçando expectativas normativas de que ser mãe implica suportar a sobrecarga sem questionamento. Ao mesmo tempo, emergem sentidos de limite e esgotamento, nos quais o cansaço deixa de ser apenas consequência natural e passa a sinalizar a insustentabilidade de determinadas rotinas. Nesse campo semântico, a gestão do tempo não aparece como competência individual, mas como prática atravessada por desigualdades de gênero e pela concentração do cuidado nas mulheres, evidenciando que a escassez de tempo é produzida socialmente.

De forma articulada, os discursos indicam que sobrecarga, cansaço e gestão do tempo não constituem dimensões isoladas, mas operam como um mesmo eixo interpretativo que organiza a experiência do retorno ao trabalho no pós-maternidade. O cansaço atravessa praticamente todas as narrativas, ainda que com intensidades e sentidos distintos, modulados pelas condições de apoio, reconhecimento e possibilidade de reorganização do cotidiano. Assim, a gestão do tempo emerge menos como solução e mais como expressão das tensões vividas, revelando que a permanência no trabalho exige das mulheres um esforço contínuo de conciliação que, muitas vezes, se dá à custa do próprio corpo e do descanso. Essa conjectura evidencia que discutir sobrecarga e cansaço é discutir os limites concretos da sustentação cotidiana da maternidade articulada ao trabalho.

A Figura 11 sintetiza visualmente a validação da conjectura analítica deste subcapítulo ao representar a experiência do tempo no pós-maternidade como um campo de desequilíbrio permanente, no qual a sobrecarga não decorre apenas do volume de tarefas, mas também dos

regimes de cobrança e autoexigência que atravessam o cotidiano das mulheres-mães. O cansaço narrado pelas participantes não se produz exclusivamente pela ausência de apoio ou pela multiplicidade de responsabilidades, mas também pela internalização de expectativas de organização, desempenho e controle que operam mesmo quando há delegação parcial do cuidado ou do trabalho doméstico. Nesse sentido, a figura dialoga com a ideia de que a exaustão não se explica apenas pelo “não dar conta”, mas pela dificuldade de autorizar-se a não dar conta, revelando como a gestão do tempo se transforma em dispositivo moral que produz culpa, irritação e desgaste contínuo. Assim, a representação gráfica expressa a perda de linearidade do tempo e a fragmentação da rotina como efeitos combinados da maternidade, do trabalho e da autoexigência, evidenciando que a sobrecarga se sustenta tanto por condições materiais quanto por processos simbólicos de cobrança de si.

Figura 11 - Posicionamentos discursivos em torno da sobrecarga, cansaço e gestão do tempo no retorno ao trabalho



Fonte: elaborado pela autora (2026).

No quadrante superior, associado à maior capacidade de gestão do tempo, situam-se Maia e Capella. Em ambas as narrativas, o cansaço está presente, mas aparece mediado por estratégias de organização, previsibilidade e certa possibilidade de planejamento do cotidiano. Maia reconhece a exaustão própria da maternidade, mas narra o retorno ao trabalho como espaço de relativo alívio e reorganização do tempo, chegando a afirmar que “descansa no trabalho”, o que indica uma diferenciação simbólica entre os regimes de exigência da casa e do ambiente laboral. Capella, por sua vez, descreve uma rotina intensa e cansativa, porém sustentada por acordos, conversas e ajustes contínuos, inclusive no âmbito familiar. Embora relate períodos de exaustão, sua narrativa atual indica maior capacidade de acomodar responsabilidades, reconhecendo limites e construindo formas de seguir sem colapso imediato, o que justifica sua posição acima do eixo central.

Ainda na porção superior, mas deslocadas à direita, aparecem Celaeno e Procyon, próximas ao polo da organização possível do cotidiano. Nesses casos, a gestão do tempo não elimina o cansaço, mas permite maior integração entre trabalho, maternidade e projetos pessoais. Procyon reconhece explicitamente a rotina como exaustiva, mas articula esse esforço a uma satisfação profissional clara, o que indica que o cansaço não paralisa nem desorganiza completamente o cotidiano. Celaeno, embora tenha vivenciado períodos de sobrecarga intensa, especialmente na maternidade solo, narra decisões estratégicas de reorganização da vida, como a mudança de cidade, como forma de conter o “repuxo” da sobrecarga. Ambas demonstram capacidade de agir sobre o cotidiano, ainda que a custo elevado, o que as posiciona em uma zona de maior manejo do tempo.

No quadrante inferior esquerdo, concentram-se as narrativas marcadas por menor capacidade de gestão do tempo e por um cotidiano fortemente reativo, atravessado por sobrecarga não mediada. Antares ocupa posição extrema nesse grupo, ao narrar o retorno ao trabalho como experiência de desespero, marcada pela ausência de apoio, pela necessidade de “aguentar muita coisa” e pela dificuldade de nomear estratégias de organização. O tempo aparece, em sua fala, como urgência permanente, sem margem para antecipação ou descanso. Bellatrix também se situa nesse campo, ao enfatizar o esgotamento emocional intenso, descrevendo o cotidiano como profundamente cansativo, sem indicar dispositivos claros de mediação ou reorganização.

Sirius e Polaris, ainda que em trajetórias distintas, compartilham esse espaço de sobrecarga elevada. Sirius associa o cansaço não apenas à maternidade, mas também à vida

acadêmica, relatando prejuízos concretos, como faltas em provas e necessidade de segunda chamada, o que evidencia a dificuldade de conciliar temporalidades concorrentes. Polaris, por sua vez, descreve a conciliação entre maternidade e trabalho policial como muito difícil e cansativa, ainda que normalize esse esforço ao afirmar que “nunca questionou”, o que revela uma gestão do tempo baseada mais na resistência do que na reorganização efetiva.

Spica e Deneb aparecem próximas a esse agrupamento inferior, mas levemente deslocadas em direção ao centro, indicando uma sobrecarga intensa que, embora reconhecida, começa a ser parcialmente mediada. Deneb descreve rotinas extremamente longas e cansativas, com jornadas que se estendem até a noite, reiterando a exaustão como elemento central de sua experiência. No entanto, articula esse cansaço a afetos positivos, como alegria e realização, o que sugere alguma elaboração simbólica do esforço. Spica, ao afirmar que aprendeu a “se virar sozinha pelo filho”, evidencia uma gestão do cotidiano baseada na autossuficiência forçada, que permite seguir, mas mantém elevada a carga de esforço e vigilância sobre o tempo.

Por fim, Sterope ocupa posição inferior, mas mais próxima do eixo da organização possível do cotidiano. Sua narrativa reconhece a maternidade como experiência permanentemente consequente, na qual cada decisão gera impactos no trabalho e na vida dos filhos. O cansaço está presente, especialmente em função da ausência de rede de apoio, mas a condição de empreendedora lhe permite certa flexibilidade espacial e temporal, como levar as crianças ao trabalho. Essa flexibilidade, contudo, não elimina a sobrecarga, apenas a redistribui, o que explica sua posição intermediária entre a exaustão intensa e alguma possibilidade de manejo do tempo.

De forma articulada, a Figura 11 evidencia que o cansaço materno não se distribui de maneira homogênea nem se explica apenas pelo volume de tarefas, mas pela possibilidade ou não de mediação do tempo, pela presença de apoio, pela flexibilidade das condições de trabalho e pelo modo como cada mulher atribui sentido ao esforço cotidiano. A gestão do tempo emerge, assim, menos como competência individual e mais como resultado de arranjos desiguais que modulam a intensidade da sobrecarga e a possibilidade de seguir sem colapso.

## **5 ARTICULAÇÃO ANALÍTICA E MODELO INTERPRETATIVO**

A etapa de articulação analítica teve como objetivo integrar os achados apresentados nas subseções anteriores, deslocando o foco de análises fragmentadas para uma compreensão relacional dos processos que atravessam a maternidade no contexto do trabalho. Nesse movimento, os achados gerados a partir de cada uma das conjecturas analíticas foram analisados

de forma conjunta, considerando suas convergências, tensões e variações internas, com atenção às condições que modulam a experiência narrada e aos sentidos que se estabilizam ou se deslocam ao longo do *corpus*. Essa integração permite compreender que os atravessamentos identificados não operam de maneira isolada, mas se articulam em uma trama cotidiana que organiza o modo como as participantes significam o retorno ao trabalho no pós-maternidade.

A síntese interpretativa evidencia que o cansaço materno emerge como marcador transversal, presente, em maior ou menor intensidade, em todas as narrativas analisadas. Ele funciona simultaneamente como experiência vivida e como efeito discursivo, associado ao acúmulo de responsabilidades e à exigência de sustentação contínua do cuidado. Ainda que sua intensidade varie entre as participantes, o cansaço se consolida como ponto de ancoragem analítica para compreender como tempo, desempenho, pertencimento e legitimidade são reorganizados após a maternidade. Nessa perspectiva, o cansaço deixa de ser interpretado como atributo individual ou falha pessoal e passa a ser compreendido como resultado situado de arranjos de cuidado, condições materiais e exigências simbólicas que se combinam de forma desigual.

Nesse cenário, as redes de apoio, em suas dimensões materiais e simbólicas, assumem papel central na sustentação do retorno ao trabalho. De um lado, os apoios concretos, como creche, escola, auxílio familiar, divisão de tarefas, estabilidade financeira e suporte remunerado, ampliam a margem de reorganização do cotidiano e modulam os efeitos da sobrecarga. De outro, os suportes simbólicos, como acolhimento, reconhecimento, pertencimento, religiosidade e espiritualidade, operam como repertórios de produção de sentido, continuidade e legitimação diante de tensões, rupturas e ambivalências. A articulação entre essas duas dimensões não se apresenta como equilíbrio estático, mas como uma composição instável, negociada e sujeita a falhas, ausências e reconfigurações ao longo da experiência materna.

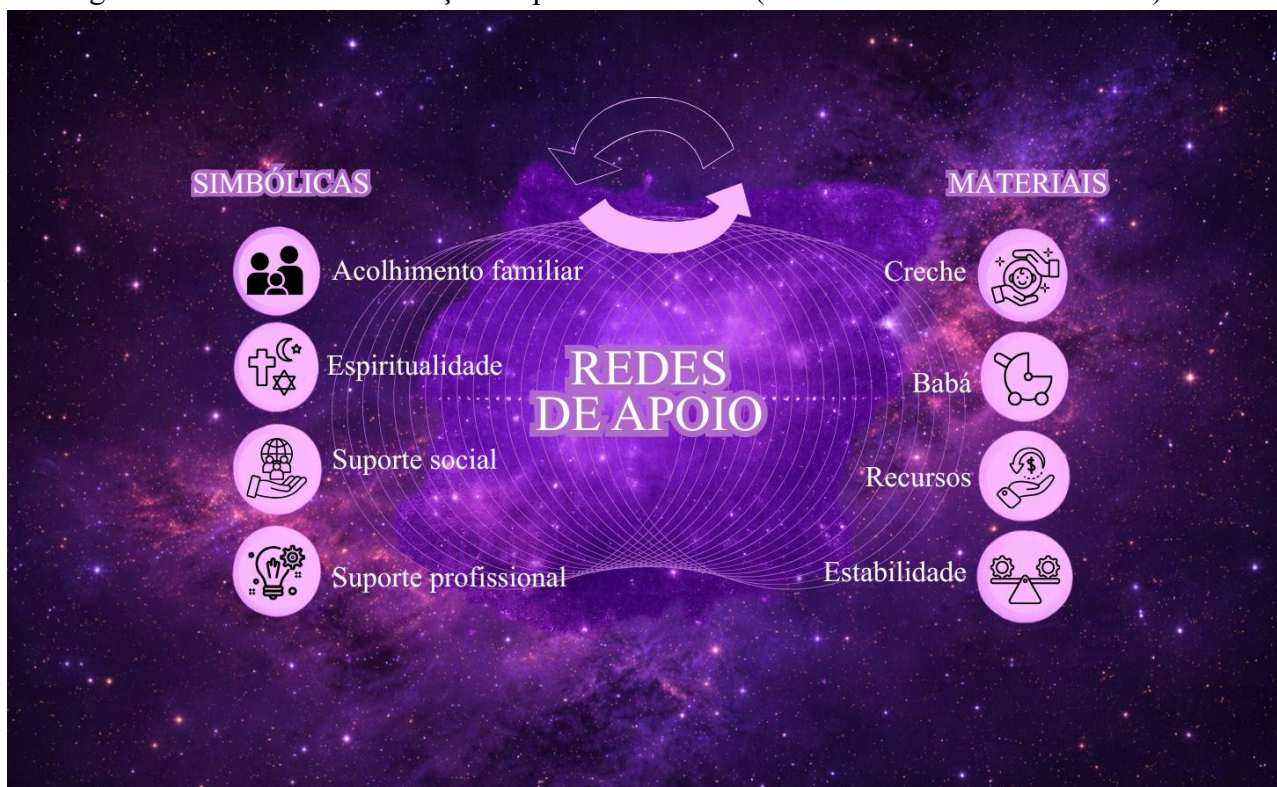
A partir dessa integração, propõe-se um modelo interpretativo no qual a vivência do retorno ao trabalho no pós-maternidade é condicionada pelo grau de alinhamento, ou desalinhamento, entre o eixo material de sustentação do cuidado e o eixo simbólico de sustentação da experiência. Quando ambos os eixos se mantêm relativamente alinhados, o cansaço tende a ser narrado como manejável, ainda que intenso, pois há recursos práticos para reorganizar a rotina e repertórios simbólicos que permitem produzir continuidade e legitimar escolhas. Em contrapartida, quando ocorre desalinhamento, seja pela ausência ou fragilização do suporte material, seja pela fragilidade do amparo simbólico, intensificam-se as tensões, a

sobrecarga e os conflitos de sentido, favorecendo a emergência de vivências ambivalentes de tonalidade mais negativa.

Esse processo é atravessado por marcadores sociais relevantes, como se observa nas diferenças entre entrevistadas que contavam com redes de apoio conjugais mais estáveis, como Capella, Maia, Sterope, Deneb e Procyon, e aquelas que vivenciaram maternidades solo ou assimétricas, como Polaris, Celaeno, Spica, Antares, Sirius e Bellatrix. Essas diferenças não operam de forma determinística, mas modulam de maneira significativa as possibilidades de reorganização do cotidiano e de elaboração simbólica da experiência materna.

A Figura 12 sistematiza o modelo interpretativo proposto a partir da articulação das categorias analíticas e da integração dos sentidos recorrentes no corpus. Nessa representação, as redes de apoio são compreendidas como eixo estruturante da sustentação do retorno ao trabalho no pós-maternidade, organizadas em duas dimensões complementares, material e simbólica, que se combinam de modo variável entre as participantes.

Figura 12 - Redes de sustentação no pós-maternidade (eixo material e eixo simbólico)



Fonte: elaborado pela autora (2026).

As dimensões simbólicas dizem respeito a repertórios de pertencimento, acolhimento, reconhecimento e produção de sentido, incluindo a religiosidade e a espiritualidade como suportes narrativos e afetivos. Observa-se que essas dimensões são fortemente atravessadas

pelas relações com a família materna, uma vez que a maioria das entrevistadas menciona, de forma recorrente, a própria mãe como figura central de apoio simbólico. Esse achado dialoga com a noção de “constelação da maternidade” proposta por Stern (1997), segundo a qual a experiência de matinar se constrói em interação com redes de ajuda e referências afetivas. Embora não caiba aqui aprofundar análises no campo da Psicologia, o dado se mostra relevante para reflexões críticas futuras sobre a centralidade das mulheres nas redes de cuidado intergeracional.

Em contraponto, as dimensões materiais referem-se a recursos concretos de sustentação do cuidado e da rotina, como creche, apoio remunerado, estabilidade financeira e disponibilidade prática de suporte. Nesse eixo, o contexto socioeconômico aparece de forma recorrente, uma vez que as mulheres com maior estabilidade financeira, como Capella, Maia, Sterope, Polaris e Celaeno, apresentaram vantagens mais consistentes no acesso a redes de apoio materiais em comparação às mulheres com menor estabilidade, como Spica, Antares, Sirius, Bellatrix, Deneb e Procyon.

Assim, a Figura 12 evidencia que a experiência materna e a forma como o retorno ao trabalho são narrados dependem diretamente do grau de alinhamento entre esses dois eixos. Quando há convergência entre suporte material e simbólico, as participantes relatam maior capacidade de organizar o cotidiano e de manejar a sobrecarga. Em contrapartida, quando essas dimensões não se encontram em comum acordo, observa-se a intensificação da sobrecarga, acompanhada por sentimentos de luto, desânimo e insuficiência, que afetam diretamente os estilos de matinar e de narrar a própria experiência.

Esse desalinhamento fragiliza tanto a capacidade prática de organizar o cuidado e a rotina quanto os recursos simbólicos necessários para atribuir sentido, legitimar escolhas e sustentar a continuidade da vida cotidiana. Como resultado, o retorno ao trabalho tende a ser vivenciado de forma ambivalente, simultaneamente como necessidade material e como fonte adicional de pressão, evidenciando que a sustentação do pós-maternidade não depende apenas da presença isolada de apoio, mas da articulação consistente entre seus eixos materiais e simbólicos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ainda sou eu? Mas agora, mãe!” Sim! Ainda é a mesma mulher, mas atravessada por novas experiências, responsabilidades e sentidos que reconfiguram, de maneira profunda e contínua, sua forma de estar no mundo e no trabalho. Agora, mãe, novos desafios são colocados no caminho, mas – embora nova e ressignificada -, ainda existe a identidade pré-maternidade, que se moldou aos novos caminhos com a inclusão da maternidade na rotina profissional. As narrativas analisadas ao longo desta pesquisa evidenciaram que o retorno ao trabalho no pós-maternidade não representa apenas um movimento de reinserção profissional, mas um processo marcado por deslocamentos identitários, negociações simbólicas e reorganizações cotidianas que atravessam o modo como essas mulheres percebem a si mesmas, seus papéis e suas possibilidades. O que se revelou, ao longo do percurso analítico, foi que a maternidade não substitui identidades anteriores, mas passa a coexistir com elas, tensionando, ampliando e, em muitos casos, ressignificando a maneira como o trabalho, o cuidado e o próprio sentido do que é “ser produtiva” são compreendidos.

A maternidade, quando atravessada pela experiência do trabalho, revela-se como um fenômeno profundamente relacional, marcado por tensões entre expectativas sociais, exigências institucionais e rearranjos cotidianos que recaem, de forma desigual, sobre as mulheres. Os achados deste estudo evidenciam que o retorno ao trabalho no pós-maternidade não pode ser compreendido apenas como uma etapa funcional ou logística, mas como um processo complexo de reorganização subjetiva, material e simbólica, no qual as mulheres-mães são constantemente convocadas a administrar sobrecarga, cansaço e sentimentos ambivalentes, ao mesmo tempo em que buscam manter desempenho profissional e presença no cuidado.

Nesse contexto, o trabalho emerge simultaneamente como espaço de realização, necessidade econômica e, em alguns casos, como território de respiro simbólico frente à intensidade do cuidado doméstico. As narrativas analisadas mostram que o trabalho não se opõe à maternidade de forma simples ou dicotômica, mas se entrelaça a ela de modo ambíguo, podendo tanto ampliar a sensação de exaustão quanto oferecer reconhecimento, pertencimento e continuidade identitária. Essa ambivalência é modulada por condições desiguais de suporte, organização do tempo e legitimidade social, evidenciando que a experiência do retorno ao trabalho no pós-maternidade é atravessada por marcadores estruturais que excedem a vontade ou a capacidade individual das mulheres.

Por fim, a articulação entre maternidade e trabalho, tal como narrada pelas participantes, expõe os limites de modelos normativos que pressupõem conciliação automática, planejamento

ideal ou adaptação linear. Ao contrário, os resultados apontam para a necessidade de compreender essa experiência como situada, processual e atravessada por rupturas, negociações e estratégias de sustentação que se constroem no cotidiano. Assim, refletir sobre maternidade e trabalho implica reconhecer que o cansaço, a sobrecarga e a busca por sentido não são falhas individuais, mas efeitos de arranjos sociais, simbólicos e institucionais que continuam a atribuir às mulheres a centralidade quase exclusiva do cuidado, mesmo quando plenamente inseridas no mundo do trabalho.

De forma geral, essa dissertação teve como objetivo compreender como mulheres-mães significam o retorno ao trabalho no pós-maternidade, a partir de suas narrativas, considerando os atravessamentos simbólicos, materiais e subjetivos que estruturam essa experiência. Ao longo do trabalho, buscou-se analisar de que modo categorias como planejamento, responsabilização, redes de apoio, religiosidade, cansaço e gestão do tempo se articulam na produção de sentidos sobre a maternidade em interface com o trabalho, sem reduzi-las a explicações individuais ou normativas.

Os resultados apresentados permitem afirmar que os objetivos propostos foram alcançados, embora não tenham a pretensão de esgotar a temática. A análise evidenciou que o retorno ao trabalho no pós-maternidade não se configura como evento pontual ou meramente prático, mas como processo relacional e situado, atravessado por desigualdades de reconhecimento, suporte e legitimidade. As narrativas analisadas demonstram que o cansaço materno emerge como marcador transversal dessa experiência, articulando-se à forma como as mulheres organizam o tempo, percebem a sobrecarga e atribuem sentido à permanência no trabalho. Esse cansaço, longe de ser homogêneo, é modulável pelas condições concretas de apoio e pelos repertórios simbólicos mobilizados para sustentar o cotidiano.

A pesquisa também evidenciou que as redes de apoio operam como condição central para a sustentação do retorno ao trabalho, não apenas em sua dimensão material, mas também simbólica. Apoios concretos, como creche, auxílio familiar e suporte remunerado, ampliam a possibilidade de reorganização da rotina, enquanto suportes simbólicos, como acolhimento, reconhecimento, religiosidade e espiritualidade, oferecem molduras interpretativas que permitem elaborar rupturas, legitimar escolhas e produzir continuidade subjetiva. A articulação entre essas dimensões mostrou-se decisiva para compreender as variações nos estilos narrativos e nos posicionamentos discursivos das participantes.

Nesse sentido, a dissertação contribui ao evidenciar que a experiência materna no contexto do trabalho não pode ser compreendida de forma fragmentada, tampouco reduzida a

discursos de conciliação ou resiliência individual. Trata-se de um fenômeno atravessado por condições estruturais, relações de gênero, expectativas normativas e disputas simbólicas, que se manifestam de forma concreta no cotidiano das mulheres-mães. Ao propor um modelo interpretativo que articula eixos materiais e simbólicos de sustentação, o estudo oferece uma chave analítica para compreender essas experiências de forma integrada, sem perder de vista suas tensões e ambivalências.

Do ponto de vista metodológico, a opção por entrevistas em profundidade permitiu acessar narrativas densas, atravessadas por afetos, silêncios e elaborações complexas, o que se mostrou fundamental para apreender a dimensão simbólica da experiência investigada. Ao mesmo tempo, essa escolha implicou desafios importantes. As transcrições demandaram tempo e cuidado, dada a extensão e profundidade dos relatos, e a conciliação de agendas revelou-se um processo delicado, considerando tratar-se de um público com rotinas intensas, responsabilidades múltiplas e pouco tempo disponível. Além disso, o percurso de aprovação ética exigiu um investimento temporal significativo, o que impactou diretamente o cronograma da pesquisa. Essas limitações, no entanto, não comprometeram a qualidade dos achados, mas delimitam o escopo desta etapa do estudo, que será continuada em um projeto de tese de doutorado.

Assim, cabe ressaltar que esta dissertação não esgota as possibilidades analíticas do campo investigado. Ao contrário, os resultados aqui apresentados reforçam a necessidade de aprofundamento e ampliação da pesquisa. As etapas posteriores, que envolvem a realização de observação e de grupos de discussão, estão previstas para o doutorado e permitirão avançar na compreensão das dinâmicas coletivas, interacionais e institucionais que atravessam a maternidade no contexto do trabalho. Essas etapas possibilitarão tensionar, complementar e expandir os achados obtidos a partir das entrevistas individuais, contribuindo para uma análise ainda mais robusta e situada.

Dessa forma, a presente dissertação se insere como etapa fundamental de um percurso investigativo mais amplo, oferecendo bases empíricas, analíticas e teóricas para a continuidade da pesquisa. Ao evidenciar as múltiplas camadas que estruturam a experiência do retorno ao trabalho no pós-maternidade, o estudo reafirma a relevância do tema e aponta para a necessidade de abordagens que reconheçam a maternidade como experiência social complexa, atravessada por desigualdades, negociações e processos contínuos de ressignificação.

Como sugestões de estudos futuros, delinea-se uma agenda de pesquisa que possa aprofundar e ampliar os achados deste estudo. Em primeiro lugar, indicam-se investigações que

explorem de forma mais sistemática as intersecções entre maternidade, religiosidade e espiritualidade, analisando como esses repertórios simbólicos operam na sustentação subjetiva do retorno ao trabalho e na resignificação de rupturas identitárias associadas ao pós-maternidade. Tais estudos podem contribuir para compreender a espiritualidade não apenas como dimensão privada, mas como recurso interpretativo que atravessa o cotidiano laboral e os modos de narrar o cuidado.

Em segundo lugar, destaca-se a relevância de pesquisas voltadas às especificidades das duplas-maternidades em arranjos homoafetivos, considerando os desafios impostos pela heteronormatividade institucional e social. Investigações futuras podem examinar como essas mulheres constroem legitimidade materna, organizam redes de apoio e enfrentam barreiras simbólicas e materiais no contexto do trabalho, ampliando o debate sobre diversidade familiar e reconhecimento social da maternidade.

Adicionalmente, sugere-se o aprofundamento do papel das figuras maternas das próprias mães na construção da experiência de maternidade, explorando como vínculos intergeracionais influenciam expectativas, práticas de cuidado, sentimento de culpa e modelos de desempenho materno. Essa linha de investigação pode contribuir para compreender a maternidade como experiência relacional e historicamente situada, marcada por continuidades e rupturas entre gerações.

Por fim, recomenda-se o desenvolvimento de estudos que analisem os processos de legitimação da maternidade em contextos de gravidez não planejada ou indesejada, especialmente no que se refere às respostas institucionais, familiares e organizacionais. Pesquisas nessa direção podem evidenciar como o planejamento reprodutivo opera como critério moral de validação da maternidade e como sua ausência intensifica estigmas, culpabilizações e vulnerabilidades no retorno ao trabalho, ampliando a compreensão das desigualdades que atravessam a experiência materna.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKAN, D. P. et al. Problematizing sharenting of supermoms in a neoliberal context. **Gender Issues**, v. 42, n. 1, p. 3, mar. 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12147-024-09389-0>. Acesso em: 18 mar. 2025.

AMARAL, Grazielle A.; VIEIRA, Adriane. A Mulher e a Tripla Jornada de Trabalho: a Arte de Ser Beija-Flor. **XXXIII Encontro da ANPAD**, São Paulo, 16 p., 2009. Disponível em: [arquivo.anpad.org.br/diversos/down\\_zips/45/EOR324.pdf](arquivo.anpad.org.br/diversos/down_zips/45/EOR324.pdf). Acesso em: 4 jan. 2026.

ANDRADE, Alexsandro L. de; FERRAZ, Karen R.; OLIVEIRA, Manoela Z. de; HATFIELD, Elaine. Antecipação do conflito trabalho-família em estudantes universitários brasileiros: Medida e relacionamento com apego e sucesso de carreira. **Psychologica**, [S. l.], v. 62, n. 2, p. 95-116, 2019. DOI: 10.14195/1647-8606\_62-2\_6. Disponível em: [https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606\\_62-2\\_6](https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606_62-2_6). Acesso em: 4 jan. 2026.

ANDRADE, S. P. C. de; TOLFO, S. R.; DELLAGNELO, E. H. L. Sentidos do trabalho e racionalidades instrumental e substantiva: interfaces entre a administração e a psicologia. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 16, p. 200–216, 2012.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ASHFORTH, B. E.; MAEL, F. **Social identity theory and the organization**. **Academy of Management Review**, v. 14, n. 1, p. 20-39, 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.5465/amr.1989.4278999>. Acesso em: 1 abr. 2025.

ASHFORTH, B. E.; SCHINOFF, B. S. Identity under construction: how individuals come to define themselves in organizations. **Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior**, v. 3, n. 1, p. 111–137, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5465/amr.1989.4278999>. Acesso em: 1 mar. 2025.

AŞKUN, V.; ÇIZEL, R. A model proposal for sustainable career management in hospitality: grounded theory perspective. **Advances in Hospitality and Tourism Research (AHTR)**, v. 12, n. 4, p. 421–448, 3 dez. 2024.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOUR, R. (2009). **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed. 216 p.

BATALHA, C. H. M. **Os desafios atuais da história do trabalho**. Anos 90 (UFRGS), v. 13, p. 87–104, 2006.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**: 1. fatos e mitos. 4. ed. Tradução Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. v. 2.

BEDNAR, J. S. et al. Putting identification in motion: a dynamic view of organizational identification. **Organization Science**, v. 31, n. 1, p. 200–222, jan. 2020.

BIDARTE, Marcos V. D.; FLECK, Carolina F.; DISCONZI, Claudia M. D. G.. As mulheres como tema de pesquisa na Administração: uma análise sobre o que a academia vem priorizando quando elas são o foco de estudo. **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 257–280, 2022. DOI: [10.14393/CEF-v34n2-2021-15](https://doi.org/10.14393/CEF-v34n2-2021-15). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/65101>. Acesso em: 4 jan. 2026.

BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. **Feminismo e política**: uma introdução. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BONZATTO, E. A. *Tripalium*: o trabalho como maldição, como crime e como punição. **Direito em foco**, v. 1, p. 1–37, 2011.

BOWEN, G. A. Grounded theory and sensitizing concepts. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 5, n. 3, p. 12–23, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/160940690600500304>. Acesso em: 20 fev. 2025.

**BRASIL**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 2021. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm). Acesso em: 20 fev. 2025.

**BRASIL**. Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 20 fev. 2025.

**BRASIL**. Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008. Cria o Programa Empresa Cidadã, destinado à prorrogação da licença-maternidade mediante concessão de incentivo fiscal [...]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111770.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111770.htm). Acesso em: 18 mar. 2025.

BRIA, Mara; COCIS, Alina M.; TRIF, Sabrina R.; CURŞEU, Petru L.; FODOR, Oana C.; HEILMAN, Renata M. Gender and Pregnancy Discrimination in the Selection Process. Does It (Still) Exist? **Gender, Work & Organization**, [S. l.], v. 33, p. 219-233, 2026. Disponível em: [onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/gwao.70039](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/gwao.70039). Acesso em: 4 jan. 2026.

BROWN, A. D. Identities in and around organizations: towards an identity work perspective. **Human Relations**, v. 75, n. 7, p. 1205–1237, jul. 2022. <https://doi.org/10.1177/0018726721993910>. Acesso em: 5 mar. 2025.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537–572, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300003>. Acesso em: 5 mar. 2025.

CADSBY, C. B.; SERVÁTKA, M.; SONG, F. How competitive are female professionals? A tale of identity conflict. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 92, p. 284–303, 2013. <https://doi.org/10.1016/j.jebo.2013.05.009>. Acesso em: 18 mar. 2025.

CARLSON, Dawn S.; KACMAR, Michele, WILLIAMS, Larry J.. Construction and Initial Validation of a Multidimensional Measure of Work–Family Conflict. **Journal of Vocational Behavior**, [S. l.] v. 56, n. 2, p. 249–276, 2000. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S000187919991713X?via%3Dihub>. Acesso em: 4 jan. 2026.

CASSIANI, S. H. D. B. et al. A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 4, n. 3, p. 75–88, dez. 1996.

CEZAR, B. G. S. da S.; SCHERER, L. A.; CORSO, K. B. Empoderamento feminino na carreira de mulheres docentes: estudo em uma universidade federal do interior do Rio Grande do Sul. **Revista de Carreiras e Pessoas**, v. 7, n. 1, p. 1–16, 24 abr. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCaPe/article/view/32655>. Acesso em: 5 mar. 2025.

CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Porto Alegre: Artmed; 2009.

CHIB, A. et al. Migrant mothering and mobile phones: negotiations of transnational identity. **Mobile Media & Communication**, v. 2, n. 1, p. 73–93, 2014. <https://doi.org/10.1177/2050157913506007>. Acesso em: 5 mar. 2025.

CONDE, F. **Análisis sociológico del sistema de discursos**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2009.

CONEJERO, M. C.; MACLENNAN, M. L. F. Deconstructing the Glaser-Strauss dilemma: integrative discussion about the grounded theory in management. **Organizações & Sociedade**, v. 30, n. 106, p. 477–495, jul. 2023.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. São Paulo: Penso, 2014.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CROSS, C.; DARCY, C.; GARAVAN, T. Work re-entry following maternity leave for first-time mothers: an events, social identity and intersectional theories informed identity work framework. **Gender, Work & Organization**, v. 32, n. 2, p. 590–609, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/gwao.13162>. Acesso em: 18 mar. 2025.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: H. R. Candani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, P. E.; BRIDGER, A.; BUDDS, K. “They need to see breastfeeding so that they know how to do it”: the construction of motherhood through Instagram brelfies. **International Breastfeeding Journal**, v. 20, n. 1, p. 11, 27 fev. 2025. Acesso em: 18 mar. 2025.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The handbook of qualitative research**. 5. ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2011.

DILLAVOU, J. et al. Mothers inside and out? Pseudo-families and motherhood in a women’s prison. **Crime & Delinquency**, p. 001112872210838, 8 abr. 2022.

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 3 ed. Tradução de Leandro Konder. São Paulo: Expressão Popular, 2010, 223p.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

FELIX, B.; GOMES, R. O self no armário: uma teoria fundamentada sobre o silêncio de gays e de lésbicas no ambiente de trabalho. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 17, n. 2, p. 375–388, jun. 2019.

FERRAZ, D. L.; OLTRAMARI, A.; PONCHIROLLI, O. Gestão de pessoas e relações de trabalho: conceitos e questionamentos. In: FERRAZ, D. L.; OLTRAMARI, A.; PONCHIROLLI, O. (Org.). **Gestão de pessoas e relações de trabalho**. São Paulo: Atlas, 2011.

FESTI, R. C. A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE NO TRABALHO PELO CAPITAL. **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 37, n. 136, p. 913-916, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302016161454>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016161454>. Acesso em: 16 fev. 2025.

FIOL, C. M.; PRATT, M. G.; O’CONNOR, E. J. **Managing intractable identity conflicts**. *Academy of Management Review*, v. 34, n. 1, p. 32–55, 2009. <https://doi.org/10.5465/amr.2009.35713276>. Acesso em: 18 mar. 2025.

FISCHER, R. Pondo os pingos nos “is”. In: FLEURY, M. T.; FISCHER, R. M. (Org.). **Processos e relações de trabalho no Brasil**. São Paulo: Atlas, 1985. p. 19–50.

FLEURY, M. T. O simbólico nas relações de trabalho. In: FLEURY, M. T.; FISCHER, R. (Org.). **Cultura e poder nas organizações**. São Paulo: Atlas, 2015.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTANELLA, B. J. B.; LUCHESI, B. M.; SAIDEL, M. G. B.; RICAS, J.; TURATO, E. G.; MELO, D. G. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 27, n. 2, p. 388-394, fev.

2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x2011000200020>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000200020>. Acesso em: 02 mar. 2025.

FREENEY, Y. et al. More than “just a mom”: identity distancing and reactivation during re-entry transitions. **Gender, Work & Organization**, v. 32, n. 2, p. 610–633, 2025. <https://doi.org/10.1111/gwao.13172>. Acesso em: 18 mar. 2025.

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia** (1926[1925]). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GALVÃO, Lize B.. MÃE SOLTEIRA NÃO. MÃE SOLO! CONSIDERAÇÕES SOBRE MATERNIDADE, CONJUGALIDADE E SOBRECARGA FEMININA. **Revista Direito e Sexualidade**, Salvador, v. 1, n. 1, 2023. DOI: 10.9771/revdirsex.v1i1.36872. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/36872>. Acesso em: 28 set. 2025.

GARCIA, C. F.; VIECILI, J. Implicações do retorno ao trabalho após licença-maternidade na rotina e no trabalho da mulher. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 30, n. 2, p. 271–280, maio 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLASER, B. G. **Theoretical sensivity**. San Francisco: Sociology Press, 1978.

GLASER, B. **The Grounded Theory Perspective: conceptualization contrasted with description**. Mill Valley: Sociology Press, 2011.

GLASER, B.; STRAUSS, A. **The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research**. New York: Aldine Transaction, 1967.

GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. A. **A pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOMES, R.; FELIX, B. O self no armário: uma teoria fundamentada sobre o silêncio de gays e de lésbicas no ambiente de trabalho. **Cadernos Ebape.Br**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 375-388, jun. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395174796>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395174796>. Acesso em: 02 mar. 2025.

GOTTARDELLO, D. The maze: reflections on navigating intersectional identities in the workplace. **Gender, Work & Organization**, v. 30, n. 5, p. 1839–1854, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/gwao.13030>. Acesso em: 18 mar. 2025.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595–609, 2007. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/344>. Acesso em: 02 fev. 2025.

KARAMI, A. et al. Health use cases of AI chatbots: identification and analysis of ChatGPT prompts in social media discourses. **Big Data and Cognitive Computing**, v. 8, n. 10, p. 130, 8 out. 2024. <https://doi.org/10.3390/bdcc8100130>. Acesso em: 18 mar. 2025.

KUHN, Nuvea; LOPES, Luis F. D.; SILVA, Wesley V. da; SILVA, Luciana S. C. V. da. Espiritualidade no Trabalho e Vínculos Organizacionais: Perspectiva de Trabalhadores de uma Cooperativa de Crédito. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, [S. l.], v. 24, 2024. Disponível em: [submission-pepsic.scielo.br/index.php/rpot/article/view/25255](https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/rpot/article/view/25255). Acesso em: 4 jan. 2026.

KUSCHEL, K. Women founders in the technology industry: the startup-relatedness of the decision to become a mother. **Administrative Sciences**, v. 9, n. 2, p. 30, 2019. <https://doi.org/10.3390/admsci9020030>. Acesso em: 18 mar. 2025.

LAZZARO-SALAZAR, M.; BARROS, S. Work-family interface during COVID-19: a sociolinguistic study of working mums' identity and mental health. **BMC Psychology**, v. 12, n. 1, p. 423, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s40359-024-01923-2>. Acesso em: 6 fev. 2025.

LI, W. Renovating Confucian ideas for gender equality: an inquiry of Confucian feminist debates in modern China. **Humanities and Social Sciences Communications**, v. 12, n. 1, p. 25, 6 jan. 2025. <https://doi.org/10.1057/s41599-024-02757-6>. Acesso em: 18 mar. 2025.

LIMBERS, C. A. et al. Physical activity in working mothers: running low impacts quality of life. **Women's Health (London, England)**, v. 16, p. 1745506520929165, 2020. <https://doi.org/10.1177/1745506520929165>. Acesso em: 5 mar. 2025.

LISAUSKAS, Rita. Trabalhar como se não tivesse filhos, ser mãe como se não trabalhasse fora. Estadão, [S. l.], 24 nov. 2015. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/ser-mae/trabalhar-como-se-nao-tivesse-filhos-ser-mae-como-se-nao-trabalhasse-fora/>. Acesso em: 28 set. 2025.

MACHADO, C.; PINHO NETO, V. **The labor market consequences of maternity leave policies: evidence from Brazil**. [s.n.], 2016. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-ciencia-tecnologia-inovacao-e-ensino-superior/noticias/as-mulheres-cientistas-e-a-maternidade>. Acesso em: 18 mar. 2025.

MASSEY, K. L.; WHITEHEAD, A. E. Pregnancy and motherhood in elite sport: the longitudinal experiences of two elite athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 60, p. 102139, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2022.102139>. Acesso em: 18 mar. 2025.

MATTOS PEDRO, L. C. L. de. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 4, p. 823-846, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=241021497001>. Acesso em: 6 abr. 2025.

MIN, B. H.; AN, S.; KI, N. Understanding the dynamics of civil society organization responses in the cross-sector collaboration process with a government partner: a typology

from a grounded theory approach. **Nonprofit Management and Leadership**, v. 35, n. 2, p. 433–460, dez. 2024.

MÓNICO, L. S.; ALFERES, V. R.; CASTRO, P. A.; PARREIRA, P. M. A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. In: **CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA – CIAIQ**, 2017, Salamanca. Atas do CIAIQ 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318702823>. Acesso em: 20. abr. 2025.

MOREIRA, M. G. **Discriminação do gênero feminino no ambiente de trabalho: uma análise à luz da Teoria Institucional de Thorstein Veblen**. 2019. 143 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2019. Disponível em: [https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/3955/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Vers%C3%A3o%20FINAL.pdf](https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/3955/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Vers%C3%A3o%20FINAL.pdf). Acesso em: 20. fev. 2025.

MOREIRA, M. G.; FLECK, C. F.; VIANA, J. G. A. Discriminação de gênero à luz da Teoria Institucional de Thorstein Veblen. In: **ENCONTRO DA ANPAD – EnANPAD**, 2018, Curitiba, PR. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2018. Disponível em: [https://arquivo.anpad.org.br/abrir\\_pdf.php?e=MjU1MTk](https://arquivo.anpad.org.br/abrir_pdf.php?e=MjU1MTk). Acesso em: 18 mar. 2025.

MORIN, E. M.. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, [S.L.], v. 41, n. 3, p. 08-19, set. 2001. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-75902001000300002>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75902001000300002>. Acesso em: 23 fev. 2025

MOURA, S. M. S. R. DE .; ARAÚJO, M. DE F.. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 24, n. 1, p. 44–55, mar. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100006>. Acesso em: 18 mar. 2025.

NAZÁRIO, Patrícia L. S.; MOTA-SANTOS, Carolina M.; NETO, Manoel B. G.. Carreira versus maternidade: desafios vivenciados pelas pilotas de linha aérea. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 1081–1111, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/59028>. Acesso em: 4 jan. 2026.

OLIVEIRA, D. S.; LOPES, R. C. S. “Mãe, quero ficar contigo...”: comportamentos de dependência do primogênito no contexto de gestação de um irmão. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 2, p. 212–220, 2008.

PADILHA, S. S.; SILVA, A. B. da. Entre o texto e contexto: as relações de emprego da mulher no pós-maternidade. **Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros**, v. 12, n. 43, p. 1–16, 20 dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.processus.com.br/index.php/egif/article/view/663>. Acesso em: 18 mar. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.6450078>.

PAKSI, Veronika; NAGY, Beáta; TARDOS, Katalin. Perceptions of Barriers to Motherhood: Female STEM PhD Students’ Changing Family Plans. **Social Inclusion**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 149-159, 2022. Disponível em: <https://www.cogitatiopress.com/socialinclusion/article/view/5250>. Acesso em: 28 set. 2025.

**PARAÍBA.** As mulheres cientistas e a maternidade. Secretaria da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba, 2023. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-ciencia-tecnologia-inovacao-e-ensino-superior/noticias/as-mulheres-cientistas-e-a-maternidade>. Acesso em: 18 mar. 2025.

PINHEIRO, Luana S.; LIMA JUNIOR, Antonio T.; FONTOURA, Natália O.; SILVA, Rosane da. Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014. **Ipea**, nota técnica n. 24, p. 3-28, 2016. Disponível em: [https://portalantigo.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=27317](https://portalantigo.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=27317). Acesso em: 4 jan. 2026.

PINTO, M. DE R.; SANTOS, L. L. DA S.. A Grounded Theory como abordagem metodológica: relatos de uma experiência de campo. **Organizações & Sociedade**, v. 19, n. 62, p. 417–436, jul. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/R4Mwn9wsHkPkbCdWDV5KrRJ/>. Acesso em: 18 mar. 2025. Publications, 1990.

PUTZ, Tobias; ENGELHARDT, Henriette. The effects of the first birth timing on women's wages: A longitudinal analysis based on the German Socio-Economic Panel. **Journal of Family Research**, [S. l.], v. 26, n. 3, p. 302–330, 2014. DOI: 10.3224/zff.v26i3.18990. Disponível em: <https://ubp.uni-bamberg.de/jfr/index.php/jfr/article/view/21>. Acesso em: 28 set. 2025.

PWAVRA, J. B. P. et al. A qualitative exploration of balancing family, work, and academics among female graduate nursing students in a lower-middle-income country. **Scientific Reports**, v. 15, n. 1, p. 8216, 10 mar. 2025. <https://doi.org/10.1038/s41598-025-75461-0>. Acesso em: 18 mar. 2025.

RAPOPORT, Elena; VOLKOVA, Natalia V.; BARAJAS, Angel. Women and men in tech: Invisible barriers, gendered self-perception, and the social reshaping of work. **Technology in Society**, [S. l.], v. 84, 2026. Disponível em: [www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160791X25003069](http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160791X25003069). Acesso em: 4 jan. 2026.

RIMES, K. A Abibi, OLIVEIRA, M. I. C. ; BOCCOLINI, C. S. Maternity leave and exclusive breastfeeding. **Revista de Saúde Pública**, v. 53, p. 10, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/S1518-8787.2019053000244>. Acesso em: 18 mar. 2025.

ROCHA, Virgínia. DA TEORIA À ANÁLISE: Uma introdução ao uso de entrevistas individuais semiestruturadas na ciência política. **Revista Política Hoje**, Recife, v. 29, n. 1, p. 197-251, 2020. Disponível em: [https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/479/2023/06/Rocha-2020\\_compressed.pdf](https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/479/2023/06/Rocha-2020_compressed.pdf). Acesso em: 4 jan. 2026.

ROJAS GAVIRIA, P. et al. Motherhood in migration: schools as acculturation agents. **Consumption Markets & Culture**, v. 22, n. 4, p. 383–405, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10253866.2018.1512245>. Acesso em: 18 mar. 2025.

SALVAGNI, J.; LAGEMANN, V.; VERISSIMO VERONESE, M. A relação entre maternidade e trabalho no contexto de home office. **Revista Conhecimento Online**, v. 2, p.

95–116, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.25112/rco.v2.3323>. Acesso em: 18 mar. 2025.

SANTOS, Júlio C. P. dos. Sobre o conceito de poder simbólico em Pierre Bourdieu. **Revistas des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 13, n. 2, p. 131-150, 2024. Disponível em: [revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/903](http://revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/903). Acesso em: 4 jan. 2026.

SANTOS, L. L. dos et al. Retorno ao trabalho após licença-maternidade: vivência de mulheres trabalhadoras. **Trabalho (En)Cena**, v. 9, n. contínuo, p. e024002, 2024. DOI: 10.20873/2526-1487e024002. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/17144>. Acesso em: 18 mar. 2025.

SASTRE, C.; OLTRAMARI, A.; VACLAVICK, M. Trabalho e emprego: tensionando conceitos. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS SOBRE O TRABALHO – ENABET**, 16., 2019, Salvador. **Anais...** Salvador: ABET, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v.20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: [seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721](http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721). Acesso em: 4 jan. 2026.

SHAFI, E.; DEVADASON, E. S.; GOVINDARAJU, V. G. Exploring ‘Employee Voice’ of Informal Female Workers of the Textiles Industry in Pakistan: a grounded theory approach. **Jurnal Institutions And Economies**, [S.L.], v. 16, n. 2, p. 83-106, 1 abr. 2024. Univ. of Malaya. <http://dx.doi.org/10.22452/ijie.vol16no2.4>. Disponível em: <https://doi.org/10.22452/IJIE.vol16no2.4>. Acesso em: 16 fev. 2025.

SILVA, L. B. et al. Maternidade-trabalho: experiências emocionais ao longo da gravidez, licença-maternidade e retorno ao trabalho. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 22, n. 3, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/rpot/2022.3.23359>. Acesso em: 18 mar. 2025.

SILVA, Thilini D. De; BARBUTIU, Sirkku M.; WAKUNUMA, Kutoma; DHAMEETH, Gehan S. Empowerment Through Women Entrepreneurship: A Case from the Beauty Salon Sector in Sri Lanka. **Journal of Women’s Entrepreneurship and Education**, [S. l.], n. 1-2, p. 121-146, 2021. Disponível em: <https://library.iem.bg.ac.rs/index.php/jwee/article/view/1332>. Acesso em: 4 jan. 2026.

SOARES, A. D. C.; O’ DE ALMEIDA, G. S. A desigualdade de gênero no Brasil: um obstáculo para a concretização da meta 5.1 dos objetivos do desenvolvimento sustentável. **Revista Direito e Sexualidade**, v. 3, n. 1, p. 183–206, 2022. DOI: 10.9771/revdirsex.v3i1.45144. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/45144>. Acesso em: 18 mar. 2025.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of Qualitative Research**. Berlin: Lage

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre (RS): Artmed, 2008.

TAJFEL, H.; TURNER, J. C. **The social identity theory of intergroup behavior**. In: WORCHEL, S.; AUSTIN, W. G. (Ed.). **Psychology of intergroup relation**. Chicago: Hall Publishers, p. 7-24, 1986.

TITTONI, J.; NARDI, H. C. Subjetividade e trabalho. In: CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (Org.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006.

VARGAS, K. S.; FLECK, C. F.; SCHERRER, L. A.; MEDEIROS, I. B. de O.; LIMA, L. E. A. **Trabalho, organizações e pessoas: gestão de pessoas e relações de trabalho na contemporaneidade**. Bauru: Gradus Editora, 2024. 430 p.

VARGAS, K. S.; MOURA, G. L. Análise Sociológica do Discurso (ASD): os fundamentos teórico-metodológicos e a sistematização prática do método em um estudo sobre cultura de devoção. In: ENCONTRO DA ANPAD – EnANPAD, 44., 2020, Evento online. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2020.

VARGAS, K. S.; MOURA, G. L. DE. Theoretical-methodological foundations and practical systematization of sociological discourse analysis. **Revista de Administração de Empresas**, v. 62, n. 2, p. e2020-0945, 2022. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020220205>. Acesso em: 18 mar. 2025.

VILELA, N. G. S.; LOURENCO, M. L. Conflito trabalho-família: um estudo de casos múltiplos com mulheres trabalhadoras. **Pensando Famílias**, v. 22, n. 2, p. 52-69, dez. 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2018000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000200005). Acesso em: 18 mar. 2025.

WAHITU, F. H.; MUHAMA, G. Strategic human resource management: lived experiences. **SA Journal of Human Resource Management**, v. 23, 28 fev. 2025. <https://doi.org/10.4102/sajhrm.v23i0.2054>. Acesso em: 18 mar. 2025.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEEDEN, Kim A.; CHA, Youngjoo; BUCCA, Mauricio. Long Work Hours, Part-Time Work, and Trends in the Gender Gap in Pay, the Motherhood Wage Penalty, and the Fatherhood Wage Premium. **The Russell Sage Foundation Journal of the Social Sciences**, [S. l.], v. 2, n. 4, A Half Century of Change in the Lives of American Women, p. 71-102, 2016. Disponível em: [www.jstor.org/stable/10.7758/rsf.2016.2.4.03](http://www.jstor.org/stable/10.7758/rsf.2016.2.4.03). Acesso em: 4 jan. 2026.

XIAO, X. et al. Psychological entitlement and willingness to work in rural areas: the moderating role of organizational identification and professional identification. **BMC Medical Education**, v. 25, n. 1, p. 346, 6 mar. 2025. <https://doi.org/10.1186/s12909-025-02975-6>. Acesso em: 18 mar. 2025.

YAVORSKY, Jill E.; QIAN, Yue; GLAUBER, Rebecca. Workplace Productivity: Gender, Parenthood, and Career Consequences in the United States. **Gender, Work & Organization**, [S. l.], v. 33, p. 181-201, 2026. Disponível em: [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/gwao.70027?getft\\_integrator=scopus&src=getft&utm\\_source=scopus](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/gwao.70027?getft_integrator=scopus&src=getft&utm_source=scopus). Acesso em: 4 jan. 2026.

York: Aldene de Gruyter, 1967.

YSSELDYK, R. et al. A leak in the academic pipeline: identity and health among postdoctoral women. **Frontiers in Psychology**, v. 10, p. 1297, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01297>. Acesso em: 18 mar. 2025.

YUJONGDEE, Benjarat; THAYANSIN, Sawitri; KHAJORNCHAIKUL, Piyathida. A Comparative Study of Factors Affecting Family Well-Being of Single-Father and Single-Mother Families. **Journal of Population and Social Studies (JPSS)**, [S. l.], v. 34, p. 653-670, 2025. Disponível em: <https://so03.tci-thaijo.org/index.php/jpss/article/view/290907/190885>. Acesso em: 28 set. 2025.

ZAGEFKA, H. et al. Combining motherhood and work: effects of dual identity and identity conflict on well-being. **Journal of Child and Family Studies**, v. 30, n. 10, p. 2452–2460, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10826-021-02070-7>. Acesso em: 18 mar. 2025.

## APÊNDICE A – GUIA DE ROTEIRO DA ENTREVISTA – PRIMEIRO CICLO

EIXO	QUESTÕES
<p><b>TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E EXPERIÊNCIA NO TRABALHO</b></p>	Você pode me contar um pouco sobre a sua trajetória profissional?
	Como foi seu percurso até o momento da maternidade?
	O que mudou em sua rotina ou em sua relação com o trabalho depois da chegada do(s) filho(s)?
	Você sente que ser mãe afetou, de alguma forma, suas oportunidades ou decisões profissionais?
<p><b>SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO TRABALHO E À MATERNIDADE</b></p>	O que o trabalho representa para você hoje?
	O que a maternidade representa para você?
	Você sente que essas duas dimensões (maternidade e trabalho) entram em conflito ou se complementam?
	Em algum momento você sentiu que teve que “escolher” entre uma ou outra?
<p><b>IDENTIDADE SOCIAL E PERCEPÇÃO DE SI</b></p>	Você sente que sua identidade mudou depois que se tornou mãe? De que maneira?
	Em ambientes de trabalho, como você sente que é percebida por ser mãe?
	Há espaços onde você se sente mais à vontade para expressar todas as suas dimensões (profissional, mãe, mulher)?
	Já vivenciou situações em que sentiu que sua identidade como mãe foi desconsiderada, questionada ou valorizada?
<p><b>APOIOS, DESAFIOS E ESTRATÉGIAS</b></p>	Quais foram (ou são) os maiores desafios que você enfrenta na conciliação entre maternidade e trabalho?
	O que você considera como apoio fundamental nesse processo (rede, políticas, ambiente de trabalho, espiritualidade etc.)?
	Você já teve que criar estratégias para “dar conta” das exigências nos dois campos?
	Há algo que você gostaria que mudasse para tornar essa conciliação mais possível?
<p><b>SENTIDOS EXISTENCIAIS E AFETIVOS</b></p>	Quais sentimentos vêm à tona quando você pensa em sua rotina atual?
	Em que momentos você sente realização?
	Há algo que você gostaria de dizer que acha que nunca teve espaço para expressar sobre sua vivência como mãe e trabalhadora?
	Você gostaria de acrescentar algo que não falamos, mas que é importante para você nessa conversa?
<p><b>EIXO DE QUESTÕES SOCIODEMOGRÁFICAS</b></p>	Qual é sua idade?
Qual é sua formação acadêmica ou nível de escolaridade?	

	<p>Com que tipo de trabalho você está envolvida atualmente? (formal, informal, autônoma, desempregada, licença etc.)</p> <p>Qual é sua área de atuação ou profissão?</p> <p>Você tem quantos filhos? Qual a idade deles?</p> <p>Você mora com os filhos?</p> <p>Você conta com alguma rede de apoio no cuidado com os filhos? Se sim, quem faz parte dessa rede?</p> <p>Em que cidade/estado você mora atualmente?</p> <p>Qual é sua configuração familiar atual? (casada, solteira, união estável, separada, outro)</p> <p>Há quanto tempo você voltou ao trabalho após a maternidade (se aplicável)?</p> <p>Você é a principal responsável financeira pela sua família?</p>
--	---

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos objetivos específicos (2025).

## APÊNDICE B – GUIA DE ROTEIRO DA ENTREVISTA – SEGUNDO CICLO<sup>4</sup>

EIXO	QUESTÕES
<b>TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E EXPERIÊNCIA NO TRABALHO</b>	Você pode me contar um pouco sobre a sua trajetória profissional?
	Como foi seu percurso até o momento da maternidade?
	O que mudou em sua rotina ou em sua relação com o trabalho depois da chegada do(s) filho(s)?
	Você sente que ser mãe afetou, de alguma forma, suas oportunidades ou decisões profissionais?
<b>SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO TRABALHO E À MATERNIDADE</b>	O que o trabalho representa para você hoje?
	O que a maternidade representa para você?
	Você sente que essas duas dimensões (maternidade e trabalho) entram em conflito ou se complementam?
	Pergunta sobre maternidade como plano e temporalidade, se era um plano desde o início da vida ou se surgiu mais adiante, quando se sentiu mais estabilizada.
	Em algum momento você sentiu que teve que “escolher” entre uma ou outra?
<b>IDENTIDADE SOCIAL E PERCEPÇÃO DE SI</b>	Você sente que sua identidade mudou depois que se tornou mãe? De que maneira?
	Em ambientes de trabalho, como você sente que é percebida por ser mãe?
	Há espaços onde você se sente mais à vontade para expressar todas as suas dimensões (profissional, mãe, mulher)?
	Já vivenciou situações em que sentiu que sua identidade como mãe foi desconsiderada, questionada ou valorizada?
<b>APOIOS, DESAFIOS E ESTRATÉGIAS, COM FOCO EM RELIGIOSIDADE</b>	Quem ajuda, como ajuda, quando ajuda na tua casa? E como isso se conecta ao trabalho e ao cuidado?
	Teve alguma outra coisa, alguma política pública, alguma religião que ajudou no processo de rede de apoio?
	Como é que isso funciona? Tu é religiosa ou usou alguma igreja? Teve alguma coisa da família que te ajudou?
	**Se a participante trouxer pertença ou prática religiosa, deixar ela narrar com liberdade, como aparece no teu material quando a entrevistada descreve vínculo com umbanda e doutrina espírita.
<b>FECHAMENTO COM DESLOCAMENTO CONTRAFCTUAL SOBRE TRABALHO E CUIDADO</b>	Fechar com a pergunta contrafactual sobre a utópica escolha de ser “só mãe remunerada” nas primeiras fases e se teria desistido do trabalho.
	Seguir com “queria ter vivido integralmente essa maternidade?” e a pergunta sobre até que idade ou fase isso seria fundamental.
<b>EIXO DE QUESTÕES SOCIODEMOGRÁFICAS</b>	Qual é sua idade? Qual é sua formação acadêmica ou nível de escolaridade? Com que tipo de trabalho você está envolvida atualmente? (formal, informal, autônoma, desempregada, licença etc.) Qual é sua área de atuação ou profissão? Você tem quantos filhos? Qual a idade deles? Você mora com os filhos? Você conta com alguma rede de apoio no cuidado com os filhos? Se sim, quem faz parte dessa rede? Em que cidade/estado você mora atualmente? Qual é sua configuração familiar atual? (casada, solteira, união estável, separada, outro) Há quanto tempo você voltou ao trabalho após a maternidade (se aplicável)? Você é a principal responsável financeira pela sua família?

Fonte: Elaborado pela autora com base nos objetivos específicos (2025).

<sup>4</sup> As perguntas que foram adicionadas estão grifadas na cor roxa em seus respectivos eixos.

## APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

**Prezada participante**, eu, Maitê Guimarães Pinto, apresento a pesquisa acadêmica intitulada: "AINDA SOU EU, MAS AGORA MÃE! RECONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS NO RETORNO AO TRABALHO PÓS-MATERNIDADE". A presente pesquisa, de minha autoria sob orientação da professora doutora Carolina Freddo Fleck e coorientação da professora doutora Katiúscia Schiemer Vargas, trata-se de uma dissertação a ser apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA.

O **objetivo central do estudo** é: compreender como mulheres vivenciam e interpretam o processo de (re)inserção profissional após a maternidade, especialmente a partir das ressignificações de sua identidade social no contexto do trabalho. A escolha pela Teoria Fundamentada nos Dados permite construir uma análise ancorada nas experiências reais dessas mulheres, gerando conhecimento sensível às transformações que a maternidade provoca nas trajetórias profissionais e sociais. Trata-se de uma pesquisa relevante para ampliar o debate sobre gênero, trabalho e cuidado, com potencial de contribuir para políticas e práticas mais justas.

Você foi convidada a participar por ser mulher que vivenciou a experiência da maternidade enquanto manteve vínculos com o mundo do trabalho. Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma.

**Sobre a confidencialidade e privacidade**, serão tomadas as seguintes medidas e procedimentos para assegurar a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas: 1) Apenas as pesquisadoras do projeto, que se comprometeram com o dever de sigilo e confidencialidade terão acesso a seus dados e não farão uso destas informações para outras finalidades; 2) Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e seu nome será preservado, sendo que utilizar-se-á os códigos alfanuméricos "E1, E2, E3... ao decorrer das análises; e 3) o material coletado será armazenado em local seguro pelo período de tempo estipulado e, após, será descartado de acordo com as normas da Lei Geral de Proteção aos Dados (LGPD).

**Outras hipóteses sobre as garantias de anonimato, sigilo e privacidade**, esta pesquisa assegura o compromisso com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações compartilhadas. **Entretanto, por se tratar de técnicas de coleta como grupos focais e observação participante, não é possível garantir o anonimato absoluto**, uma vez que poderá haver contato entre as participantes e identificação indireta por meio de falas, contextos ou situações vivenciadas. A pesquisadora, contudo, compromete-se a preservar ao máximo a identidade das participantes em qualquer forma de divulgação dos dados, utilizando codinomes, letras ou números e omitindo informações que possibilitem o reconhecimento direto ou indireto. Caso alguma participante deseje que seu nome conste nos resultados da pesquisa, essa vontade será respeitada e registrada formalmente, mediante autorização expressa.

A participação na pesquisa poderá ocorrer em uma ou mais das seguintes etapas. Ao final deste Termo, você deverá assinalar, de forma voluntária, em quais delas concorda em participar:

**Duração das etapas:** O tempo estimado foi especificado separadamente:

- **Entrevistas individuais:** média de 40 a 60 minutos.
- **Grupo focal:** média de 90 minutos.

- **Observação participante:** Tempo variável, projeção de um turno (4h) por 1 (um) dia, com respeito total à jornada de trabalho da mulher observada.

Esta pesquisa assegura o compromisso com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações compartilhadas. Entretanto, por se tratar de técnicas de coleta como **grupos focais e observação participante, não é possível garantir o anonimato absoluto**, uma vez que poderá haver contato entre as participantes e identificação indireta por meio de falas, contextos ou situações vivenciadas. A pesquisadora, contudo, compromete-se a preservar ao máximo a identidade das participantes em qualquer forma de divulgação dos dados, utilizando codinomes, letras ou números e omitindo informações que possibilitem o reconhecimento direto ou indireto. Caso alguma participante deseje que seu nome conste nos resultados da pesquisa, essa vontade será respeitada e registrada formalmente, mediante autorização expressa.

**Em relação às etapas da pesquisa, descreve-se o que será solicitado à participante em cada etapa da pesquisa:** Na etapa de **entrevista individual**, você será convidada a conversar com a pesquisadora, respondendo a um roteiro flexível de perguntas relacionadas à sua trajetória profissional e vivência da maternidade. A entrevista poderá ser gravada (áudio), mas isso só ocorrerá mediante sua autorização expressa. Caso deseje participar do **grupo focal**, você será convidada a participar de uma roda de conversa com outras mulheres-mães, em que serão debatidas experiências relacionadas à maternidade e ao mundo do trabalho. A atividade será conduzida pela pesquisadora e terá duração aproximada de 1h30min. Sua identidade será preservada nas transcrições e análises, mas é importante destacar que, por se tratar de uma conversa em grupo, **não há garantia plena de sigilo entre as participantes**. E, por fim, caso tenha interesse em participar da etapa de **observação participante**, caso você autorize, a pesquisadora poderá acompanhar alguma atividade cotidiana sua (por exemplo, em um ambiente de trabalho ou outro contexto previamente acordado) para observar aspectos da sua rotina relacionados à experiência materna e profissional. A observação será não intrusiva e ocorrerá em horário e local combinados previamente. Nenhuma imagem ou som será registrado sem sua autorização. A descrição será registrada apenas por meio de anotações.

**O participante tem direito a sempre receber informações do projeto de pesquisa**, portanto, a qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

A pesquisadora se compromete a reembolsar eventuais despesas com transporte das participantes por meio da apresentação de comprovantes (como bilhetes de ônibus ou recibos de transporte por aplicativo), fixando o valor máximo de R\$ 25,00 por participante, conforme a necessidade. O valor será disponibilizado no momento da entrevista ou atividade presencial, sem exigência de antecipação pela participante. Além disso, nos encontros presenciais (entrevistas e grupos focais), será disponibilizado um ambiente acolhedor, com lanches (água, café, petiscos), itens de higiene (lenços, guardanapos) e infraestrutura confortável para garantir o bem-estar das participantes. Se houver algum dano, decorrente da presente pesquisa, você terá direito à indenização, através das vias judiciais, como dispõem o Código Civil, o Código de Processo Civil, na Resolução nº 466/2012 e na Resolução nº 510/2016), do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Todos os dados coletados (entrevistas, grupos focais e registros de observação) serão transcritos e armazenados em arquivos digitais protegidos por senha, com acesso restrito à

pesquisadora e às orientadoras. O material será mantido sob guarda por no mínimo 5 anos, conforme estabelecido pelas Resoluções CNS nº 466/2012 e nº 510/2016, bem como pelas orientações do CEP/Unipampa. Após esse período, os dados serão eliminados de forma segura, garantindo a confidencialidade das informações. Não haverá reutilização dos dados para outras pesquisas sem novo contato e novo consentimento específico por parte das participantes.

**Benefícios:** Os benefícios relacionados à sua colaboração nesta pesquisa são indiretos. Espera-se que sua participação contribua para a construção de conhecimentos científicos sobre a maternidade e suas interfaces com o trabalho, ampliando o debate público e acadêmico sobre as condições vividas por mulheres-mães no contexto profissional. Além disso, o ambiente de escuta e troca pode proporcionar um espaço de expressão e reflexão pessoal sobre experiências muitas vezes silenciadas socialmente.

**Riscos:** A pesquisa é considerada de risco mínimo, mas ainda assim podem surgir desconfortos emocionais ao abordar vivências sensíveis ligadas à maternidade, à identidade social e ao trabalho. Também existe o risco de identificação indireta das participantes, especialmente nos grupos focais e observações. Para minimizar esses riscos, a pesquisadora adotará postura ética, escuta acolhedora, uso de codinomes e a possibilidade de interromper a participação a qualquer momento, sem prejuízo algum. Em caso de necessidade, a participante será encaminhada para atendimento em serviços públicos especializados (Secretaria de Assistência e Inclusão Social de Sant’Ana do Livramento/RS). Essas ações estão alinhadas com a Resolução 466/2012 e orientações do Comitê de Ética de Pesquisa. As pesquisadoras garantem a assistência integral ao participante da pesquisa, conforme previsto na Resolução 466/2012: II.3.1 - assistência imediata: é aquela emergencial e sem ônus de qualquer espécie ao participante da pesquisa, em situações em que este dela necessite; e II.3.2 - assistência integral é aquela prestada para atender complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, da pesquisa.

Os **resultados da pesquisa** serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, como a redação da dissertação de mestrado, participação em eventos acadêmicos e publicações em periódicos. No entanto, isso não substitui o retorno às participantes, que será garantido por meio de uma devolutiva acessível e respeitosa. Ao final do estudo, será oferecido um resumo dos principais achados, elaborado em linguagem simples e enviado às participantes que desejarem. Além disso, será organizada uma roda de conversa aberta com as participantes e interessadas para apresentar os resultados e promover diálogo.

---

### DECLARAÇÃO FINAL:

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é redigido em duas vias de igual teor, destinando-se uma via ao participante e outra à pesquisadora responsável.

Todas as páginas do termo estão numeradas sequencialmente (ex: 1 de 4; 2 de 4) e rubricadas tanto pelo participante quanto pela pesquisadora, sendo que as assinaturas deverão constar na última página do documento, e nunca isoladas de seu conteúdo. O participante poderá entrar em contato com a pesquisadora principal, Maitê Guimarães Pinto, pelo e-mail: [maiteguimaraespinto@gmail.com](mailto:maiteguimaraespinto@gmail.com) ou telefone (55) 98457-6965.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unipampa. O Comitê é formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas.

Tel do CEP/Unipampa: (55) 3911-0200, voip 8025

E-Mail: [cep@unipampa.edu.br](mailto:cep@unipampa.edu.br) (Atendimento via agendamento por e-mail. O Atendimento pode ser presencial ou on-line).

<https://sites.unipampa.edu.br/cep/>

Endereço: Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592

Prédio Administrativo – Sala 7A

Caixa Postal 118 Uruguaiana – RS

CEP 97500-970

-----  
**Contatos das responsáveis pela pesquisa:**

**Pesquisadora responsável:** Maitê Guimarães Pinto |  
[maiteguimaraespinto@gmail.com](mailto:maiteguimaraespinto@gmail.com) | Telefone: [REDACTED]

**Orientadoras:**

Prof.<sup>a</sup> Dra. Carolina Fleck | [REDACTED] | Telefone: [REDACTED]  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Katiuscia Schiemer Vargas | [REDACTED] | Telefone: [REDACTED]

**Observação:** Em caso de dúvidas ou necessidade de esclarecimentos, a participante poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável por telefone, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar.

Sant'Ana do Livramento/RS, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2025.

\_\_\_\_\_  
Maitê Guimarães Pinto – Pesquisadora de campo

**Informo que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa intitulada “AINDA SOU EU, MAS AGORA MÃE! RECONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS NO RETORNO AO TRABALHO PÓS-MATERNIDADE” e concordo em participar:**

**ENTREVISTA:**

- ( ) Autorizo minha participação na entrevista.
- ( ) Não autorizo minha participação na entrevista.
- ( ) Autorizo a gravação da entrevista e autorizo o registro de imagem por foto e filmagem.
- ( ) Não autorizo a gravação da entrevista e nem o registro de imagem por foto e filmagem.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do participante da pesquisa)  
Nome do participante:

## APÊNDICE D – EXEMPLO DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM CONVENÇÕES SIMBÓLICAS

P: Deixa eu ver aqui. (~) Começando então oficialmente, ninguém vai ter acesso a essa gravação, só eu para fazer a transcrição. Pode ficar tranquila. Eu tenho um roteirinho de perguntas, mas ele é flexível, tu pode responder conforme quiseres. Se tu não se sentires à vontade, me avisa que a gente passa e aí a gente vai conversando. É para ser uma conversa mesmo. Não, não tem problema se alguma pergunta não for respondida e enfim, eu vou começar te perguntando umas questões mais sociodemográficas, tá?(~) Qual é a tua idade?

M: 46.

P: A tua formação ou o nível da escolaridade?

M: Veja (XXX), eu estava fazendo o primeiro e segundo ano (++)

P: O teu trabalho atualmente, ele é formal ou informal?

M: Eh, como eu sou uma profissional do sexo (-) ele é informal e também às vezes quando aparece, eu sou diarista, né? (-)

P: Uhum. Quantos filhos tu tens?

M: Eu tenho um, que é meu, e tenho um enteado (-) Dois.

P: Qual é a idade deles?

M: O meu tem seis e o outro tem nove. ((Moram contigo?)) Sim, moram os dois comigo.

P: Além dos teus filhos, quem mais mora contigo?

M: A minha companheira.

P: Eles têm alguma escolinha, babá? Como é que funciona essa dinâmica?

M: O meu, o meu, como ele fez seis anos esse ano, ele só entra o ano que vem na escola. Meu enteado não, meu enteado já está na escola.

P: Vocês moram em [REDACTED] mesmo?

M: Sim, agora eu moro no bairro [REDACTED], porque eu morava na [REDACTED]. E aí, como ficou aquela coisa de que a gente ficar procurando lugar para morar, eh, e tudo, a gente não conseguiu creche para eles, essas coisas, porque a documentação não batia e eu não conseguia me, eh, cadastrar no posto, porque deu uma complicação, porque você vem de outro bairro, você vem de outra coisa. Ali na [REDACTED] foi um Deus nos acuda. Quando eu consegui me cadastrar no posto (XXX), primeiro no CRAS, lá embaixo, e eu consegui fazer o cadastramento no posto dali do bairro, que é do (XXX), que se fala, né? Não tem nem três meses, porque eu passei uma burocracia para poder conseguir.

P: Imagino. [REDACTED], eu queria saber se tu teve alguma licença maternidade ou se tu não chegou a parar de trabalhar?

M: Eu não tive licença maternidade por ser autônoma (-) Então eu nunca ganhei licença maternidade, eu nunca ganhei auxílio para o meu filho quando eu estava doente. Nunca ganhei nada.

P: E tu é a principal, tu é a principal responsável pela renda da casa ou vocês dividem?

M: Não, a gente está dividindo agora, porque antes eu era a principal. Pra falar a verdade, como, como é que eu vou falar português bem claro? A responsável geral, geral no momento, mas é eu.

P: Entendi. Eu queria que tu me contasse um pouco sobre a tua trajetória profissional. Como que tu começou a trabalhar? Quais foram as tuas principais decisões para entrar nesse mundo de trabalho?

M: **Isso não foi uma escolha. Isso não foi uma escolha.** Quando eu comecei a trabalhar, eu trabalhava em casa de família. Aí era lá na minha cidade. Então, eh, como eu sempre pergunto para a [REDACTED], sempre falo para a [REDACTED]: “**Porque naquele tempo que a gente trabalhou aos oito, aos nove anos, a gente não tinha direito a salário?**” (-) E aí, aos 15 é que eu fui para a rua, aos 13. **Porque começou uma coisa acontecer dentro da casa da minha patroa, era o meu patrão, o irmão da minha patroa, e quando ela estava dormindo que ia lá para a cama da gente** (+) Então não começou na rua, começou já dentro da casa da minha patroa, e eu comecei a ir para a rua. Então eu passei por bastante coisas. **E aí eu aprendi de onde vinha o dinheiro.** Eu falei não, eu não podia ficar passando por aquilo. (+) Entendeu? Eu vim de uma família muito sofrida, que eu não tive ela. Então eu já venho desde nova também. Meus irmãos passava a necessidade, era eu que ia atrás. ((*Quantos irmãos tu tinha?*)) Quatro. Amiga, é quatro. Mas eu não conheço eles, eu conheci só o meu irmão depois de grande. (-) E as outras eu não conheço, eu não tenho afinidade. E não tenho afinidade nem com pai nem com mãe, porque eu não conheço a minha mãe assim de cara a crachá, quando eu vi ela eu já era maior. Entendeu? Então... (-)

P: E tu sempre pensou em ser mãe? Sempre foi um sonho?

M: Sempre, sempre quis ser mãe. E aí eu carreguei uma coisa comigo muito na vida, que eu disse o dia que eu fosse mãe, Deus me abençoasse, **eu não ia ser para o meu filho, o que a minha mãe foi para mim.** Não importava o que eu passasse na vida, mas meu filho ia ter a mãe dele ali. aos trancos e barrancos, mas ia ter. Quando eu engravidei do [REDACTED] é que veio os problemas (-) Eu perdi meus movimentos, eu fiquei sem casa para morar. Eu fiquei internada no hospital por muito tempo (-) E aí, quando eu comecei, eu comecei a recuperar, né. Eu fui morar com uma amiga, né, que se tornou minha comadre. E aí, QUANDO EU ACHEI QUE JÁ ESTAVA PIOR, PIOROU MAIS AINDA e foi quando é que ela quis tirar o meu filho, porque eu adoeci, Eu Não tinha, Eu Não estava conseguindo pegar o meu filho, entendeu? Não tinha agilidade de pegar o meu filho e eu estava começando a ficar no alto do delírio, começando a esquecer as coisas (-) e levou um tempo para as meninas me achar, porque às vezes eu recordava e às vezes eu não recordava. E um dia uma enfermeira passou lá, fazia um tempo, a enfermeira passou lá e perguntou para mim se alguém podia me ajudar. E eu com medo, na hora, eu não falava. E a enfermeira pediu um copo d'água (-) E ela disse “tá tudo bem?” (-) E eu só fazia ‘*assim*’ com o olho e ela “Tem alguma coisa de errado. Aperta a minha mão.” E eu consegui apertar a mão dela, porque eu já estava assim. E aí, quando eu comecei a conseguir falar, ela disse assim: “Quem é que eu posso buscar para te ajudar?” **E eu só lembrava do [REDACTED]** (++) “Elas vão acreditar no que eu estou falando. Elas me conhecem, elas sabem quando eu estou mentindo, quando eu não estou, quando eu quero fazer um tumulto, quando eu não quero, só elas conhecem o jeito que eu minto ou não.” E aí elas foram à caça do [REDACTED] para poder me tirar dali. Eu estava numa situação muito precária. Tinha tudo, entendeu? Meu filho era um príncipe, mas eu, *um-um*, eu estava jogada mesmas traças ali, pra morrer. Vamos falar português, claro. “Se morrer, está tudo bem.” Entendeu? A criança estando bem era o que importava. E eu também fazia qualquer coisa para o meu filho ter um lá para morar. Eu não

estava preocupada também muito comigo, eu estava preocupada com ele para ele não ir para um abrigo, para ninguém levar, porque a tortura psicológica que eles faziam era (+) DESESPERADORA.

P: Teu filho conta só contigo na questão de paternidade não, não existe também, não tem apoio?

M: Ahn, é só comigo.

P: E quando tu conheceu o [REDACTED], [REDACTED] ?

M: AH, eu conheci quando a gente era muito maltratada ali na volta do mercado público, entendeu? Os seguranças ali, quando a gente sentava lá dentro, eles jogavam a gente na rua. E aí eu era uma, vamos dizer assim, de santa só tinha cara mesmo. Aí eu dizia para eles “Eu vou sentar lá dentro!” e eu sentava. E eles pegava nós, jogava nós lá na rua de novo, e eu dizia assim “Mas comigo que não vai fazer isso, não!” (-) Sentava de novo lá onde não podia sentar. Aí, quando os outros estavam limpando, eu era MUITO querida. E quando eu jogava a gente na rua, eu via o balde de água suja, assim, quando esperava, quando eles ‘judiava’ de nós, eu comecei a revidar (-) Eu achava aquilo injusto, que a gente não tinha necessidade de passar aquilo. Era só pedir licença, “Oh *guria*, agora dá uma voltinha.” Não, eles ‘pegava’ nós pelo braço e jogava nós na rua. Aí eu comecei a jogar vassoura, balde, o que eu achava no meio do caminho, eu jogava neles. Aí as meninas falavam, apresentaram o [REDACTED] e eu dizia, “Ai, coitada dessas mulheres nem sabe o que é ‘sê’ puta.” (XXX) elas não sabem nem o que eu tô passando aqui, vem aqui dar lição de moral. Era assim a minha cabeça, entendeu? E a (XXX) foi indo pelas beiradas, a [REDACTED] já era, já, eu não sabia que a [REDACTED] era do ramo e a [REDACTED] foi indo, me olhando, as outras também, que era do ramo, me olhando, e ela só olha para mim “Tu sabe como é que é se defender?” Eu, sabe o que é isso? Eu digo “EU SEI, eu joga água neles, eu joga, eu tô me defendendo, eles estão ofendendo nós” (-) vocês não estão fazendo nada, disseram para nós “Vai na reunião que tu vai ver o que a gente vai fazer.” Eu dizia, EU VOU NADA. Elas são igualzinho a eles, só falam. E aí um dia, lá estava onde? [REDACTED] no Postinho. Deixando a quem [REDACTED], tinha que mandar alguém para [REDACTED]. Elas estavam no andar de cima no Mercado Público, foram resolver, chegaram lá, tiraram todos os meninos que estavam no Postinho. E aí eu falei “Tá. Eu não tenho escolha, eu tenho que aprender como se defende sem estar indo pro fim, sem estar expondo a gente que a gente precisa trabalhar.” E eles não deixam, a polícia não deixava, os guardas não deixavam. Eu falei aquilo na minha cabeça era muito ruim, porque eu não entendia mesmo, né, *guria*? Não entendia. **E eu achava muito, muito ruim as pessoas nos olharem, assim, como se fosse bicho.** Eu dizia “**Mas não é ela que está apanhando aqui, não é ela que está sendo jogado pela rua. O que essa pessoa entende?**” Aí eu comecei a vir nelas e elas começaram a me ensinar “Vai lá, [REDACTED], vai trabalhar agora para ti ver como é que vai dar certo”. Aí eles falavam, dá licença, eu saía e as *gurias* não. Eles começaram a falar “Dá licença” pra mim, pra as outras, eles paravam do lado. Eu falei “*Gurias*, quando eles pediram licença, levanta.” “AH, mas eles estão nos seguindo.” “Não se preocupe, daqui a pouco a gente resolve.” Eram uma e duas. Eles começavam uma semana. Eu acho que eles nunca viram eles trocavam tanto de vigilante ali no mercado. Pode trocar. Até eles colocavam uma vigilância que conseguia lidar com a gente. Porque eles lidavam com a gente numa boa, uma semana, duas. DAQUI A POUCO, eles (XXX), jogando ‘*nóis*’ na rua. E, eh, até que teve audiências, teve conversas, teve reuniões. E aí eles começaram a entender também que tratar a gente daquele jeito não era a

solução. Eu dizia pra [REDACTED] “[REDACTED], eu tô cansada” (-) Ela dizia “[REDACTED], a gente vai resolver.” Eu dizia, vamos conversar, vocês são cidadã. A gente não tá dando. Às vezes eu ficava chorando de raiva. Quando eu chorava de raiva, eu perdia a paciência e deu, SÓ FAZIA BURRADA (++)).

P: E foi mais ou menos em qual ano, [REDACTED], que tu conheceu o [REDACTED] e teve toda essa experiência?

M: Ahn, já tem uns 20 anos, foi lá no ano 2000, 2000 e pouco (-) É mais ou menos isso, porque eu não via quando eu comecei a vir. Eu vinha sempre pelas (XXX), sempre. Eu vinha sempre, mas eu não conversava com elas, eu observava.

P: Seu filho é [REDACTED], né? Em que ano [REDACTED] nasceu?

M: 2019.

P: 2019. E eu queria que tu me contasse o que tu sentiu. Claro, a maternidade por si só deve ser uma experiência muito doida. Eu ainda não sou mãe, mas eu queria que tu me contasse o que mudou assim drasticamente na tua rotina com a maternidade.

M: **Tudo, menina. Tudo, tudo, tudo, tudo.** Olha, eu sei que ser mãe parece fácil, mas ‘né não’. É não, menina, porque você tem que se programar tudo o que tu vai fazer todos os dias. E o [REDACTED], eu sou tão apegada ao meu filho, que até para largar ele com os outros agora, por tudo o que eu já passei, eu fico com aquela adrenalina, né? Como eu estou sem celular e o meu quebrou na enchente, eu fico com aquele medo de que alguma coisa dê errado. **Eu tenho confiança e não tenho.** É porque eu falei, é uma sensação que eu nunca pensei que, nós que aprendeu, que eu disse ser mãe é fácil ser mãe do filho dos outros, mas quando é do seu, eu tenho um amor condicional. Isso aí é uma coisa que você sente, não tem como competir. Eu falei, é amor, é amor mais que qualquer amor na vida, é amor de mãe. e o meu que eu posso fazer por ele, o que eu posso dar para ele, o que eu posso não deixar faltar para ele. Eu não deixo, menina. Eu não deixo se tiver chovendo, se não tiver chovendo, se tiver frio, se não tiver frio, eu estou na rua batalhando, poder dar as coisas para ele, para dar um teto, né? (-) Para poder não deixar faltar o que comer. E todo mundo acha que quem pega Bolsa Família pega rios de Bolsa Família, eu pego 600 ‘real’, menina. 600 ‘real’. Meu aluguel é 800. Eu pago água e luz. E aí tem que fazer o ‘rancho’. Entendeu? Então, o que eu ganho de Bolsa Família não paga nem o começo, só paga. A entrega, vamos esse aluguel é 700, aí eu dou 600. Ainda falta 100 do aluguel para completar. Eu já fiz as contas no lápis, mesmo eu não trabalhando de carteira assinada, dá um e 500 no mês na ponta do lápis e tem vez que a gente trabalha bem, tem vez que a gente não trabalha nada, tem vez que tu não ganha ‘1 real’, gurria, se tu ganha 50 ‘pila’ é aquele ali. E aí tu tem que virar de qualquer forma. Se aparece faxina, se aparece ‘bico’, de todos os jeitos, **porque a criança não espera**. A criança sente fome, ele não espera, ele não sabe. Ai, que você não tem o dinheiro, ele não entende ainda. Ele entende que ele tem, eu estou com fome, cadê meu leite, cadê meu pão? E o meu tem uma mania muito, muito minha. Ele pergunta cadê o ovo dele? Quando não tem a carne, ele pergunta cadê o ovo? **Eu digo “Bah, pelo menos o ovo eu tenho que ter.”** (-) Ele sabe que não tem a carne, mas o ovo, ele ama. Então eu sempre mantenho, **sempre quando dá**, eu levo duas cartelas de ovo para você. Quando acontece um imprevisto, ele fala meu ovo, meu ovo ‘cuzido’, meu ovo ‘fito’. Até o meu filho tem uma condição assim que eu digo, eu sou uma mulher vitoriosa, porque eu não deixo faltar. Entendeu? E às vezes eu digo que o [REDACTED], nessa história, que a gente é

prostituta de rua e prostituição fala que não importa, o [REDACTED] faz uma diferença. Aí você fala por que que elas fazem a diferença? Porque às vezes a gente vem aqui, né, buscar a camisinha, né, conversar sobre a saúde, precisar de encaminhamento (-), né, e a gente explica, elas encaminham, elas marcam. E quando eu chego no posto, aí eu fico assim, eu vou imitar até como é que eu fico para poder falar com a moça do posto. “Eu gostaria de uma consulta”, aí a moça fica me olhando e eu quero falar para que é a consulta. “Eu queria um clínico geral” e a mulher fica perguntando “O que tu tá sentindo?” Aí tu quer falar “olha, eu estou com dor aqui embaixo da barriga.” Né, aí tu fala assim “Tô com uma ardência que eu preciso explicar.” E aí ela já olha para nós assim, já sem, né, nem sem saber. Já olha com aquele olhar de (XXX) “A senhora fez alguma coisa sem camisinha?” Às vezes, pergunta isso no posto. Aí você já fica ‘meia no constrangimento’, né, “Querida, estou pedindo um clínico, eh, eu não quero, não quero que você pergunte o que eu tenho, porque aí, eh, eh, é complicado” (-) mas aí a gente fica constrangida, porque às vezes é um questionamento,

P: Claro.

M: E o [REDACTED] não. O [REDACTED] pergunta, você está com alguma dor ou com alguma coisa? Não pergunta mais que isso, então você vai. A gente vai ali no Presidente Vargas, no quinto andar, pede assim a doutora, que aí eles vão fazer um check-up em ti e você vai saber o que tu tem.

P: É uma rede bem legal e fundamental para esse momento, né?

M: É fundamental, porque elas não perguntam, elas já vai direto, tu pega aqui o encaminhamento, elas ligam para o Presidente Vargas, pega aqui o encaminhamento, vai lá no quinto andar, que tu já vai ser atendida, e aí você conversa com a médica o que está acontecendo, não sei o que. **Eu digo aqui não é só uma rede de apoio para profissionais do sexo, é que é uma rede onde as profissionais do sexo mal ou bem, querendo ou não, compreende o que uma outra passa. Porque que elas fazem (-) Elas conversam com a gente para a gente entender.** Cada uma de nós tem seus altos e baixos, todas nós conseguimos trabalhar com a nossa profissão, né. **Porque ser prostituta não é crime**, porque para muita gente ainda continua essa coisa de que é crime. E fala que a gente está tirando o direito da mãe, o direito de um, o direito do outro. NÃO, a gente não está tirando o direito de ninguém. **A gente está vendendo que é nosso corpo, para poder sustentar o que? Nossa casa, sustentar o que? Nossos filhos, pagar o que? Nossas contas, porque a gente também tem isso.**

P: E [REDACTED], queria entender também se tu acha que de alguma forma, quando tu te tornou mãe, as tuas oportunidades, o teu trabalho, ele foi afetado por essa escolha. Tu teve que mudar algumas coisas. Eu não sei como funciona o teu turno de trabalho também. Se tu pudesse me explicar, eu sou bem ignorante nesse sentido. Eu não sei assim, tu diz que trabalha na rua, né? Aí tu vai de noite ou de dia? Como é que funciona?

M: Eu venho de dia.

P: (XXX)

M: Com a chegada até as três. Até as três, às 15h da tarde. Aí como eu tenho alguém que reveza comigo, que a pessoa sai, a gente faz um, essa pessoa não é da minha profissão, tá? Um dia eu tô na rua trabalhando e no outro dia essa pessoa tá trabalhando vendendo as balas ou fazendo a faxina ou capinando um pátio, entendeu? Então a gente reveza nos dias que ela tem o trabalho dela. Mas tirando isso, a maioria das vezes sou eu que tô na rua. E eu que sou a profissional de

sexo, sou eu que sou a prostituta, sou eu que me viro. E não é assim que a gente arrumar dinheiro, como todo mundo acha que a gente arruma dinheiro da noite pro dia. Aí no segundo a gente ganha 3, 4 mil, não é assim. A gente não ganha isso. Mesmo se a gente ganha 500 reais num mês, É MUITO. Entendeu? Se a gente chega a ganhar às vezes um mês bom, a gente chega a ganhar 800 ‘pila’ por mês. Num mês bom. Não é assim que nem as pessoas pensam. A gente tem gente que chega na rua que nem eu. Agora é 11h23 da manhã. Ontem eu cheguei no centro para ver se arrumava alguma coisa 8h da manhã. Eu saí de casa às 7h. **8h eu estava aqui no mercado**. Eu saí do mercado às 16h00 porque eu tinha que pegar o menino no colégio, entendeu? Enquanto a outra estava vendendo bala (+) Então não é uma coisa que as pessoas acham que é uma coisa fácil, não é. É muito difícil. Porque muitas vezes a gente não ganha nada. É um monte difícil. Não é aquela coisa de cinema que se vê na televisão, não é aquela coisa de cinema que se vê não. **Tem que viver a realidade mesmo da prostituta da rua**. Não é aquela coisa de "ai, porque é a do site", não. As meninas todas nós temos cada uma das suas metas, cada uma das suas vidas, e todas ‘nóis’ trabalha muito difícil. As meninas do site, as meninas da rua, as meninas das salas, todas ‘nóis’, GENTE, ISSO É MUITO CANSATIVO. O emocional da gente às vezes está muito esgotado. Mas a gente está sempre com um sorriso no rosto para conversar, para interagir, ou então quando a gente está quase explodindo (-) coitada das gurias do [REDACTED], ‘nois’ vem pra cá. Aí elas olham assim, “Vamos tomar um cafezinho? Vamos conversar? O que que houve?” Eu falei, a psicóloga, **elas acabam se tornando nossas psicólogas**. Ela acaba se tornando as famílias que a gente não tem, entendeu? **Porque se isso aqui não existe, isso aqui acaba**. Se ficar por conta assim de como é que eu posso te explicar? (#) **É uma coisa que eu não consigo explicar agora** (#) Eu falo, **isso aqui é um lar**. É uma ONG que respeita o espaço da profissional, entendeu? Ahn, é uma ONG que dá atenção a todas as mulheres e sem elas, por exemplo, se, eh, eh, se eu não tivesse frequentado aqui elas um dia na vida, ninguém nunca ia saber que o que eu passei. **Ninguém sabe que eu existo mais além delas, entendeu?** Por isso que eu digo, quando alguém fala assim, a Bertano faleceu, se frequentou o [REDACTED], é uma guria da ONG, não tem um parente, elas pelo menos vai lá e vê, reconhece, entendeu? **Não vai ser enterrada como uma indigente porque alguém se importou** (-) Elas cuidam da nossa saúde, elas cuidam da prevenção. Então isso aqui não é só uma ONG, isso é uma família, é uma rede bem grande, pode não aparecer, mas quando tem reunião, tem muitas mulheres aqui e você fica ‘abobada’ de ver.

P: Que projeto lindo, né? É, tu já levou o [REDACTED] no [REDACTED]?

M: JÁ, porque eu digo para o [REDACTED], vamos lá ver as ‘dinda’ que nos salvou a nossa vida. E quando ele chega aqui, ele bota fogo no parquinho.

P: Adora ir?

M: Adora. Aí ele quer ver a dinda [REDACTED], quer ver a dinda [REDACTED]. E ela sempre dando atenção, não importa se é para mim, mas ela deu para outras, sempre elas dão, porque elas conhecem os nossos filhos. ((Uhum)) Entendeu? E elas se esforçam muito para manter o trabalho em pé para manter a ONG em pé. É voluntariado, gente. Elas se esforçam muito para manter isso em pé.

P: E tu começou a ser voluntária no [REDACTED] também. A [REDACTED] me falou que tu, começou. E aí, como é que é essa experiência do voluntariado aí? O que tu faz?

M: Eu arrumo os preservativo. E a gente coloca os preservativos nos saquinhos.

P: Ai que lindo cuidado, né?

M: A gente coloca nos saquinhos, coloca no gel também nas sacolinhas. Antes a gente dava nas caixas, mas aí as gurias tava dizendo que na caixa é muito, ahn, visível. Então a gente colocou de uma forma para que não incomodasse elas, só que tem que sair daqui com caixa embaixo do braço. Entendeu? Então a gente coloca na sacolinha ((nesse momento, a entrevistada começou a mostrar os itens que manuseava no trabalho voluntário)) e coloca na coisinha que dá para elas e elas coloca dentro da bolsa, porque fica mais fácil (-) E aí a gente anota os nomes, os nomes de trabalho. Tem o nome de trabalho aqui num, em cima e o nome da rua que a gente usa.

P: E eu queria saber o que o trabalho no geral significa na tua vida? Ele é alguma coisa que te realiza ou ele é uma forma de existir, assim, de tu sobreviver?

M: A prostituição?

P: (~)A prostituição. (~)

M: **É o meu trabalho**, porque é da onde eu me sustento, sustento a minha família, meu filho, **principalmente** meu filho. É uma forma de onde eu tiro meu sustento, porque... (-) **Trabalho, menina, trabalho. É uma coisa que eu sonho, de verdade, em ter um de carteira assinada. Mas aí quando você fala a sua idade, quantos filhos tu tem e o grau de escolaridade, você vai ficando para o fim da fila, sabe? (+) Você sempre é a última da fila. Se alguém desistir, eles te dão uma vaga. Aí como eu queria que eu falo o tempo todo isso, as pessoas falam muito de inclusão, mas é só na fala, que na realidade a inclusão EU NÃO VEJO MUITO NÃO.** Eu não vejo muito essa história de inclusão, porque quando inclui, você dá oportunidade para qualquer pessoa que vai te procurar. E você sabe no olhar, no conversar que aquela pessoa está mesmo precisando e está te pedindo uma chance. E você passa a chance para outra pessoa. É por isso que eu trabalho de faxineira e eu fui no boca a boca, eu consegui três no boca a boca. Mas graças a Deus, pelo menos desses três aí, eu consegui ficar com dois, porque o outro a senhora viajou mesmo e ela não voltou mais para o Sul.

P: E além do [REDACTED], em que lugares tu te sente mais acolhida e que tu sente que toda a tua vivência é respeitada?

M: Ah, dentro da minha casa (++) É na minha casa, porque na rua a gente é respeitada porque eu já disse que na rua, quando a gente se impõe, as pessoas vê, que você sabe o que está falando ou tem medo porque acha que tu vai fazer um barraco ou porque acha que a gente intimida pelo tom da voz. Eu digo "**Não, a gente nem intimida, a gente aprendeu a falar.**" Se fosse em outro tempo, eu não falava mesmo. Ah, 'bem capaz', que eu ia perder meu tempo discutindo contigo, a garrafa já tinha voado longe. Hoje, MEU DEUS, hoje eu olho, eu converso, eu digo "Tá, vou dar uma volta" (-) Quando eu vejo que a pessoa não está entendendo. Aí quem dá a volta em vez de ser a pessoa sou eu. Já **aprendi a sair da cena**. Já aprendi a dizer aquela coisa assim "Daqui a pouco eu volto aí."

P: Para espairer um pouco?

M: Sim. (-) Elas, que nem eu diz, **as meninas ensinam que a gente é cidadã e as outras pessoas têm que entender** (-) E às vezes a gente, a gente mesmo não entende, por mais que queira, quando as pessoas fica te, um-um, tu não te sente bem. Mas graças a Deus eu me sinto aqui, eu me sinto em casa, como se eu tivesse em casa. Eu leio, aperta a campanha, a gente atende, a gente aqui todas 'nois' faz uma coisa, cada uma faz uma coisa.

P: Tu me falou o que o trabalho significa para ti, né? Agora eu queria saber o que a maternidade significa para ti.

M: Ah não, aí já é outro ponto, já é meu ponto maravilhoso, é uma benção. Aí já é uma benção. Aí você já tocou num ponto assim que eu digo, MEU FILHO VALE CADA SEGUNDO, cada momento. Eu digo, hoje eu trabalho, eu vi, eu digo, **eu não trabalho para mim, eu trabalho para ele.** É para ele, para ele ter um pouco de felicidade, estrutura, porque nós pensamos muito em estruturar a família, né? Se você tem uma casa, você tem que ter a responsabilidade de manter aquela casa. Então, meu filho é tudo, tudo, tudo, tudo, tudo. Isso aí não tem nem que fazer. Faço qualquer coisa por ele.

P: Lindo. E no teu meio de trabalho, tu sentiu algum preconceito, alguma coisa por tu ter tornado mãe? Especificamente, assim?

M: Ahn, não, no começo é complicado, porque as pessoas acham que, como eu tenho um outro lado, **eu sou uma menina bissexual, que é assim que vocês falam,** eu sou casada com uma menina, então para as pessoas, quem é casada com uma menina não pode ter filho. **E eu digo, não, ter filho é uma escolha de qualquer pessoa.** Não interessa se eu seja casado com homem, com mulher. É uma escolha minha, é uma escolha de qualquer ser humano que quiser ser mãe. **O parceiro que casar, que aceite. Quando uma mulher decide o que ela quer, ela sabe o que quer.** Não pode se o parceiro quer, tu quer ir embora, vai, tchau. **Eu vou ser mãe e deus.** Eu acho que a gente tem um livre arbítrio para tudo. Então eu não dou muito assim. Se os outros me falaram, não dou assunto para isso não. **Eu corto na hora, porque eu sei o que eu fiz, eu sei o que eu escolhi.** E eu **ESCOLHI ser mãe.** Independente do meu trabalho, independente do... Eu escolhi ser mãe. Eu amo ser mãe. Eu falei, eu quero dar para o meu filho tudo que eu não tive na vida.

P: Em que momentos que tu te sente mais realizada como mãe? Quando ele aprende alguma coisa? Como que é essa dinâmica assim?

M: **É quando eu chego em casa e às vezes ele olha para mim e diz: "Mãe, sabe o que eu vi hoje na televisão? Uma moça com o cabelo igual ao teu."** "Mãe, hoje eu vi ela dançando igual tu dançou aquele dia a música." E aí ele canta às vezes um pedacinho, não sabe nada (XXX). Ele adora, ele adora. É uma coisa muito dele, ele adora tudo que você, de novo, que você apresenta. Por isso que eu digo, gente, não apresente nada para o [REDACTED] que é novo, porque aí ou ele quer aquilo que tu apresentou, ou ele chora para a mãe 'dá'. E aí eu brinco muito com ele e falei "Tu acha que tua mãe é banco?". E ele veio bonitinho e responde para mim. "Não, banco não, mas o [REDACTED] pode ganhar, né? O aniversário do [REDACTED]." Eu digo "O aniversário do [REDACTED] é só o ano que vem."

P: Quando é que é o aniversário dele?

M: Ele fez dia 28 de junho.

P: Ah, faz pouco.

M: Fez, faz pouco. Recém fez seis anos. Mas para uma criança da idade dele que é recém, seis anos, parece que tem nove.

P: Assim que é bom, né? Tá saudável.

M: Menina, é muito esperto.

P: Vocês viveram esse período da enchente, então, nessa

M: Nossa, período da enchente não dá nem para falar. Porque foi muito dolorido (++) . Eu já tinha perdido na primeira.

P: Meu Deus.

M: A gente já não tinha nem para onde ir na primeira. Na segunda, então, a gente ficou de casa em casa até achar um canto. Aí quando a gente achou um canto que a gente mobiliou, um dia que eu saí para trabalhar na casa de uma senhora que eu tinha arrumada lá no Jardim Algarve, quando eu voltei de noite no trabalho podre e de cansada, minha caixa tinha sido arrombada.

P: Meu Deus!

M: Eu levei um mês para poder mobiliar uma casa, eu levei em menos de um mês para ser roubada (+) Aí levaram tudo (#)

P: E nesse período da enchente, como que foi a questão do trabalho? Eu imagino que não deu para trabalhar, né?

M: Não, fiquei parada, virei voluntária lá no [REDACTED].

P: Tu foi voluntária?

M: Lá no [REDACTED]. Virei voluntária por um tempo, aí lá eu. Também consegui a comida, a roupa, essas coisas.

P: Estava vivendo a enchente como uma vítima, como a pessoa que tinha perdido e ainda foi voluntária.

M: Fui. No [REDACTED] fui voluntária.

P: Tu é bem envolvida com o voluntariado, tu gosta? Tu considera que seja um trabalho?

Tu considera que o voluntariado é um trabalho?

M: Eu acho que é, mas aí você tem que sentir que tu quer fazer. Não é aquela coisa que alguém vai lá e te obriga a fazer, não, é aquela coisa que tu faz de coração. (-) Então acho que é sim.

P: Legal. E quais são os maiores desafios na tua rotina diária, assim, para conciliar a ser mãe do [REDACTED] e ser uma trabalhadora sexual?

M: Maior desafio? Eu acho que eu sempre eu falo isso o tempo todo. O maior desafio é, hum, ahn, eh, não passar necessidade. Esse é meu maior desafio, nunca passar necessidade (-) nunca chegar no limite, entendeu? E isso a gente vive essa adrenalina todo dia em não chegar no limite. A mãe do [REDACTED] tenta não chegar no limite todo dia. Quando tu chega no limite, a gente fica em pânico. **E quando uma mãe chega no limite do pânico, ela faz, ela faz burrado, ela faz ‘merda’. A gente que é mãe, a gente faz ‘merda’. Ainda mais quando a criança é pequena, quando a criança é grande, eu já acho bem diferente. Mas quando uma criança chega até os 10 anos, vamos dizer assim, até os seus 15 anos. A gente faz ‘merda’. A gente não pode chegar no limite.** A gente tem que ter a cabeça centrada e procurar mantendo. E sempre ter um lugar de apoio para poder, eh, pra poder, eh, não fazer besteiras, porque a vida coloca muita coisa ruim no nosso caminho. A gente faz, sim, por causa de um filho, a gente faz muita burrada, se deixar. Se não tiver cabeça (++)

P: Pode falar.

M: Se eu não tiver cabeça, você faz sim. No auge do desespero, tu faz muita burrada. Então, eu já disse, eu não faço burrada porque eu acho que eu aprendi a pensar muito no próximo. Eu aprendi com elas ver a necessidade do outro. (+) Então, isso me complementa um pouco. Eu penso duas vezes, eu digo, antes da burrada, o outro tá pior que tu (++)

P: O que tu acha que é chegar no limite? Tu conseguiria descrever, assim?

M: **No limite é quando você já lutou de todas as formas.** Tu já procurou uma faxina, tu já procurou, ahn, um panfleto, tu já procurou em (XXX), tu já procurou de tudo, entendeu? E nada, ninguém te deu aquela oportunidade ou (+) ninguém se importou. Aí tu já fala, **eu tentei, ninguém me ouviu, eu tô no meu limite.** E quando tu chega nesse limite, assim, de achar que ninguém se importa, assim, você faz muitas burradas na vida.

P: Tu sente que já chegou nesse limite em algum momento?

M: Ih, nem um, em vários, em vários, **mas eu tenho dom de olhar para o [REDACTED]**. Eu olho muito para o meu filho, eu digo, não, eu posso estar no meu limite assim, a ponto de surtar, mas eu penso muito nele. E aí eu vou me controlando, eu vou me esforçando, eu vou achando outros meios, outras saídas sem cometer burradas (++). Aí às vezes aí é muito bom. Tá aqui, aí eu venho para cá. Quando eu tô estressada, eu venho para cá.

P: (~)O que tu considera como apoio fundamental na tua rotina? Assim, tu falou bastante do [REDACTED], eu imagino que ele seja fundamental. A gente até falou que é fundamental, né? Mas além do [REDACTED], o que mais tu acha que é que tu não abriria mão de forma alguma para continuar existindo enquanto um sujeito [REDACTED], mãe do [REDACTED], sabe, além da profissional?(~)

M: O que eu não abriria mão? De ter um trabalho. De continuar meus estudos, (-) porque eu comecei e parei. Acho que eu não abriria mão.

P: Pretende seguir estudando?

M: Pretendo, (+) eu pretendo, mas daí tem que ir devagarzinho novamente.

P: E o [REDACTED] está te ajudando em relação a isso também?

M: Quando eu tinha meus, eu estudava de noite, aí quando eu tinha tema para fazer, eu sentava aqui, eu não entendia, era só, ah, não entende isso aqui, eu não aprendi isso aqui, não, meu problema é que eu já aprendi, só que eu tinha desaprendido, quem teve perda de memória, então, recuperar muitas coisas foi maravilhoso.

P: Sim. Assim, eu queria te perguntar também em relação à tua rotina toda, se tu pretende mudar algo a partir daqui, se tu pretende estudar e aí tu quer arrumar outro tipo de emprego, como que funciona essa dinâmica para o teu futuro?

M: Olha, estudar sim, mas enquanto eu não tenho meu serviço, **eu não tenho vergonha nenhuma de ser puta. Não tenho nem vergonha nenhuma de ser uma profissional, porque é dali que eu tiro o sustento do meu filho. Isso aí, isso é um trabalho. Se você parar para ver, isso é um trabalho. Isso é um trabalho, a gente trabalha.** Porque o dinheiro não vem de graça, menina. A gente não chega lá no quarto e fica o dinheiro esperando o dinheiro cair na mão. **Não, a gente trabalha dentro de um quarto.** A gente que trabalha. Quem faz o trabalho é 'nóis'. Então isso é um trabalho, então não, ahn, não vejo motivo, alguma coisa assim, de eu sair, enquanto eu não tenho para mim, isso é um trabalho, vou continuar trabalhando, vou continuar trabalhando como profissional de sexo, continuar sustentando meu filho daí, porque isso para mim é um trabalho e **NÃO É VERGONHOSO.**

P: Perfeito. Tu pode descrever para mim assim, pode ser em 5 palavras uma frase, como que é a tua rotina atual? O que vem à tua cabeça quando tu pensa na tua rotina?

M: Vou trabalhar, né, na minha rotina atual, **é meu trabalho, minhas metas, meus sonhos.** Então é isso que passa na minha cabeça todo dia. Eu vou para o meu trabalho, eu tenho minhas metas para cumprir e **tenho sonhos ainda a realizar. Não é rios de coisas, não. Eu tenho um**

sonho de dar um notebook pro meu filho novamente, né? Eu tenho um sonho de botar minhas tranças outra vez, que não é cara, mas as contas vêm e aí a gente esquece de cuidar um pouco mais, né? de colocar umas tranças que a gente gosta de ser vaidosa, né? E meu único sonho que eu digo todos os dias é nunca faltar nada para os meus filhos. Meu sonho, minha geladeira cheia, as conta paga e meus filhos bem de saúde. Isso aí, you já é feliz tendo isso tudo dentro de casa. As suas contas pagas, geladeiras cheias, seus filhos felizes. Isso já é um sonho realizado. Porque o resto eu digo, vamos embora que a gente corre atrás. O resto a gente corre atrás, não faltando nada para os teus filhos, acho que é um sonho mais realizado que qualquer pessoa pode querer. Eu, pelo menos, sou assim. Não faltou para os meus filhos, eu estou realizada.

P: [REDACTED], minha última pergunta é assim se tu pudesse ter tido a chance de ser só mãe e desistir do teu trabalho, e tu seria uma mãe remunerada, iam ter que pagar para ser mãe do [REDACTED], tu teria desistido do trabalho?

M: Ser remunerada para ser a mãe do [REDACTED]? (+) **Eu acho que isso seria uma coisa errada, porque filho a gente não compra, filho a gente tem**. E para ser remunerada para ser uma mãe, eu acho que essa mãe não teria o mesmo prazer que eu tive (+). Porque você trabalha para sustentar o filho (+). E se você falar para mim ser remunerada como mãe para sustentar o [REDACTED], EU ACEITARIA, com todo prazer do mundo, mas eu não cobraria para ser a mãe do [REDACTED], mas se viesse remuneração para uma pessoa que está trabalhando, porque para mim eu trabalho, eu estou remunerando porque ela trabalha e ela sustenta o filho. Ela não tem dinheiro fixo no mês, ela está na rua para poder sustentar, está chovendo lá fora, está lá fora, está chovendo lá fora, eu vou estar lá fora daqui a pouco para poder levar, comer para o meu filho. Entendeu? E eu acho que toda mãe que nem eu e outras mães além de mim, que está nessa chuva lá fora, deveria sim ter um dinheiro para sustentar o filho dentro de casa, PORQUE ELA ESTÁ LÁ NAQUELA CHUVA LÁ FORA e ela não tem o dinheiro, ela está correndo atrás dele (+) Então, acho que não eu, [REDACTED], só. **Todas as mães que estão embaixo daquela chuva ali deveriam ter o direito de ser remuneradas em dias de chuva**, porque a gente também adoce. E quando a gente fica doente, a gente não tem como cuidar do que a gente tem dentro de casa, que a coisa mais valiosa é os nossos filhos. E aí você doente, queimando de febre, cuidando de uma criança, sem ter de onde tirar aquele dinheiro. Mas a gente não pensa nisso. A gente pensa que quem precisa é as nossas pessoas que a gente mais ama, nossos filhos. Então a gente vem para a chuva para trabalhar meio doente. Se você vê, tem pessoas doentes ali na rua também que trabalham que nem eu, mas está lá na chuva. **Então ‘nois’ todas merecia remuneração**. (+) Isso é uma realidade que ‘nois’ todas merecia e MERECE DE VERDADE.

P: (~)Eu não sei se ficou alguma questão que tu quisesse me contar que eu acabei não perguntando. Eu te disse o meu roteiro, ele é bem flexível, né? Então tem coisas que às vezes eu vou ter perguntando que não estavam aqui, outras que eu pulei porque tu já me respondeu, mas queria que tu me dissesse se tem algo que tu queira me falar e compartilhar comigo(~).

M: Não, foi bom, porque você pegou tudo que tinha, eu acho que tu me pesquisou, né, porque tu catou tudo sobre mim, acho que tu foi lá e fez o relatório, dessa aqui vamos fazer o relatório que eu vou conseguir pegar ela, ela vai abrir pra mim. Não, tu me pesquisou bem, **eu falei tudo que eu vivo, que eu sinto, e que eu acho que todas as mães que trabalham que nem eu deveria ser**. ((Tu tem uma história linda)). Tem mesmo, tem mesmo e precisam mesmo desse

privilégio, porque a gente não tem privilégios, menina, a gente tem luta. **Eu acho que a gente precisa de olhar, entendeu? Aquela mãe precisa de um olhar. Aquela mãe também está trabalhando. A sociedade olha muito para as mães, outros tipos de mães, e não olha para as mães que nem nós.** "Não, a sociedade olha" Claro que a sociedade olha, elas nos vê, elas não nos critica, porque não sabe do nosso trabalho. Quando sabe do nosso trabalho, nos olha diferente. E eu acho que não muda nada, porque nós somos mulheres, guerreiras, BATALHADORAS, igual a todas as mães, **todas as mães mesmo, as mães mais loucas, as mais normais. Nós somos igualzinhos (-) Entendeu? Aí, se tivesse um trabalho remunerado, quem não ia gostar?** Se tivesse um auxílio para a mãe que nem nós, que estamos aí na luta, na rua, para poder, ahn, oh, essa mãe precisa ficar um pouco dentro de casa, dar atenção para o guri, mais atenção ela já dá, mas ela precisa descansar, porque ela também adoce, ela não tem tempo de se cuidar, e ela está ali na rua para não deixar aquela criança passar necessidade, ela não está roubando, eh, ela não está matando, não está fazendo nada, ela está apenas se virando para poder dar o que comer para os filhos que elas têm dentro de casa. Nossa, menina, se tivesse uma remuneração, igual tu falou, seria, olha, maravilhoso. Eu ia amar, eu ia conseguir pelo menos ficar um pouco mais com meu filho, porque eu desejo às vezes também, não é sempre que a gente está com os dias, **oh maravilha, segunda-feira eu estou doida para ir para a rua, não, mas tem que ir.** Porque naquela semana não apareceu faxina, naquela semana não deu certo, não deu nada certo e você tacou as contas no pescoço e tu tem que te virar. Mesmo tu não querendo, você tem que levantar a cabeça, sair pra rua e trabalhar, porque é disso que faz a gente mães. E muitas vezes eu digo, DIFERENTES. Eu falo, como é que eu falei outro dia? Nós somos mães diferentes e somos especiais, porque os nossos filhos nos amam. Nossos filhos nos amam, e isso faz uma diferença enorme, porque ele nos ama sabendo, como é que eu digo para o [REDACTED] "Hoje a mamãe vai trabalhar e a mamãe vai ver se vai trazer o seu leite, o seu ovo" E ele diz para mim "E o refri?" Deixa de ser esperto, guri, refri nada, é suco. "Nescau?" Eu digo "Nescau nada, guri, deixe ser esperto também, porque o Nescau tu nem gosta, mas faz eu trazer o Nescau nem toma, toma leite puro com café". Então, ele é 'tri' esperto perto para seis anos, ele fala para tu tiver falando as coisas, chega na hora H, e ele não, [REDACTED] quer Nescau não quer, quer café com leite. Esses dias eu brinco muito com meu filho, ele fez seis anos e ele entende, quando ele pede café, eu digo "Vai trabalhar, o café tá '50 real".

P: Tá bem caro agora o café.

M: Eu brinco, eu brinco com ele, eu falo, mamãe, sabe quanto custa o café? 50 reais, pede aí pra vó um copinho de café, vai virar pra vizinha, vai pedir lançada, e ele olha pra mim e diz, eu não, mamãe trabalha. Ele tem seis anos, mas é esperto. E eu digo, todas as mães que nem eu merece sim, um pouco de carinho, sabe, menina? porque as pessoas acham que não, a gente tem carinho dos nossos filhos. Eu digo aqui no [REDACTED] também a gente tem um pouco de carinho, eu digo que aqui é como se fosse um coração de mãe. **E quando você entra aqui para ser voluntária, você entra de um jeito e sai de um outro mais especial.** (+) É aqui. (+) **Aqui você entende o passo a passo de cada necessidade, de cada profissional do sexo que passa por aqui.** Então, você tem que estar dentro para entender. E é maravilhoso. E aí você consegue retribuir um pouco de carinho que tu ganha um pouquinho para cada um. E depois você sai para a rua feliz, embora arrumar o meu dinheirinho, porque você é voluntária, a gente não é paga, a

gente está remunerado, é voluntário. Aí depois a gente sai para a rua para trabalhar (++) Vai correr atrás do pão de cada dia.

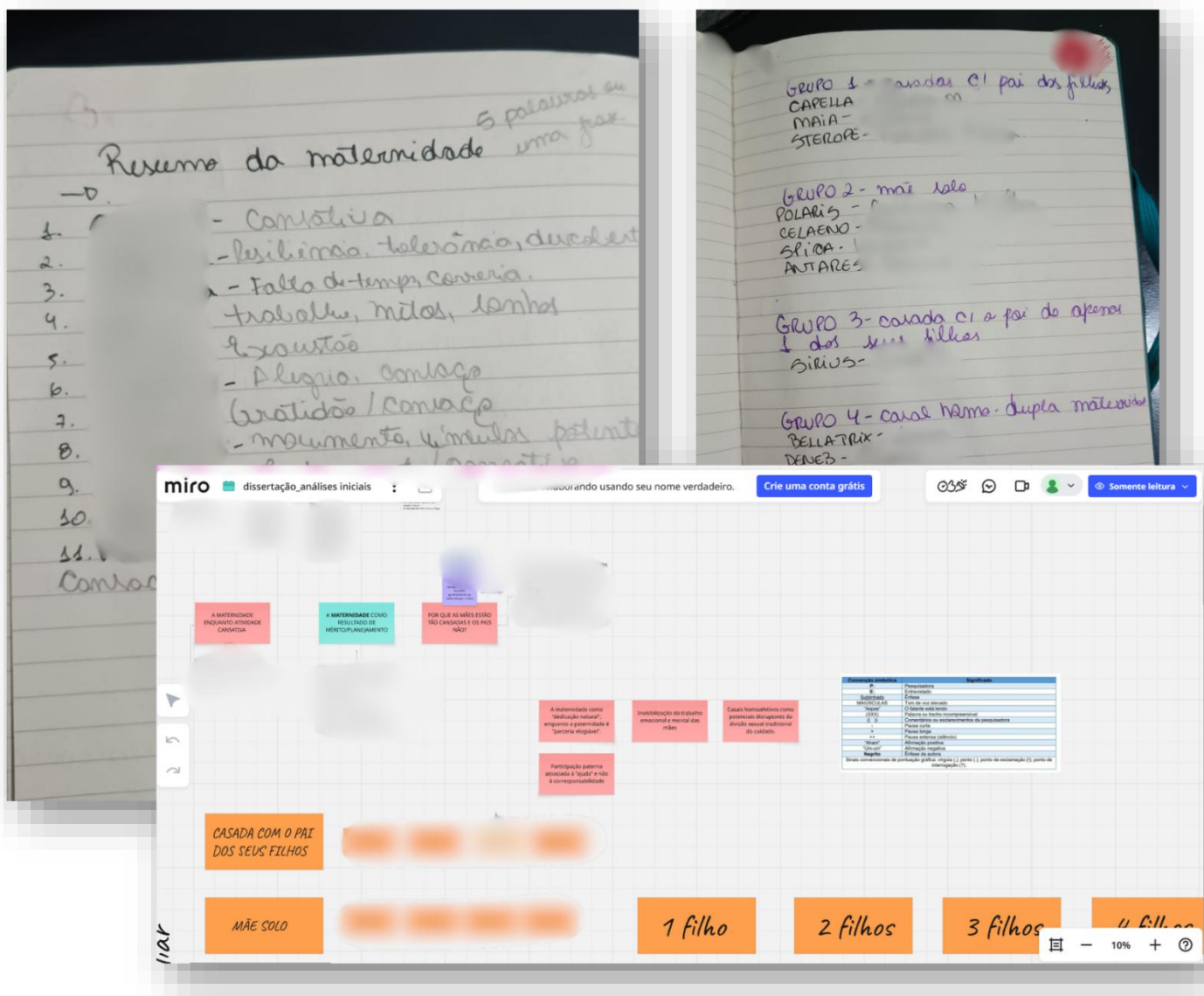
P: É um projeto muito lindo.

M: (XXX) pessoas que nem tu se importe.

P: (~)Imagina, eu fiquei, eu procurei vocês no insta. Daí eu falei com a [REDACTED] e eu fiquei super feliz quando ela falou que tinha uma indicação. E aí agora eu vou te falar. Se tu tiver alguma indicação também de alguma outra menina que trabalha contigo ou aí do [REDACTED] que queira me dar uma entrevista e que seja mãe, eu vou adorar. Daí vocês podem me falar. Tá. Porque eu quero ouvir as histórias de vocês. Eu acho importante, porque estava tudo num roteiro assim de, ai, as profissões de advogada, de empresária, eu não quero ouvir só isso. Eu quero saber a profissão de profissionais do sexo. Eu quero saber a rotina, como que vocês são mães também, sabe? Eu quero entender.(~)

M: Olha, menina, e tu vai ficar 'abobada', vai ficar 'abobada'. Aqui tem mesmo, aqui tem, aqui tem psicóloga. Aqui tem advogadas também que estudaram com o dinheiro da rua. Se formaram com o dinheiro da rua, meninas. Aí eu falei "Oi? Não, estou bege. Quando eu chegar nesse ponto, eu estou no último do patamar." Falei "Vou chegar nessa fase." Falei "Vou chegar nessa fase belíssima delas, porque nós sobe 'degrais', meninas." Eu falo "A gente, sobe, vitoriosa." E foram criando filhos e criando filhos e depois foram estudar e depois formaram. Tem essas histórias aqui, menina.

APÊNDICE E – EXEMPLO DE CADERNO DE CAMPO (FÍSICO E ON-LINE)<sup>5</sup>



<sup>5</sup> As informações sensíveis das anotações foram censuradas.